



Ilana Eleá Santiago

**O Movimento pela Democratização da
Comunicação por jovens universitários: o caso
da ENECOS e sua Regional no Rio de Janeiro**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisitos
parcial para obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Educação do
Departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientador: Prof^a. Maria Aparecida C. Mamede Neves

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2006



Ilana Eleá Santiago

**O Movimento pela Democratização da
Comunicação por jovens universitários: o caso
da ENECOS e sua Regional no Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Maria Aparecida C. Mamede Neves
Orientadora
Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof^a Rosália Maria Duarte
Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof. Paulo César Rodrigues Carrano
UFF

Prof. Paulo Fernando C. de Andrade
Coordenador Setorial do Centro de
Teologia e Ciências Humanas

Rio de Janeiro, 08 de março de 2006.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ilana Eleá Santiago

Graduou-se em Pedagogia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 2002. Faz parte do Diretório de Pesquisa CNPq “Os jovens e a mídia” desde 1999, quando ainda bolsista de Iniciação Científica. Atuou como tutora de cursos à distância oferecidos pela CCEAD (Coordenação Central de Educação à Distância). Especialista em Mídia-Educação pela Università Cattolica di Milano, na Itália, atualmente tem contribuído para as relações internacionais do Curso de Pós Graduação em Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais oferecido pela PUC-Rio, coordenado pela professora Rosália Duarte.

Ficha Catalográfica

Santiago, Ilana Eleá

O movimento pela democratização da comunicação por jovens universitários : o caso da ENECOS e sua regional no Rio de Janeiro / Ilana Eleá Santiago ; orientador: Maria Aparecida Campos Mamede Neves. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Educação, 2006.

144 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação.

Inclui referências bibliográficas.

1. Educação – Teses. 2. Movimento estudantil. 3. Juventude. 4. Mídia. I. Neves, Maria Aparecida Campos Mamede. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Dedico esse trabalho a três mulheres:

À minha mãe Miriam, por ser enzima e amor para tudo o que sinto e sou;
à minha avó Yolanda, por ser raiz, tempo e força;
e à minha tia Márcia, pela presença, coragem e pulso.

Agradecimentos

À professora Aparecida Mamede:

por ter me guiado pelos caminhos do fazer pesquisa desde a Iniciação Científica, por ter não apenas acreditado em mim, mas resgatado meus sonhos, por ser muito mais do que uma orientadora, mas estímulo, bússula e laço;

À minha família, por ser núcleo mesmo quando Bangu, Ilha, Jacarepaguá, Niterói, Petrópolis, Recreio e Vila Isabel são as distâncias;

À professora Rosália Duarte, por incentivar que professores pensem, enamorem-se e utilizem os recursos audiovisuais;

Ao professor Pier Cesare Rivoltella, como brinde ao convênio Brasil-Itália;

Ao corpo docente do Departamento de Educação da PUC-Rio que me recebe e instiga desde a Graduação em Pedagogia, assim como à Janaína e ao Geneci;

Aos meus amigos: Antonio Mamede, Anderson Rosa, Camila Leite, Cecília Fraga, Diana Mandelert, Dinaldo Almendra, Gabriel Lacerda, Flavia Nizia Ribeiro, Flavio de Miranda, Juliana Hu, Luana Lemgruber, Marcio Costa, Magda Pischetola, Paulo Camacho, Roberta Montez, Anna Christina e Ricardo Costeira, Valeria Rotondi e Vick Maia;

A todos os estudantes de Comunicação Social do Brasil que contribuíram para a pesquisa;

Ao meu tio Jaime que não cheguei a conhecer, mas sempre soube ter sido um juvenzinho alegre e carinhoso comigo, *in memoriam*;

Ao Lucas, por ter sido, enquanto pôde, incentivo, brilhantismo e encanto.

Resumo

Santiago, Ilana Eleá; Mamede Neves, Maria Aparecida C. **O movimento pela democratização da comunicação por jovens universitários: o caso da Enecos e sua Regional no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2006, 144p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho priorizou, através de um estudo de caso, o acompanhamento, o registro e a análise das atividades de jovens universitários membros participantes da ENECOS - Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social que lutam pela democratização da comunicação. Foram nove meses de observação participante na Regional Rio de Janeiro, período no qual suas práticas e táticas – inclusive através da Internet - foram postas em foco como forma de analisar um movimento estudantil na contemporaneidade. Além disso, foram realizadas 26 entrevistas sob a forma presencial e aplicados 70 questionários *online*. Dos dados coletados, buscou-se estudar tanto como teriam sido forjadas as concepções de mídia desses estudantes para que optassem por se envolver pela democratização da comunicação, como os caminhos que os teriam incentivado a se organizar coletivamente em nome de ideais. Os resultados apontam que o diálogo do movimento estudantil com os movimentos sociais organizados seja a principal fonte de mediação.

Palavras-chave:

Movimento estudantil, juventude, mídia.

Abstract

Santiago, Ilana Eleá; Mamede Neves, Maria Aparecida C. (Advisor). "**The Young College Student's Movement for Media Democracy: the case of ENECOS in Rio de Janeiro**". Rio de Janeiro, 2006, 144 p. MSc. Dissertation – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work has emphasized, by dint of a case study, the monitoring of a group of young college students who make part of ENECOS (National Executive of Social Communication Students). The study took nine months of participating observance along with students from the branch in Rio de Janeiro, who fight for the democratization of communication. During this period, in which the practices and tactics – including by means of the internet – were put into focus as a way of analyzing a student's movement at present times. Besides that, 26 interviews were made personally and 70 online questionnaires were applied. The data collected was used to research not only how the media conceptions of these students were forged, so that they would choose to be involved by the democratization of communication, but also the ways which could have encouraged them to organize themselves collectively in the name of an ideal. The results indicate the dialog between the student's movement and the organized social movements are the main source of mediation.

Key-words:

Student's movement, youth, media.

Sumário

1. Introdução	11
1.1. Ampliando as razões	13
2. Uma descrição inicial da ENECOS	15
3. Os passos metodológicos	18
3.1 Quando a metodologia faz perguntas à teoria	19
3.2 Os espaços e o “como” observar	20
3.3 Anotando o discurso social: recursos tecnológicos	22
3.4. O lugar da pesquisadora. Entrada e permanência no campo	24
4. Juventude como conceito	27
5. Entre os produtos e os sujeitos, as mediações	34
6. Democratização da Comunicação	37
6.1. Quando a Educação é convidada	40
7. O XII Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social (COBRECOS)	42
7.1. Fazendo as malas com os estudantes	43
7.2. A estrutura do Congresso	45
7.3. Um conflito festivo: Indústria Cultural e questões de gênero	48
7.4. O inesperado para o lugar de pesquisadora	54
7.5. A construção das deliberações	55
7.6. Democracia burocrática: um dilema	58
8. A participação dos universitários na Regional Rio das ENECOS	63

8.1. Os temas circulantes na Regional Rio	66
8.2. As reuniões	67
8.3. Os atrasos	68
8.4. Os murais	70
8.5. O ERECOM-Rio (Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social)	71
8.6. ENECOM: o potencial chamariz para as Regionais	72
9. A lista de discussão da Regional Rio na Internet	74
10. Democratização da comunicação por virtualidades e presenças	80
10.1. A contribuição dos ex-alunos	81
10.2. A pauta virtual de discussão	82
10.3. Telesur: “Nosso norte é o sul”	84
10.4. Ato-show “De Costas para Hélio Costa”	85
10.5. Rádios comunitárias derrubam aviões?	87
11 . Enfim, as entrevistas	89
11.1. A família, a TV e o tempo	90
11.2. Os principais mediadores segundo os estudantes	94
11.3. Lembranças da escola: os grêmios estudantis	98
11.4. Centros acadêmicos, ativar!	99
11.5. A ENECOS como importante mediadora	103
12. Considerações finais	107
13. Bibliografia	114
Anexos	120

“Meu ideal político é a democracia, para que todo homem seja respeitado como indivíduo e nenhum venerado”.

Albert Einstein

1 Introdução

Se fosse possível resumir as intenções desse trabalho, diria que foi construído a partir da articulação do seguinte tripé temático: juventude, movimento social e mídia. A presumível relação entre os campos de problematização moral dos jovens e a mídia vem sendo estudada há longo tempo pelo grupo de pesquisa do Departamento de Educação da PUC-Rio, do qual faço parte e que é coordenado pela professora Maria Aparecida C. Mamede-Neves. Acrescentar, pela ocasião do mestrado, o movimento social como condição para a definição de um objeto de estudo me ofereceu a possibilidade de pesquisar essa relação do jovem com a mídia, a partir de uma outra perspectiva. A ENECOS – Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação – contém os elementos necessários para tal.

Isso porque a entidade, que se apresenta como representativa dos estudantes do curso de Comunicação Social, vem sendo parceira do Movimento Nacional pela Democratização da Comunicação desde os seus primórdios, em 1997. Atualmente, os estudantes ligados a ENECOS têm organizado as Semanas Nacionais pela Democratização da Comunicação (em 2005 fora a terceira edição), por acreditarem que:

“Não há nação democrática, sem haver também democracia na maneira como essa nação se comunica.(...)Mas democratizar a comunicação vai além de quebrar o oligopólio das elites sobre a mídia. Ela deve ter como premissa o direito à comunicação, que não é só o direito ao acesso, mas também à produção e mediação de discursos sociais. (...)O momento é muito propício para essa mudança.(...) É a hora e vez da participação da sociedade. E a atuação dos estudantes de comunicação neste contexto se faz imprescindível. Isso por que nossa formação acadêmica nos permitiu uma visão menos superficial da comunicação contemporânea e, principalmente, por que em breve seremos nós os responsáveis por ela. É por isso que a ENECOS dá tanta importância a luta pela Democratização da Comunicação.” (<http://www.ENECOS.org.br>, acessado em 20/11/2004)

O que me propus, então, foi realizar um estudo sobre os jovens universitários que fazem parte da ENECOS, enfatizando a Regional Rio, principalmente no que concerne à sua relação com o Movimento pela Democratização da Comunicação (MDC). Na verdade, a ENECOS, que é nacional, possui três coordenações: a Geral, a de Comunicação e a de Finanças.

Além dessas, são distribuídas coordenadorias de acordo com a demanda obtida nas diferentes regiões brasileiras. A região sudeste, por exemplo, está atualmente contemplada por três coordenadorias, como mostra o quadro abaixo:

Sudeste (SE)1	SE 2	SE 3	Norte	Centro- Oeste	Sul	Nordeste (NE) 1	NE 2	NE3
SP	RJ	MG ES	PA TO AM	GO	SC POA RGS	BA CE AL	PE PB RN	PI CE MA

Embora tenha definido como proposta principal acompanhar o trabalho da Regional Rio no que diz respeito ao Movimento pela Democratização da Comunicação (MDC), é importante deixar claro que as formas como esses estudantes se organizam, debatem e propõem ações não ficaram dissociadas ao meu olhar. Mais do que – ou concomitantemente a um estudo - sobre a relação desse grupo com a mídia, o que propus foi, principalmente, um estudo sobre jovens. Acredito que, ao colocar foco em organizações juvenis que estejam ocupando o espaço público com o intuito de difundirem idéias e sensibilizarem a população sobre a democratização da comunicação seja uma forma de colocar mais fermento nessa receita para problematizar a questão da juventude na contemporaneidade.

Desse modo, esta dissertação se teceu tendo como objetivo central analisar a forma como foram sendo construídas as concepções de mídia trazidas pelos jovens universitários ligados a ENECOS que apóiam o Movimento Nacional pela Democratização da Comunicação. Desdobrados do objetivo central, constituíram objetivos específicos: verificar as motivações e os entraves que os estudantes encontravam para a participação no movimento estudantil no período em que se realizou a pesquisa; registrar e analisar as práticas/táticas adotadas pela Regional Rio para o alcance dos objetivos propostos pela ENECOS; analisar a forma com que a Regional Rio e o GT (grupo de trabalho) Democratização da Comunicação utilizavam as listas de discussão virtuais.

1.1 Ampliando as razões

Opto por estudar jovens ligados a um movimento estudantil porque, concordando com Reguillo (2000), embora na década de 80 os jovens tenham sido rotulados como desmobilizados pelo consumo e pelas drogas, a partir da década de 90, os mesmos passam a ser pensados como sujeitos com capacidade de mobilização, de atuarem como agentes sociais, tendo o papel ativo reconhecido na capacidade de negociar com instituições e estruturas. Encontro em Abramo mais um estímulo para privilegiar o estudo de jovens ‘engajados’, pois:

“ (...) os jovens só estão relacionados ao tema da cidadania enquanto privação e mote de denúncia e nunca – ou quase nunca – como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de direitos”
(Abramo, 1997:28)

Sabe-se que a participação juvenil é minoritária no nosso país. Como divulgado por Spósito (2003) dentre 34,1 milhões de jovens (Censo 2000), apenas 4% dos jovens brasileiros participam ativamente de movimentos estudantis. De qualquer forma, concordo com Abramo (1998) quando diz que, embora os fenômenos de participação não sejam tão numerosos, podem ser bastante significativos, merecendo, assim serem estudados. Colocar foco em jovens que têm sido capazes de interpelar a sociedade através de suas ações coletivas é uma forma de refutar a idéia de que não têm sido capazes de gerar projetos alternativos, modelos de contraposição e propostas de mudança.

Para Abramo (idem), urge aumentar a capacidade de expressão pública das organizações juvenis para que alcancem os seguintes pontos: a) meios próprios de comunicação; b) realização de eventos; c) introdução de voz nos meios de comunicação; d) ampliar debate/intervenção na opinião pública; e) avaliação periódica; f) organização local, nacional, internacional; g) fóruns.

Assim sendo, penso que estudar a ENECOS me permitiu analisar os pontos acima, pois todas as atividades e abordagens citadas são contempladas pelo grupo. Por outro lado, estudar um movimento juvenil pressupõe entender a educação não apenas como um sistema institucional de ensino, mas, como defende Carrano (2003), como práticas culturais engendradas pelas redes relacionais que se efetivam nos diferentes lugares da cidade. O autor trabalha com uma ampliação da noção do processo educativo, pois ultrapassa fronteiras

disciplinares - as usuais separadoras das noções de educação e cultura - reconhecendo ocultos estruturantes que escapam à institucionalização:

“A ampliação da noção de educação para o conjunto de práticas sociais significa o reconhecimento da multiplicidade de fatores que concorrem para a formação das identidades, ou se quisermos, das múltiplas identidades que se configuram para os sujeitos nos processos de socialização¹ em determinado momento histórico” (Carrano, 2003:15)

Para Reguillo, existem modos de agregação e interação juvenil, cada qual com sua especificidade. Falar em ‘grupo’, ‘coletivo’, ‘movimento juvenil’ e ‘identidades juvenis’ é fazer referência a um conjunto próprio de características. No caso dos estudantes da ENECOS, concordando com a autora, considero-os fazendo parte de um ‘movimento juvenil’, pois está suposta *“a presença de um conflito e de um objeto social em disputa que convoca os atores juvenis ao espaço público com caráter tático, podendo implicar a aliança de diversos coletivos ou grupos”*. (2000:54)

Logo, estudar um grupo universitário que pensa a mídia e propõe alternativas intervencionistas para chamar atenção da população ocupando o espaço público parece-me ser um tema de interesse para educadores. Além disso, ao eleger como um dos objetivos principais a investigação sobre a forma com que os jovens constroem suas concepções de mídia, estou partindo do princípio que esses estudantes construíram representações sobre a mídia muito particulares, não comumente incitadas pelas estruturas institucionais da escola. Sendo assim, como vêm sendo construídas as concepções de mídia por esses jovens universitários que apóiam o MDC? Elas são anteriores à entrada na universidade ou passam a ser trabalhadas no interior das disciplinas de formação de comunicadores sociais?

Finalmente, considero que, para captar a expressão de movimentos juvenis, será de grande valia levar em conta as indicações de Reguillo (2000): estudar como os jovens experimentam o poder; como formulam projetos; quais são suas formas de gestão; as formas de inclusão dos seus membros as estratégias de ‘recrutamento’; as interações com outras organizações no plano horizontal (com outros movimentos sociais) e vertical (com o Estado e instituições governamentais).

¹ Socialização, segundo Simmel (1983) *“é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses”*.

2 Uma descrição inicial da ENECOS

A ENECOS - Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social - foi criada em 1991. Isso não quer dizer que antes da década de 90 os estudantes não se organizassem, pelo contrário. Em 1972 já havia sido realizado o primeiro ENECOM – Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social a partir de uma articulação provisória. Desde então os encontros têm sido garantidos com regularidade, mesmo via diferentes arranjos pensados para por em prática o contato e organização de estudantes de todo o Brasil. Diferentes também foram os nomes escolhidos para simbolizar essa organização, passando por siglas como Enec (1988) e Secune (1990). Independente da nomeação ou da forma, as assembleias e encontros vêm sendo caracterizados pelo enfoque deliberativo baseado em plenárias. A idéia de votar posicionamentos e lutar por eles desenhava uma ambiência estudantil que seria mantida até hoje.

A ENECOS se diferencia das outras executivas de curso por ser a única que promove eleições diretas a nível nacional através de voto individual e secreto baseado em Regimento Eleitoral². De acordo com o Estatuto Eleitoral em vigor, para que alguma chapa possa nomear cargos para a coordenação por um ano, o quorum mínimo de 50% das escolas aptas mais uma escola e 10% do quorum nacional se fazem necessários - processo esse fiscalizado por uma Comissão Eleitoral Nacional (CEN) e por uma Comissão Eleitoral Estadual (CEE), ambas compostas por alunos.

Para ser considerada uma escola apta, o centro acadêmico interessado deve dirigir-se a CEN declarando que promoverá as eleições. Em 2005, 30 escolas em todo o Brasil fizeram parte do processo, sendo que desse total, 19 eram públicas, 8 privadas e 4 confessionais. Para que seja possível olhar esses dados em perspectiva, apenas no Rio de Janeiro há 36 escolas oferecendo cursos de Comunicação Social, o que revela o baixo alcance da representatividade da chapa eleita pela ENECOS em termos quantitativos, pois apenas UFF, UERJ e UFF promoveram eleições.

² Disponível em: http://www.ENECOS.org.br/docs/Regimento_Eleitoral_2005.doc

Região e Número de Escolas por Estado	Número Total de Escolas (2005) ³	Número de Escolas Aptas
Sudeste (RJ- 36, SP-184, ES-14, MG-63)	297	12
Sul (RS-30, SC-24, PR-40)	94	1
Nordeste (BA-34, SE-4, AL-5, PE-18, PB-7, RN-6, CE-12, PI-8, MA-4)	98	12
Norte (RR-2, AM-5, AP-2, PA-11, AC-3, RO-3, TO-6)	32	4
Centro-Oeste (MT-9, MS-13, GO-15, DF-16,)	53	1

A ENECOS, em parceria com os centros acadêmicos filiados, organiza vários encontros ao longo do ano. Logo em janeiro, é realizado o COBRECOS – Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social, com duração de uma semana, quando a Plenária Final aprova um caderno de resoluções para ficar em vigor para o ano corrente através da votação de delegados eleitos. O ERECOM – Encontro Regional de Estudantes de Comunicação Social tem previsão para que aconteça ainda no primeiro semestre, sem duração definida, mas com o objetivo de planejar a atuação do movimento estudantil a nível regional. Na seqüência, o maior e mais antigo dos encontros, o ENECOM – Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social - intenta aproximar estudantes de todo o país, pois não conta apenas com um perfil político, mas lúdico, através de oficinas, núcleos de vivência, mostra de vídeo e festas. Há ainda o CONECOM – Conselho de Entidades de Base de Comunicação Social, realizado duas vezes por ano junto a um seminário sobre um tema específico, que culmina com a votação em plenária e possui duração média de três dias.

Como a chapa eleita para a ENECOS conta com a nomeação de coordenadores regionais, são os mesmos que organizarão reuniões junto aos centros acadêmicos, ensejando o estudo, planejamento e ações entre os estudantes durante o ano. Para facilitar a comunicação entre eles, são mantidos desde 2001 os GET –

³ http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_cursos.asp

Grupos de Estudo e Trabalho, através de listas de discussão virtuais, nas quais todo interessado pode participar. A cada ano a eficácia de cada GET é avaliada, podendo ser extintos ou criados novos temas para aprofundamento.

Atualmente estão em funcionamento os seguintes GETs: Qualidade de Formação, Combate às Opressões e Democratização da Comunicação – além dos de Políticas de Finanças e Políticas de Comunicação da ENECOS, tidos como obrigatórios para que a organização da Executiva possa ser mantida. Foi a partir do GET Democratização da Comunicação que em 2003 fora realizada a Semana Nacional pela Democratização da Comunicação, evento que em 2005 completou sua terceira edição e tem servido de base para somar forças junto a diferentes entidades e movimentos sociais.

A ENECOS tem interesse em dialogar com diferentes setores da sociedade civil organizada, como demonstrado pela sua reconhecida atuação junto ao FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, fazendo parte, inclusive – de 1994 a 2005 - da sua coordenação. Importante lembrar que a conquista dos canais de utilidade pública das tevês por assinatura (Comunitário, Legislativo, Universitário e Educativo) foi resultado dessa articulação (Lei n.º 8.977/95). Ainda como fruto de parceria dessa natureza foi encaminhado em 1994 um projeto de lei sobre a regulamentação do estágio em Jornalismo, que não fora aprovado.

Aliás, desde 1995 que a Executiva passara a organizar o Movimento Nacional pela Qualidade de Ensino em Comunicação Social (mais tarde denominado Movimento Nacional pela Qualidade de Formação) gerando campanhas como “Fiscalize sua Escola” (1996) – quando foram distribuídas quase 20 mil cartilhas, 2 mil cartazes e mais de 20 mil adesivos, “Boicote ao Provão”(1998) – que conseguiu 10,6% de provas em branco no Jornalismo – “Para barrar essa Reforma Universitária” (2005) e “Boicote ao Enade” (2005). Mais uma vez a ENECOS não tenta atuar sozinha, mas associa-se a entidades do setor acadêmico, profissional e social como FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação), ABECOM (Associação Brasileira de Escolas de Comunicação), Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação), FITERT (Federação Interestadual dos Trabalhadores em Empresas de Rádio e TV), e UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação).

3 Os passos metodológicos

Como fiz a opção de realizar um estudo que atentasse às dinâmicas de um movimento estudantil e, mais especificamente, à construção de significados sobre a mídia entre um grupo de jovens, a ênfase em uma abordagem qualitativa me pareceu como um suporte mais apropriado. Como veremos adiante, tal escolha não engessa a gama de instrumentos utilizados em sua construção. Para Brandão,

“ (...) a complexidade dos fenômenos sociais implica a impropriedade de qualquer ortodoxia metodológica e a necessidade de combinar angulações diferentes dos mesmos objetos. (2002, p.28)

Para tal, foi priorizado o estudo de caso etnográfico (Dauster, 1997), pois esta abordagem, além de permitir descrever a complexidade de um caso específico a partir de diferentes técnicas de pesquisa – a observação participante e as entrevistas tornam-se companheiras - não traz a responsabilidade de se realizar uma etnografia, com toda a sua forma extremamente minuciosa, profunda e prolongada de observar.

O que o estudo de caso com base etnográfica herda da etnografia é a inspiração para o trabalho de campo e com ele, a observação atenta da realidade que se pretende investigar. Sociabilidades, lógicas e significados passam a ser observados e descritos a partir do ponto de vista do “outro”, o que inclui os termos e as maneiras de expressar valores, crenças e atitudes nativas. Através da observação participante foi possível acompanhar as práticas e táticas de um movimento estudantil, suas abordagens e produções textuais, além de aspectos organizacionais e avaliativos.

Assim, o estudo de caso com base etnográfica se baseia na fala de Geertz (1989:14), segundo o qual quando há busca de significados, a observação, o registro e a análise passam a ser transformados em anotações sobre discurso social, o que transforma acontecimentos passados em relatos interpretativos descritos com densidade. Identificar regularidades, símbolos, sistemas de relações e categorias que possam oferecer sentido analítico–interpretativo lhe é indissociável.

Por observação participante estou entendendo a abordagem antropológica tão bem resumida por Loureiro (2003:22): a aproximação do pesquisador ao local e aos sujeitos de onde os fenômenos emergem, procurando perceber as experiências cotidianas, a rotina, a organização física e espacial do espaço, a cultura material, os rituais e as condições em que os sujeitos atuam e assim, descrevê-los de forma densa.

3.1 Quando a metodologia faz perguntas à teoria

Como a minha pergunta não se restringia às formas como se organizam esses estudantes, mas às maneiras como foram construindo suas concepções sobre a mídia ao longo de suas histórias, considerei adequada a utilização de entrevistas. Da consideração intuitiva à ação foram longos os parênteses. Tudo o que eu sabia era que as perguntas que eu me fazia estavam ancoradas na Teoria das Mediações, indicada por Martín-Barbero (1997) e pensada em termos metodológicos por Orozco (1996). Interessava-me estudar não os produtos midiáticos, mas como os sujeitos lidam, interpretam e re-significam as informações e valores transmitidos pela mídia. Mas como fazer isso?

No campo da comunicação social, a Teoria das Mediações tem sido muito utilizada para fundamentar os estudos de recepção. Mas poderia a minha pesquisa ser classificada como uma pesquisa de recepção? Afinal, o que me interessava saber eram as posturas, idéias e formas que esses estudantes estavam usando para avaliar a mídia no decorrer do tempo - e não os caminhos interpretativos desenhados por eles a partir de algum produto audiovisual específico. Eu não queria saber o que pensavam e como viam o “telejornal x” ou a “telenovela y”. A minha busca sempre foi pelas *concepções* de mídia, pelos julgamentos, aproximações, afastamentos, gostos e críticas que esses estudantes se vêm construindo ao longo de suas histórias.

Para Brandão (2002), quando as fronteiras entre as áreas do conhecimento são flexibilizadas, torna-se necessário manter-se atento para as questões que os campos circunvizinhos enfrentam no trato de seus objetos. Alerta a essa recomendação, depois de diferentes leituras, idas a congressos (ALAIIC;

Compós 2005⁴) e conversas com pesquisadores da área de Comunicação Social – que passaram a fazer parte da minha rotineira busca para fundamentar metodologicamente o estudo – percebi que o que me propunha não era um estudo de recepção.

O estudo de recepção realmente pressupõe algum produto midiático como base, seja ele audiovisual, impresso, virtual ou radiofônico. Mas isso não impedia a legitimidade do estudo das fontes de mediação através das entrevistas. O contato com a dissertação de mestrado de Guerin (2000) foi revelador para essa constatação. A autora mostra a exequibilidade da utilização da técnica de história de vida como instrumento viável para os estudos das mediações, além de localizar a sua preocupação metodológica com a de pesquisadores como Immacolata (2000:120), ao sublinhar que a tradução da teoria das mediações em projetos de investigação empírica seja o principal desafio dos estudos latino-americanos.

3.2 Os espaços e o “como” observar

Para Da Matta (1981:22), “o problema não é o de somente reproduzir e observar o fenômeno, mas substancialmente o de *como* observa-lo” e essa questão eu percebi, logo de início, que me seria bastante cara. Isso porque como esse grupo de estudantes específico encontra no mundo virtual formas complementares de expressão, de troca e de divulgação de idéias, considereei desperdício limitar a observação participante aos encontros, reuniões e congressos promovidos presencialmente. Passei a incluir à observação participante no “campo presencial” os percursos no “campo virtual” do grupo, através da inscrição e acompanhamento das listas de discussão, além de trocas de mensagens *online*.

Seguindo ainda instigada pelo “como observar”, estendi a realização de entrevistas aos estudantes oriundos de outros estados. Estar presente no COBRECOS – Congresso Brasileiros de Estudantes de Comunicação Social - durante toda a semana em que foi realizado me deu a oportunidade de não apenas observar, mas de entrar em contato com universitários de diferentes lugares do Brasil. Jovens do Pará, de Alagoas, do Maranhão, de Minas Gerais, do Sul, todos

⁴ ALAIC – Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

circulavam por entre as mesas de debate, grupos de discussão e pelo improvisado refeitório.

Fiquei hospedada no mesmo alojamento que os estudantes, ou seja, no ginásio poliesportivo da FAESA (Espírito Santo, Vitória), faculdade-sede do encontro, por onde se subteve: fazer do saco de dormir uma cama e sentir falta de ao menos um ventilador para amenizar o forte calor; tomar banho no mesmo vestuário que as universitárias – sem divisórias; alimentar-me das quentinhas servidas nas três refeições diárias, estar à uma hora de ônibus de distância do centro de Vitória, ou seja, passar praticamente uma semana inteira isolada no campus. A intensidade desse contato foi fundamental para que me aproximasse do grupo. Quem resistiria? Sabia que tinha me proposto a observar o dia-a-dia da ENECOS no Rio de Janeiro. Os estudantes cariocas ainda me veriam por alguns meses observando suas reuniões e trocas de mensagens virtuais. Mas e esses estudantes com tantos sotaques, quando eu poderia reencontrar?

Num primeiro olhar, essa preocupação poderia soar excessiva. Afinal, o meu foco de estudo eram os estudantes de comunicação social que participam do movimento estudantil promovido pela ENECOS no Rio de Janeiro. Por que interrogar diferentes sotaques?

Achei que assim fazendo teria outras pistas, já que o movimento no Rio de Janeiro era pequeno, com uma média de 8 pessoas participando ativamente. Quis saber o que acontecia em outros contextos, em outras cidades. Estar no COBRECOS me permitiu esse contato e eu não quis desperdiçar. Pelo contrário, me deixou ainda mais instigada. Acho que esse manejo e improviso fazem com que eu veja o “fazer pesquisa”, de fato, como uma grande aventura – a aventura sociológica (Nunes,1978).

A ENECOS divide o Brasil em 9 “regionais”, como dito anteriormente. No intuito de conseguir depoimentos de estudantes provenientes de diferentes regionais da ENECOS, além de garantir equilíbrio entre homens e mulheres, escolhi aleatoriamente estudantes que pudessem representar essas categorias. Entrevistei 13 estudantes, entre 18 e 23 anos (apenas um estudante tem 27 anos): 7 moças (Maranhão, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Pará, Alagoas) e 5 rapazes (São Paulo, Porto Alegre, 2 de Alagoas e Minas Gerais), conseguindo assim ouvir depoimentos a partir de diferentes contextos regionais.

Como o ritmo de atividades no Congresso era muito intenso, fiz as entrevistas na hora das refeições ou ao cair da noite, sempre ao ar livre – ora debaixo de árvores para saciar o calor de uma Vitória em pleno verão, ora sentada em paralelepípedos entre formigas e céus estrelados. Banquinhos em jardins, escadas, cantina: onde os estudantes se sentissem mais à vontade, eu me aproximava com o gravador e perguntas no bolso.

3.3

Anotando o discurso social: recursos tecnológicos

Importante ressaltar que recursos de áudio, foto e vídeo – além do papel e da caneta – estiveram presentes não apenas na observação, mas para as entrevistas. Tive o cuidado de sempre perguntar sobre a pertinência da utilização desses recursos, que só foi descrita como negativa uma vez e por isso, imediatamente suspensa. Mas em linhas gerais, talvez por serem estudantes de Comunicação Social e estarem familiarizados com a entrada de gravadores, microfones e câmeras de vídeo, a presença dos mesmos, diziam, não incomodava⁵. Ao final do trabalho, acumulei 22 fitas com gravações audiovisuais, num total de 33 horas de material.

Lidar com a entrevista é lidar com o outro, é ser um arqueólogo de falas e gestos. As entrevistas permitem ao pesquisador, se bem realizadas:

“(...) uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecessem no interior daquele grupo (...)”
(Duarte:2004, p.2)

Um outro ponto foi muito importante para os passos metodológicos subsequentes: assim que as delegações de diferentes partes do Brasil chegavam à sede da FAESA com seus colchonetes e mochilas, eram lembradas pela C.O (Comissão Organizadora do COBRECOS) sobre a necessidade de entregarem todas as fichas de inscrição do grupo. A ficha pedia informações como nome,

⁵ “Transformídia” é o nome do vídeo que produzi a partir do trabalho de campo, com duração de 30 minutos e que representa a síntese da observação participante realizada junto a ENECOS.

universidade, estado, *e-mail*, período, curso e a participação em outros encontros da ENECOS. Perguntava ainda se o estudante seguiria para o FSM (Fórum Social Mundial), pois muitos saíam de Vitória diretamente para Porto Alegre, rumo ao Acampamento da Juventude. A democratização da comunicação teria um espaço próprio para discussão no FSM e isso os motivava ainda mais o investir na “dobradinha”.

Por mais que a grande maioria dos estudantes que estavam no COBRECOS tenha priorizado continuar viagem, o reduzido intervalo entre o final do COBRECOS e o início do FSM acabou por fazer com que alguns estudantes optassem por participar de apenas um dos eventos: uns por causa do estágio – não conseguiriam ser liberados mais de uma semana; outros por falta de recursos financeiros ou ainda, por acharem que quase vinte dias morando em mochila e dormindo em saco de dormir seria cansativo. Essa teria sido uma das justificativas levantadas pela C.O para o “esvaziamento do encontro”. A C.O previa que as inscrições beirassem três centenas de participantes, mas contou com aproximadamente 180 estudantes, os “realmente interessados pela discussão política da ENECOS”, segundo os mesmos.

Pedi autorização para ter acesso às informações das fichas, a C.O se comprometeu em me repassar os dados assim que fossem digitados. Todo dia eu perguntava se já tinham digitado e as respostas não eram animadoras. Receosa em não conseguir voltar para casa com essas informações, não hesitei. Ofereci-me para digitar todas as fichas, contanto que pudesse levar uma cópia para a pesquisa. E assim foi feito. Quando voltei para o Rio, estava com as linhas iniciais para uma visão um pouco mais de cima, de sobrevôo, dos estudantes. Podia dizer de quais universidades tinham vindo, em qual período estavam, se já tinham estado em outros eventos promovidos pela ENECOS.

Por essa via, foi posto à disposição da pesquisa a lista contendo os *e-mails* de todos os participantes. Esses contatos chamaram a atenção para a possibilidade de serem aplicados questionários⁶ a esses 180 alunos, oriundos de diferentes estados brasileiros. Tendo ciência da brevidade do tempo disponível para a realização da dissertação, o que propus não foi um alcance de comprovações estatísticas elaboradas através de um instrumento robusto, mas um questionário

⁶ Uma cópia do questionário enviado segue em anexo.

reduzido, enviado pela Internet. A utilização de questionários, a meu ver, não descaracteriza o pressuposto dessa pesquisa, pois devido ao seu caráter exploratório inicial, teve como objetivo oferecer pinceladas específicas sobre estudantes de outras partes do Brasil. Seriam esses estudantes oriundos de universidades públicas ou particulares? Auxiliariam na renda familiar? Como poderia ser caracterizada a familiaridade do grupo com as novas tecnologias? E o primeiro contato com a ENECOS, como foi dado, através de quem? Essas foram algumas perguntas do levantamento, para as quais obtive 70 respostas.

3.4

O lugar da pesquisadora. Entrada e permanência no campo

Foram observadas no período de novembro de 2004 a julho de 2005 - das 23 reuniões marcadas, 19 sessões que duravam em média 3 horas cada uma. Esses encontros não aconteciam em um local fixo, embora a UERJ tenha sediado o maior número de encontros (oito vezes), seguida pela UFF (quatro vezes). Pinheiro Guimarães e Estácio-Bispo foram ponto de encontro duas vezes e a PUC-Rio, uma vez. A sede da TV Comunitária do Rio de Janeiro foi palco de reuniões de planejamento para o ato de lançamento da Telesul⁷ (três vezes) e um debate promovido pelo Sindipetro foi divulgado uma vez. Além das reuniões, participei por sete dias consecutivos do XII Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social⁸ (COBRECOS), realizado no início do ano em Vitória, no Espírito Santo e dos três dias de duração do Erecom – Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social, realizado em um colégio de aplicação do Rio de Janeiro. Também estive presente no maior encontro realizado por esses estudantes, o ENECOM – Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, realizado durante uma semana na UFAL – Universidade Federal de Alagoas, em setembro de 2005.

Acompanhei os dois atos públicos pensados pela Regional Rio: o primeiro, em julho, chamava atenção para o lançamento da Telesul, o que incluiu a exibição

⁷ Emissora multiestatal idealizada pelo então presidente da Venezuela Hugo Chávez, administrada também por Argentina, Uruguai e Cuba e com transmissão bilíngüe voltada para mostrar as lutas dos povos da América Latina.

⁸ O artigo “O Movimento pela Democratização da Comunicação por jovens universitários” produzido a partir dessa observação, foi apresentado por mim na USP (maio 2005).

de fochas, distribuição de folhetos e a projeção do filme “A revolução não será televisionada”⁹ em praça pública, mais especificamente nos Arcos da Lapa. Em outubro, por conta da III Semana Nacional pela Democratização da Comunicação, pude acompanhar o segundo ato público, intitulado “De costas para Hélio Costa” – o então Ministro das Comunicações. Estudantes reunidos a diferentes movimentos sociais organizaram na Praça XV uma movimentação que incluía passeata com fochas e cartazes, o lacramento simbólico da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), com distribuição de folhetos, carro de som e apresentação de diferentes grupos musicais.

Estar presente, observando as reuniões promovidas pela ENECOS no Rio de Janeiro (Regional Rio); acompanhar as táticas e práticas adotadas pelos estudantes; participar dos principais eventos promovidos pela entidade, acompanhar as discussões virtuais, analisar as produções textuais e materiais de divulgação (panfletos, cartazes) foram passos realizados na busca de uma imersão no campo, para que possibilitasse o maior detalhamento possível. Diário de campo, notas, registros sonoros e audiovisuais passaram a fazer parte desse contexto. Cheguei a pensar que, por estar utilizando equipamento para registro audiovisual em todas as observações, poderia estar construindo uma vídeo-etnografia. Mas fazendo uma leitura inicial sobre a bibliografia disponível sobre antropologia visual, percebi que esse é um campo específico, com seus pressupostos e metodologias. O que eu fiz foi apenas me apropriar de mais um recurso tecnológico para o registro das reuniões.

Devido à proximidade de idade e postura, a minha presença pareceu não chamar tanta atenção. Participei do congresso, das reuniões e dos encontros me vestindo de maneira tão informal quanto o grupo. Em nenhum momento quis atrelar ao meu lugar de investigadora uma personagem formal, distante e objetiva. Isso não impedia que a minha posição naquele espaço social não tenha conseguido ficar, com o tempo, bem delimitada - ao menos para mim. Se o grupo não conhecia esses limites – e não os defini *à priori*, por acreditar que assustaria e engessaria o contato. Com o passar dos dias, tanto eles como eu fomos aprendendo esses demarcas.

⁹ O documentário “The revolution will not be televised” foi filmado e dirigido pelos irlandeses Kim Bartley e Donnacha O’Briain, apresentando os acontecimentos do golpe contra o governo do presidente Hugo Chávez, em abril de 2002, na Venezuela. Duração:74 minutos.

O fato de o grupo estudado ser formado por estudantes universitários, urbanos - alguns com noções de antropologia - reforçou a ida para esse lado. Ouvia todo o tipo de pergunta, desde interrogações sobre a metodologia, abordagem, até nome de orientador e motivações. “Mas que interesse alguém da Educação pode ter pelos estudantes de Comunicação?”, “Qual é a sua pergunta de pesquisa?”, “O que você está achando do COBRECOS, era o que você esperava?” foram algumas das diretivas lançadas a cada passo dado. Quando as mesmas ganhavam um teor comprometedor, eu me esquivava com suavidade, lembrando que meu papel naquele momento era outro, era muito mais de ouvi-los, de acompanhá-los, de ler o que produziam do que já ir colocando conclusões ou tecendo interpretações.

Aprendi assim que o distanciamento pode ficar bem em nossos pressupostos, como guia de nossos olhares e encadeamento de perguntas e relações, mas não necessariamente como forma de integração. Depois dos primeiros dias de convivência, não foram poucas às vezes que me diziam: “nossa, desculpa! Toda hora eu me esqueço que você está fazendo pesquisa!”. A aproximação em empatia com o grupo, conversações informais e contato prolongado deixava-os muito à vontade e era isso que eu buscava: uma atmosfera agradável de observação não apenas para mim, mas também para eles.

Só depois de nove meses de contato, da participação nos congressos, encontros, reuniões e eventos promovidos pela ENECOS no Rio de Janeiro, além do acompanhamento das listas de discussão, das comunidades virtuais e de trocas de mensagens por *e-mail*, que optei por realizar entrevistas formais com os estudantes mais ativos na Regional Rio. Foram selecionados dois estudantes de cada universidade (UERJ, UFF, PUC-Rio, UNESA, Pinheiro Guimarães e UNICARIOCA) compondo um conjunto de 11 universitários. Além disso, todo o material produzido, apoiado e divulgado pela ENECOS no período da observação (novembro de 2004 a julho de 2005; mais sete dias consecutivos em setembro – ENECOM e o acompanhamento de um ato público em outubro) foi utilizado para a análise.

4 Juventude como conceito

Não seria adequado apresentar uma pesquisa que teve como foco um estudo sobre jovens sem antes explicitar qual conceito de juventude foi tomado como base. Nesse sentido, a discussão fomentada por Margulis e Urresti (1998), para mim, trouxe brilho ao emaranhado de ambigüidades e simplificações tão freqüentes quando a definição dessa categoria tenta ser apresentada como ponto de partida. No entendimento desses dois autores, “a juventude é mais do que uma palavra” (idem), ultrapassando, devido à sua complexidade, as definições apressadas que encontram nas faixas etárias um crivo demarcador.

As idades não podem definir a juventude, justamente por a mesma ser múltipla e relativa, não existente no singular. A juventude não existe enquanto categoria *per se*, mas se desdobra em matizes que as características de cada geração, classe, lugar, linguagens e formas de socialidade contribuem para configurar.

A contextualização histórica se torna imprescindível para alicerçar debates sobre esse tema, pois não se pode perder de vista que a juventude, como etapa da vida com idiosincrasias próprias, aparece diferenciada na sociedade ocidental apenas a partir do séc. XVIII e XIX. Somente então a juventude começa a ser identificada como período em que se goza certos privilégios, um período de permissividade que se situa entre a maturidade biológica e a maturidade social, que legitima socialmente um tempo livre, desprovido de maiores exigências e com posterga de demandas.

Esta “moratória social”, nos termos propostos por Margulis e Urresti (1998) é um privilégio para certos jovens, pois ter a possibilidade de retardar o momento de assumir de forma plena as responsabilidades econômicas e familiares não é uma possibilidade para todas as classes sociais:

A moratória social alude ao que, com a modernidade, grupos crescentes, que pertencem comumente a setores sociais médios e altos, postergam a idade do casamento e da procriação para que durante um período cada vez mais prolongado, tenham a oportunidade de estudar e de avançar a sua capacitação em instituições de ensino (...)

(Margulis e Urresti, 1998, p.5)

Sabe-se, entretanto, que muitos jovens são impelidos a trabalhar desde a infância ou adolescência, muitas vezes abandonando a escola para contribuírem para a renda familiar. Se esses jovens não podem gozar da moratória social, os mesmos não poderiam por essa ótica ser considerados, então, jovens?

Para desfazer esse impasse – introduzido no texto pelos próprios autores - Margulis e Urresti acrescentam a idéia de “moratória vital”: não é porque se basear no corpo como a manifestação primeira e mais evidente da juventude seja reducionista que a idade não deva ser levada em conta para se pensar a juventude como categoria social. Independente da moratória social, jovens são todos aqueles que gozam de um “plus de tempo, um excedente temporal, que é consideravelmente maior que das gerações anteriores coexistentes”. (1998, p.10)

Margulis e Urresti chamam de “facticidade” a relação existente entre essas duas moratórias, a social e a vital, pois combinadas levam ao entendimento de que “a juventude não seja apenas uma palavra, uma estética ou uma moratória social, mas um posicionamento temporal” (1998,p.10). A dita estética jovem tem sido utilizada como termômetro para classificar a juventude, mas segundo os autores essa percepção não tem força para encerrar o conceito. Se a juventude é processada como motivo estético ou fetiche publicitário, através de estilos de vida, gostos, preferências, looks, imagens e indumentárias, Margulis e Urresti (1998) entendem que esse conjunto de signos desenha não a juventude, mas a juvenilização – oferecida como produto mercadológico, podendo ser adquirido por aqueles que desejarem consumi-lo independentes da idade. Para ficar claro a definição do conceito de juventude defendido, além de categorizar a juvenilização, os autores distinguem a juventude da jovialidade, ou seja, do jovem com o juvenil.

Isso significa que é possível ser juvenil sem ser jovem. Por outro lado, não é verdadeiro que para ser jovem a ostentação dos ditos signos da juventude (juvenilização) deva estar presente. Daí a importância do acréscimo da idéia de moratória vital, pois instaura um menor espaço de irreversibilidade para os caminhos escolhidos, potencializando-se as possibilidades de entrega ao “hoje” pelos jovens, pois a impressão de ser ter ainda muito tempo pela frente torna-se vívida e pulsante.

Os questionários aplicados aos 70 universitários ligados a ENECOS demonstraram a aplicabilidade do conceito de moratória social nesse grupo. As tabelas abaixo servem de referência para a discussão.

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	18-19 anos	11	15,7	16,4	16,4
	20-21 anos	27	38,6	40,3	56,7
	22-23 anos	25	35,7	37,3	94,0
	24 anos ou mais	4	5,7	6,0	100,0
	Total	67	95,7	100,0	
Missing	-99	2	2,9		
	System	1	1,4		
	Total	3	4,3		
Total		70	100,0		

Você auxilia na renda familiar?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	14	19,7	20,6	20,6
	não	54	76,1	79,4	100,0
	Total	68	95,8	100,0	
Missing	-99	1	1,4		
	System	2	2,8		
	Total	3	4,2		
Total		70	100,0		

Com quem você mora?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	com os pais	54	76,1	78,3	78,3
	sozinho	5	7,0	7,2	85,5
	em república	8	11,3	11,6	97,1
	com namorado	1	1,4	1,4	98,6
	com parentes	1	1,4	1,4	100,0
	Total	70	97,2	100,0	
Missing	System	2	2,8		
Total		71	100,0		

Como se pode ver, os estudantes que responderam ao questionário estavam situados na faixa de 18 a 24 anos e além de serem universitários, eram solteiros, não tinham filhos e 79,80% não contribuíam para a renda familiar. Vale a pena ressaltar que, o grupo não apresenta indícios de atraso escolar, pois, inclusive, dos 4 estudantes com mais de 24 anos, 3 estavam cursando a segunda faculdade ou habilitação.

As tabelas abaixo trazem informações complementares:

Você trabalha?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	-99	5	7,0	7,2	7,2
	sim	19	26,8	27,5	34,8
	não	45	63,4	65,2	100,0
	Total	69	97,2	100,0	
Missing	System	2	2,8		
Total		71	100,0		

Você faz estágio?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	32	45,1	46,4	46,4
	não	37	52,1	53,6	100,0
	Total	69	97,2	100,0	
Missing	System	2	2,8		
Total		71	100,0		

Qual turno?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	manhã	35	50,0	52,2	52,2
	tarde	10	14,3	14,9	67,2
	noite	15	21,4	22,4	89,6
	Integral	7	10,0	10,4	100,0
	Total	67	95,7	100,0	
Missing	-99	2	2,9		
	System	1	1,4		
	Total	3	4,3		
Total		70	100,0		

O emprego é na área de Comunicação Social?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	não	8	11,3	11,6	11,6
	sim	32	45,1	46,4	58,0
	não trabalho	29	40,8	42,0	100,0
	Total	69	97,2	100,0	
Missing	System	2	2,8		
Total		71	100,0		

Os universitários que trabalham comumente optam por estudar a noite. Do grupo pesquisado, entretanto, apenas 22,4% estão inscritos no turno noturno. Para confirmar minha hipótese de que esses estudantes podem desfrutar da moratória social, a informação de que 63,4% dos estudantes não trabalham parece significativa. Dentre os que estudam e trabalham, no entanto, 45,1% estão inseridos dentro da área de Comunicação Social, o que somado a informação de que 76,1% não auxiliam na renda familiar delineia uma postura específica: o trabalho não precisa ter conotação de necessidade de responsabilidade financeira, sendo visto muito mais como uma instância formativa, de aperfeiçoamento profissional.

Não se pode esquecer que 45,1% dos atores fazem estágio – situação que é posta em reflexão pelo próprio grupo, principalmente por considerarem que a forma como esse espaço de formação tem sido posto em prática tem deixado

muitas lacunas. No ERECOM-Rio 2005 (Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social), cujo o tema foi a Qualidade de Formação do Comunicador Social, a questão da regulamentação do estágio foi priorizada.

Os estudantes reivindicam que as atividades propostas pela instituição empregadora deverão estar circunscritas ao conhecimento específico da área de Comunicação Social e não de secretariado ou serviços contínuos. Esses atores ainda criticam a atual política de contratação de estagiários sem remuneração (ou com remuneração insignificante, segundo os mesmos) para que assumam a vaga como jornalistas profissionais, assinando matérias sem o acompanhamento condizente. Essa prática faz com que se configure um espaço no qual a dispensa por contratações efetivas em nome da utilização de “mão-de-obra estudantil” continue em vigor – o que é avaliado como o grupo como extremamente negativo.

A estudante Sue¹⁰, então coordenadora da Regional São Paulo, foi convidada pela Regional Rio para compor uma mesa no ERECOM-Rio e discursar sobre essa questão, quando fez provocações ao auditório. Sue questionava o papel da universidade que tem encaminhado cada vez mais cedo os estudantes ao estágio. Por que não haveria estímulo para que os estudantes pudessem se dedicar mais à universidade, à Iniciação Científica, ao contato com os movimentos sociais?

Estipulando que os estudantes devam procurar estágios o quanto antes, esvazia-se um tempo que poderia ser de organização estudantil, reflexões e práticas de atuação na comunidade, assim como momento para se produzir de forma mais independente. Eles não querem ter que desde cedo aprender a trabalhar segundo os padrões dos manuais de redação – dizem que isso se aprende quando se é contratado - mas para experimentarem o tempo universitário como possibilidade de criar novas linguagens, abordagens e formatos em Comunicação Social. Os estudantes pedem espaço e tempo para se experimentarem enquanto criativos, críticos e transformadores sociais. Sem perceberem, esses jovens lutam para que uma moratória universitária seja instituída.

¹⁰ A pedido dos estudantes, os nomes não são fictícios. Aceitei a requisição dos mesmos por dois motivos. Primeiro por ter passado os nove meses da observação participante fazendo registros audiovisuais do grupo, ou seja, ali suas idéias e ações estavam explicitamente vinculadas às suas imagens e segundo pelos estudantes se perceberem como pessoas públicas, devido ao envolvimento com o movimento estudantil.

Fica delimitado a partir das tabelas que o grupo estudado está marcado pelo privilégio de desfrutar da moratória social – por lhes poder ser oferecido um *tempo livre* para que se dediquem somente ao estudo, sem a necessidade de arcar com responsabilidades financeiras. Para Margulis e Urresti (1998), não é qualquer tempo livre que contribui para que configure a moratória social. Os autores chamam atenção para o fato de que muitos jovens das classes populares também podem gozar de abundante tempo livre, mas se as condições para a existência desse tempo são devido à falta de oportunidades, podem se instaurar a culpa, a marginalidade, delinqüência e desespero – sensações opostas às de incentivo e compreensão oferecidos quando a família pode escolher oferecer os parênteses temporais aos jovens.

O que chamou atenção para a essa pesquisa foi a possibilidade de perguntar por que esse grupo de jovens tem optado por utilizar seus tempos livres para além da dedicação às salas de aula, extrapolando os muros da universidade para convidar a sociedade a pensar junto como eles dentre outras coisas, o sistema de comunicação social brasileiro. Para essa discussão, faço com que Margulis e Urresti passem o bastão a Martín-Barbero, meu companheiro de viagem para pensar as mediações.

5

Entre os produtos e os sujeitos, as mediações

Ao eleger como objetivo principal a investigação sobre as concepções de mídia e as principais *fontes de mediação* que contribuíram para que as mesmas fossem construídas entre os estudantes que participam do Movimento pela Democratização da Comunicação, estou partindo do princípio que os mesmos teceram representações sobre a mídia muito particulares, não comumente incitadas pelas estruturas institucionais da escola. São rarefeitos nas escolas públicas brasileiras o estudo das mídias e as chamadas práticas mídia-educativas, diferentemente de países como Inglaterra, França, Escócia, Argentina e Canadá. Esses países experimentam diferentes modalidades de mídia-educação - seja adotando-a com um perfil disciplinar obrigatório, como no Canadá; seja vestindo-a de um caráter transversal, como na Inglaterra e Argentina; institucional, como na França; ou misto, como na Escócia (Rivoltella, 2001).

No Brasil, quando muito, percebe-se a utilização da mídia como recurso didático, um suplemento instrumental para a dinamização das aulas, ilustração ou, mais recentemente, o aspecto produtivo que é possível alcançar com a utilização dos meios: a montagem do jornal escolar, do vídeo, do programa de rádio ou animações. Construir uma nova idéia de cidadania que abrace a democratização da comunicação como pressuposto e favoreça a formação do senso crítico em relação à mídia não tem tido um espaço garantido para a discussão. Da mesma forma, não é na grande mídia que esse tipo de debate é estimulado.

Sendo assim, como foram construídas as concepções de mídia por esses jovens universitários? Quais foram as principais fontes de mediação que atravessaram a vida de cada um deles, contribuindo para a formação de seus posicionamentos? Como atuaram as fontes de mediação no que diz respeito à ampliação da capacidade de crítica, auxiliando assim na decodificação das mensagens e no estímulo à participação desses jovens num movimento nacional? Barbero alerta que:

“A atividade de decodificação não é abordável diretamente, mas só através do reconhecimento das marcas que na leitura deixam certos processos que têm lugar num outro nível, no da “estrutura profunda”, isto é, na experiência vital e social desses grupos”. (2004:111)

Cônsua da dificuldade em se mapear o processo de decodificação engendrado por diferentes grupos, optei por estudar jovens a partir da participação num movimento social, como tentativa de me aproximar dessa ‘estrutura profunda’, mais visível, na superfície, nos poros desses jovens.

Estudar a partir das mediações é uma forma de endossar a postura metodológica que relativiza o poder dos meios. Ao trazer para a cena as discussões que são geradas nos diferentes contextos e grupos a partir das informações transmitidas, os movimentos sociais trazem como contrapartida a explicitação dessas respostas: estão na ação. Como teriam sido adquiridas as chamadas competências culturais para a recepção dos conteúdos da mídia? Por competências culturais Martin-Barbero entende os “*haveres, saberes e gramáticas que, constituídos na memória, medeiam a leitura dos diferentes grupos, e aos imaginários desde os quais projetam sua identidade (...)*” (idem:175)

É sabido que o recebimento das informações não é dado de forma linear, aceito de forma passiva por todos os que estão submetidos ao seu espetáculo - embora ainda haja resquícios dessa linha de pensamento que foi predominante nos anos 60. Enfatizar o papel das mediações caminha para reforçar não apenas a negação desse caráter apocalíptico como teoria, mas a busca de recorrências mediadoras que são capazes de levar à ação, principalmente no que diz respeito aos jovens.

O estudo das fontes de mediação prioriza como instrumento de pesquisa a utilização de, nas palavras de Barbero, um mapa “noturno” – daqueles que orientam os pilotos à noite - (2003:300), pois servem para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos – são as brechas, o consumo e o prazer que ganham voz e se transformam em objeto de análise, e não as superestruturas tidas como onipotentes. Mapas “noturnos” correspondem a intuições, vislumbres e indicações (1995:42) percebidos pelo pesquisador. As margens são assumidas não como tema, mas como “enzima”. Esse mapa “noturno” pode permitir:

“(...) ao mesmo tempo, assumir as pluralidades de que estão feitos esses usos e estabelecer articulações entre as operações – de retorno, de rejeição, de assimilação, de refuncionalização, de novo projeto -, as matrizes – de classe, de território, de etnia, de religião, de sexo, de idade -, os espaços – o hábitat, a fábrica, o bairro, a prisão – e as mídias – pequenos (micro) como o gravador ou a fotografia, assim também como o disco ou o livro, ou os grandes (macro) como a imprensa, o rádio ou a TV. Isso, porém, sem esquecer que, em todo caso, será um mapa “noturno”, isto é, cuja informação remeterá sempre mais àquilo que se intui e à experiência do que ao que se vê.”

(idem: 138)

Para Martin-Barbero, entre as lógicas de produção e as formas como os receptores lidam com o que é veiculado há um longo caminho, cheio de fissuras, zonas de tensão, fraturas, questionamentos e regurgitos. Há discussões. Se o modelo pensado originalmente na década de 60 entregava às lógicas de produção e aos formatos industriais a capacidade se atuarem como agulhas hipodérmicas - introjetando subcutaneamente o conteúdo desejado, sem direito à réplica ou ao grito – como dizia Laswell, para Martín-Barbero há uma série de forças em movimento. Maior peso recebem as matrizes culturais, pois segundo Martin-Barbero, os mediadores sociais são capazes de introduzir novos sentidos e novos usos sociais dos meios de comunicação de massa.

Antes de passar por um dos corredores da PUC-Rio, em outubro de 2004, eu nunca tinha ouvido falar na ENECOS – a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social. Um cartaz divulgando a “II Semana Nacional pela Democratização da Comunicação” assinado pela entidade chamou minha atenção, pois apresentava uma série de atividades, incluindo debates, rádios-poste, exibição de vídeos, oficinas críticas à mídia e atos públicos em diferentes estados brasileiros - organizadas através de articulações entre os universitários e movimentos sociais variados.

Aquele cartaz assinado pela ENECOS me convidava a um lugar de pesquisa vivo e profundo, por simbolizar não os significados que a mídia veicula sobre os jovens, mas as construções de sentido de um grupo de universitários em relação a essa mesma mídia. O que me estava sendo oferecida era a possibilidade de poder migrar, tal como Martín-Barbero, “dos meios às mediações”, pois estudar a partir das fontes de mediações é uma forma de buscar as “teias de significado” (Geertz) que vão sendo tecidas pelos diferentes grupos. Nessa esquina, a busca pelas mediações faz coro à abordagem antropológica defendida por Geertz: que teias de significados estariam inscritas no grupo?

Milton Santos (1995) repara que “não se realizou nenhuma pesquisa especificamente sobre os discursos da sociedade civil, principalmente relativos à sua participação nas lutas pela democratização (da comunicação)”, lacuna que esse estudo tenta contribuir de alguma forma para preenchê-la. Os capítulos que ora seguem são frutos dessa busca semiótica, inscrita na cultura e desenhada pelo dia-a-dia desses estudantes universitários.

6 Democratização da Comunicação

A história do movimento pela democratização da comunicação no Brasil está estreitamente relacionada com a história da própria ENECOS. Se no plano internacional as discussões sobre esse tema eram levantadas desde a década de 60 através das mobilizações, estudos, publicações e propostas defendidas pela UNESCO, a década de 80 contou, em nosso país, com o significativo apoio dos estudantes na difusão desses ideais. Como sublinha Souza (1996), foram professores e alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina que em 1980 formularam propostas de lutas pela democratização da comunicação. Essas idéias e projeções de ação foram defendidas publicamente pela primeira vez no IV ENECOM – Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social através da tese “Os estudantes de comunicação e a radiofusão brasileira”, que trazia um mapeamento sobre a concentração e o monopólio da comunicação no Brasil.

Vinte e cinco anos depois (2005), ainda se pode encontrar na página virtual da ENECOS¹¹ um link sobre a “Democratização da Comunicação”, por onde se lê:

Não há nação democrática, sem haver também democracia na maneira como essa nação se comunica. Num país onde poucos grupos dominam os meios de comunicação social e não tem nenhuma vergonha de utilizá-los unicamente para se manter no poder e obter lucros, a luta pela democratização da comunicação se faz tão necessária quanto a luta pela democratização da terra, do capital, da saúde e da educação.

Segundo Breton (apud Rivoltella, 2003), pensar as conseqüências trazidas pela difusão e monopólio dos meios de comunicação de massa só passa a fazer sentido, mundialmente, quando a utopia do progresso gerada pelo Iluminismo encontra em 1942 seu *annus crucis*. Ao mesmo tempo em que o nazismo e o fascismo utilizavam os meios de comunicação de massa como suporte para propagação de suas idéias - Adolf Hitler foi o primeiro líder político a criar o Ministério da Comunicação e Propaganda, durante a mesma Segunda Guerra Mundial - o uso do rádio foi apropriado pelos aliados, como por exemplo, através de informes e campanhas anti-nazistas produzidas e transmitidas nos países

¹¹Disponível em: <http://www.ENECOS.org.br>

ocupados pela BBC de Londres. O mundo descobria e experimentava a força dos meios de comunicação. (Souza, 1996).

Segundo Briggs e Burke (2004), a retórica – tão valorizada na Grécia e na Roma antigas – já sinalizava o interesse do homem pelos meios de comunicação de massa e a preocupação com as “massas” não teriam recebido força apenas durante a Segunda Guerra Mundial, mas desde o advento dos jornais, no séc. XIX. De qualquer forma, o interesse acadêmico pela propaganda data dessa época, principalmente a partir do surgimento da comunicação visual na década de 50, através da televisão.

A partir desse contexto que os debates sobre a necessidade de construir uma Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC) surgem. Reuniões e conferências eram promovidas pela UNESCO, contando com a presença de organizações internacionais e instituições acadêmicas. Sob a proposta de apresentar e de justificar a urgência da informação passar a ser pensada como um direito de todos, 16 personalidades de diferentes países que faziam parte da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação – se debruçaram por 4 anos na escrita do relatório “Um mundo e muitas vozes” (1980), publicado três anos depois no Brasil.

Esse relatório, por ter sido presidido pelo jornalista, jurista e ex-ministro das relações exteriores da Irlanda, Sean Macbride, acabou mundialmente conhecido como “Relatório Macbride” (Souza, 1996; Melo, 1986). Se tomarmos essa publicação como ponto de referência – devido a sua importância histórica - podemos perceber que as lutas que vimos sendo defendidas hoje trazem recorrências, similaridades e continuidades com as propostas, reflexões, posicionamentos e cobranças que já têm mais de três décadas de existência.

Antes de se acusar que o Relatório MacBride defendia um panorama apocalíptico sobre os meios de comunicação de massa, é importante grifar que o documento reconhece as brechas deixadas pelas fontes de mediação, pois afirma que “a comunicação é poderosa, não onipotente, porque não consegue transformar a natureza das relações interpessoais, ou a substância da vida social” (Unesco, p.27). Ainda assim, o caminho dos movimentos pela democratização da comunicação reconhece desde a sua origem, o poder potencial dos meios de comunicação de massa.

A questão do monopólio é um constante alvo de críticas: como promover informação, diálogo e pluralidade se os espaços estão nas mãos de pessoas que

tem como objetivo último obter lucro? Se o desejado passa a ser, pela ótica dos que detêm os meios de comunicação de massa, a formação de uma sociedade do consumo, a ênfase da participação ativa na vida pública por parte dos indivíduos não recebe o estímulo devido.

Mcchesney (2003) traz dados complementares para se pensar esse oligopólio, pois acredita que em poucos setores o nível de concentração seja tão espantoso quanto a mídia global, dominada por sete multinacionais¹² que possuem os principais estúdios de cinema dos EUA, controlam 85% do mercado global de música, a transmissão via satélite, edição de livros e revistas, além das redes de TV. Para o autor, a desregulamentação permite que haja essa exploração comercial e que os meios de comunicação fiquem concentrados dessa maneira. Mcchesney apresenta, entretanto, exemplos de resistência. Em nações como Noruega, Dinamarca, México, África do Sul e Coréia do Sul, a legislação prevê subsídios governamentais para o fomento de indústrias domésticas de produção de filmes. Na Suécia, há a proibição de anúncios na TV para crianças. Ações como essas são frutos das discussões iniciadas com a NOMIC para combater o “imperialismo cultural” das grandes potências.

Para Martin-Barbero (2004), a ideologia tem sido hoje a matéria-prima da informação, pois a imprensa além de estar cada vez mais concentrada e monopolizada, mais do que política tem sido publicitária. Por essas e por outras, atualmente a democratização da comunicação tem sido discutida através da percepção de que a comunicação deveria ser vista como um Direito Humano, de quarta geração¹³ (Ramos, 2005). A Campanha Cris Brasil¹⁴ tem sido porta-voz dessa intenção, recebendo apoio da ENECOS.

Reservando diferentes espaços de atuação para cinco conjuntos de diferentes atores, a intervenção pensada por essa campanha define que caberia aos pesquisadores a análise crítica contínua da mídia; aos operadores de mídia alternativa, a meta de construção e operação de mídias autônomas; aos profissionais do jornalismo, a necessidade de se adotar práticas progressistas dentro da mídia

¹² Disney, AOL-Time-Warner, Sony, News Corporation, Viacom, Vivendi e Bertelsmann.

¹³ Os direitos civis são considerados de primeira geração e dizem respeito à personalidade do indivíduo (liberdade pessoal, de pensamento, de religião, de reunião, de liberdade econômica), enquanto os de segunda geração são definidos como aqueles relacionados aos direitos políticos. Os direitos sociais, emergido com o auge do Estado-Providência são tidos como direitos de terceira geração.

¹⁴ Campanha pelos Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação, conhecida mundialmente como CRIS – Communication Rights in the Information Society.

dominante; além da contribuição dos ativistas e dos educadores. Aos ativistas caberia pensarem modos de intervenção política e aos educadores, o comprometimento por somar esforços em nome de uma alfabetização midiática (Roboy, 2005).

6.1 Quando a Educação é a convidada

Desde as primeiras reivindicações pela democratização da comunicação, a Educação é convidada a oferecer contribuições para a relação entre a mídia e a sociedade. Acredita-se que a formação de crianças, adolescentes e adultos para o desenvolvimento de análises críticas seja uma maneira de contrapor aos possíveis efeitos perversos dos meios de comunicação de massa quando monopolizados. A mídia deve ser trazida para dentro das aulas, não apenas para ser apropriada pelo corpo docente como linguagem possível e criativa, mas para ser analisada criticamente.

“Embora ensine a todo mundo a linguagem verbal, a escola atual tende a descuidar dos outros modos de comunicação corporal, gráfica e icônica. A linguagem das imagens fica assim praticamente reservada ao sistema de comunicação social” (Unesco, ano: 42)

Se os meios de comunicação de massa produzem e divulgam uma “visão mítica” do mundo (Unesco, ano: 26), esses mitos deverão ser estudados, desvendados e analisados em conjunto tanto pelos professores como pelos alunos. O conceito de mito, nesse caso, não se refere às mitologias clássicas gregas, mas à ideologia existente nas mensagens veiculadas pela mídia, que a partir da década de 70 passam a serem vistas como passível de ser revelada através da semiótica.

Rivoltella (2003) retoma a discussão sobre visões míticas transmitidas pela mídia, defendendo que sob essa ótica, a “Ferrari pode muito bem ser inscrita como mito, na medida em que vem apresentada como objeto através de formas discursivas e de representações que lhe transformam em tal” (Rivoltella, 2003, p.41). Para ilustrar as imagens mitológicas difundidas através da mídia, Rivoltella (2003) traz a análise feita por Barthes a partir de uma matéria publicada no “Paris-Match”, na qual um jovem negro uniformizado faz uma saudação militar olhando para a bandeira francesa. Segundo o autor, a leitura dessa matéria pode ser inclinada através de três diferentes direções.

A primeira corresponde ao olhar ingênuo do leitor, que não vê distinção entre a forma e o sentido. Esse tipo de leitor recebe o significado como se fosse natural: o soldado negro materializa a presença de uma França multi-étnica. A segunda direção de olhar diz respeito à leitura do ponto de vista do fotógrafo ou do redator do “Paris Match”, a partir de quem o mito é produzido. A intenção, nesse caso, é de divulgar a multi-etnicidade francesa, a realidade de uma grande nação, a fidelidade dos seus filhos. A escolha de um soldado negro aparece como símbolo.

Essas duas visões são diferentes das do ponto de vista do “mitólogo”, como o define Barthes, isto é, aquele que se relaciona com as imagens mitológicas em termos críticos, sendo capaz de desconstruí-las. O soldado negro, nessa perspectiva, não representa nem a presença nem o símbolo do império francês, mas o seu álibi; traduz as representações que tentam projetar a imagem ideológica de uma pacificação social que não pertence à nação em questão. (Rivoltella, 2003, p.45)

São exercícios como esse que a ENECOS propõe nas “oficinas de críticas à mídia”, oferecidas em encontros estudantis ou à comunidade nos atos públicos e nas Semanas Nacionais pela Democratização da Comunicação. Pude observar tanto no Erecom como no ENECOM, por exemplo, oficinas nas quais os estudantes distribuíam uma série de recortes de revistas nas quais mulheres apareciam retratadas. Partia-se desse material para refletir a maneira como o “mito” do que deva vir a ser “mulher” vem sendo construído pela grande mídia, gerando debates e indignações por parte dos mesmos.

A idéia de desconstrução semântica também é retomada por Martin-Barbero (2004) como uma possibilidade, pois através de análises de conteúdo se torna possível perceber as conotações e significações ideológicas nos discursos midiáticos. O que o autor procura acrescentar, entretanto, é o cuidado para que não se caia no “perigo formalista”, ou seja, tender a “encerrar os textos” neles mesmos, descolados dos contextos sociais com todas as suas condições de produção, de circulação e de consumo. Como os diferentes grupos constroem suas réplicas e decodificações às mensagens recebidas?

Acredito que um itinerário que eleja a descrição densa do COBRECOS - Congresso Brasileiro de Estudantes de Comunicação Social - seja um interessante ponto de partida, pois o meu contato por sete dias consecutivos com o grupo nesse evento contribuiu para que fossem esclarecidos os alicerces do movimento estudantil que me propus investigar.

7

O XII Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social (COBRECOS)

Em novembro de 2004, logo após os meus contatos iniciais com a coordenação da Regional Rio da ENECOS, feitos através do Rafael (então um dos coordenadores), recebi o convite para participar do que os alunos pertencentes a ENECOS chamam de o mais “importante congresso da ENECOS”, o COBRECOS (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social), que teria sua 12ª edição realizada em janeiro de 2005 no Espírito Santo, por sete dias consecutivos. O COBRECOS é o fórum máximo de deliberação da ENECOS (Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação).

Criado em 1994, tem como função formar a militância, formular, aprovar e planejar o projeto político da executiva durante o ano, o que inclui posicionamentos políticos, diretrizes e ações. Além disso, a cada COBRECOS a chapa eleita – através do voto direto nas “escolas” - assume a gestão da ENECOS por um ano tomando a posse nesse evento. Desde o seu surgimento tem sido chapa única para disputar as eleições. No ano em que acompanhei a executiva, no entanto, pude observar o terreno sendo preparado para a formação de uma chapa de oposição, formada por estudantes descontentes com a atual estrutura da ENECOS.

Estar no COBRECOS seria o meu primeiro contato efetivo com o grupo que optei estudar – até então apenas a troca de correios eletrônicos, telefonemas e a observação de duas reuniões tinham sido feitas. Perceber, logo de início a existência de um racha, de tensões com robusta envergadura, mesmo que promovido por uma minoria, indicava que o caminho interpretativo seria complexo, um novelo a ser deslindando fio por fio.

O encontro possui quatro momentos: formação, formulação, deliberação e planejamento. Para a formação, são organizados os painéis e os Grupos de Estudo (GDs); para a formulação, os Grupos de Trabalho (GTs); para a deliberação, a Plenária Final e para o planejamento, o último dia do encontro subdivide-se em momentos para o Planejamento Nacional, para o Planejamento Regional e para o Planejamento dos Grupos de Estudo e Trabalho (GETs). O COBRECOS é tido como o momento “mais político e pesado” da Executiva, no

qual só participam os que estão “realmente interessadas na organização do movimento estudantil e não apenas no *oba-oba* ou turismo barato como acontece no ENECOM¹⁵”. Um estudante da USP, pela primeira vez no encontro, me diria depois que “a bateria de discussões é devastadora”. Por outro lado, um estudante da PUC-SP, depois de quatro dias de congresso, disse:

(...) essa coisa de debater, de todo mundo ter opinião, todo mundo estar interessado (...) é uma coisa nova pra mim, é o primeiro COBRECOS. Isso me deixa muito feliz, perto da convivência que eu tenho com muitas pessoas que não estão interessadas (...) eu estou me relacionando com pessoas que estão interessadas em discutir, isso é muito bom.”

Há três eixos de discussão - Sociedade, Educação (subdivididos em Reforma Universitária e Movimento Estudantil) e Comunicação, a partir dos quais se desdobram os temas dos Painéis, dos Grupos de Discussão (GD) e os Grupos de Trabalho (GT).

A reconhecida especificidade do COBRECOS preenchia, dessa maneira, meus maiores anseios, interessada nas fontes de mediação que estariam motivando a participação de estudantes num evento desse caráter além das especificidades de um movimento estudantil preconizado por jovens. Há duas formas de participação: como delegado ou como observador. Os delegados, eleitos com base no regime eleitoral, possuem direito de fala e voto e os observadores somente de fala.

7.1 Fazendo as malas com os estudantes

Aceitei seguir viagem até Vitória – seria uma ótima oportunidade para conhecer melhor não apenas o grupo do Rio de Janeiro, mas estudantes de todo o país. Embora nos tivesse sido pedido para estar às 5 da manhã em frente ao DCE da UFF, em Niterói, foi às 6h que colocamos os pés na estrada. O ônibus, cedido pela UFF, por mais que ganhasse no quesito estofamento e preservação, tinha cadeiras estreitas, ainda mais desconfortáveis para quem não levou travesseiro, como eu. Foi difícil achar uma posição para acalantar um sono e nessa esperança, adormeci com o vento quente tremulando as grossas cortinas azuis – foram os alunos que preferiram não ligar o ar condicionado.

¹⁵ ENECOM é o Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social



Procurei não prestar atenção nas conversas nesse período inicial, até para não soar como intromissão. Só depois da primeira parada que me aproximei da Gilka (que estava com exemplar do jornal laboratório da UFF, “Fazendo Media” em mãos, lendo-o deitada, com as pernas para cima) para gravar uma entrevista. Quis saber um pouco da sua história, percurso e atuação no movimento estudantil. Depois dela parei, até porque ficar com o gravador em ônibus que balança muito pela ausência/inexpressividade dos amortecedores enjoava, dando dor de cabeça. Das 12 pessoas que seguiram viagem, apenas 4 rapazes estavam presentes.

A maioria do grupo estava indo para o COBRECOS pela primeira vez, pois os “veteranos” optaram por seguir para o Fórum Social Mundial, que aconteceria três dias após o término do COBRECOS, em Porto Alegre. Ainda assim, grande parte dos estudantes que estavam no ônibus seguiria de Vitória diretamente para Porto Alegre, fechando um ciclo de quase 20 dias de viagem com as mochilas e sacos de dormir nas costas. Embora estivesse com a expectativa de encontrar estudantes do Rio de Janeiro que estão no movimento há mais tempo, percebi que entender as motivações dos “novos alunos” também seria bastante instigante.

Ainda na primeira parada do ônibus Rio-Espírito Santo, percebi um impasse: alguma estudante que havia sido eleita delegada não pode ir ao COBRECOS e por isso, deveriam encontrar uma substituta antes do desembarcar as malas. O alvo já havia sido escolhido: Luana, aluna de Cinema, que pouco conhecia sobre movimento estudantil. Depois de uma certa relutância, acabou aceitando frente ao pedido coletivo. Como delegada, seu voto contaria nas decisões que seriam tomadas na plenária e para tal, sua frequência nas atividades seria

controlada. A coordenação exige dos delegados ao menos 50% de participação nas atividades, tendo a lista de chamada assinada como controle. Caso isso não aconteça, devem se justificar frente à plenária antes de terem seus crachás validados para a votação, tendo a opção, ainda, de credenciar um suplente.

7.2

A estrutura do Congresso

Assim que o ônibus chegou, depois de 7 horas de viagem, a recepção foi afetuosa. Estudantes com camisas em cor diferente e com crachá escrito C.O (Comissão Organizadora) estavam posicionados para dar as boas-vindas, encaminhar todos ao alojamento e lembrar que em breve o Painel iria começar e para isso, o credenciamento deveria ser feito. Entregavam uma pasta com dois “cadernos”: um com Propostas de Alteração Estatutária e um de Textos, além do crachá e o “Manual de Sobrevivência” – publicação divertida e ilustrada oferecida aos congressistas, com o papel de oferecer boas-vindas, informações e recados, como sobre a necessidade de se evitar o desperdício de lixo dentro do campus. Segundo contaram, vender ou trazer canecas para os encontros já virou tradição.

Caneca

Para diminuir o acúmulo de lixo no transcorrer do encontro, a CO optou por não fazer uso de copos descartáveis. Em substituição, venderemos aos COMpanheiros desavisados lindíssimas canecas plásticas, que além de fundamentais para sua sobrevivência neste encontro, poderão ser levadas como souvenirs de valor sentimental inestimável. E aí, vai perder essa chance?



Assim que chegamos, estava muito quente, abafado e a visão do alojamento - ginásio poliesportivo com os estudantes jogando futebol, suados, entre colchões, malas e travesseiros espalhados não me pareceu muito animador.

As camas, colchões d'água, lençóis tomavam o ginásio pelo contorno, deixando o centro livre, bastante amplo, embora não ventilado. As nossas peles grudavam de suor e para isso os chuveiros sem aquecimento não foram um problema.



Observei a forma com que se organizaram para a proposta de “construção coletiva”: com o cuidado de vender canecas para evitar o desperdício e acúmulo de copos descartáveis pelo campus (notei que quando os estudantes perceberam que as “quentinhas” do almoço e do jantar estavam vindo em maior quantidade do que estava sendo consumido de fato, solicitaram que a empresa responsável diminuísse as porções); a separação do lixo (idéia de uma estudante de São Paulo); a seriedade com que participaram das atividades - num ritmo intenso, com painéis, grupos de discussão, grupos de trabalho, reunião de regional e plenária - que iniciava às nove da manhã e muitas vezes chegava quase até meia-noite para só depois iniciarem a festa.

		CONSTRUÇÃO COLETIVA							
		DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	SUNDAY
LIMPEZA DA FESTA		RJ	GO	BA, SE e AL.	PE, PB, CE e PI	SP	BSB e MG	MA, PA e TO	
ALMOÇO DA MANHÃ		MA, PA e TO	BSB e MG	PE, PB, CE e PI	BA, SE e AL.	GO	SP	RJ	
COFFEE LOCAL		PR e RS	BA, SE e AL.	RJ	SP	BSB e MG	MA, PA e TO	GO	
		BSB e MG	GO	MA, PA e TO	MG e BSB	RJ	BA, SE e AL.	PE, PB, CE e PI	SP

Não só “servir café” e “servir almoço” estavam no quadro de “construção coletiva do encontro”, construção essa definida por um grande cartaz afixado no ginásio poliesportivo – que serviu de alojamento: a cada dia da semana

uma ou duas “regionais” seriam responsáveis por algumas dessas atividades, incluindo ainda a “festa” e “limpeza da festa”.

“Servir café” aparecia como atividade mais difícil, mas nem por isso menos lúdica. A começar pelo horário: se o mesmo já deveria estar às mesas de 7h30 às 8h30 (pães cortados, leite com chocolate preparado em jarras e frutas lavadas) e durante esse período, mãos a postos para marcar com caneta um “x” nos crachás dos estudantes congressistas no quadradinho “café” (não se pode repetir), e ir entregando o lanche, a tarefa da regional começava antes desse horário.



Percebi que os estudantes para essa tarefa se dividiam: enquanto uns ficavam responsáveis por servir, dois ou três ficavam no alojamento tendo como meta acordar todos os outros estudantes. E não tinha mesmo como ficar acordado depois das estratégias desses grupos. Regionais com apitos, outras cantando músicas, outras que batiam palmas, usavam megafone, outras mais doces se revezavam a cada dia entre os colchões e corpos estendidos pelo chão do ginásio, sonolentos e acomodados nos travesseiros trazidos de casa. Muitos resmungavam e reclamavam, mas depois, quando perguntei o que achavam do método, me respondiam gostar muito, porque garantia que a programação do encontro fosse seguida sem atrasos e ainda trazia bom-humor para o despertar. Sim, esse congresso com quase 200 participantes contou com criativos estudantes-despertadores.



As festas a cada dia ficavam sob responsabilidade de uma “regional” do Brasil, cujo grupo ficava responsável pela seleção das músicas, venda de bebidas e recepção dos estudantes. “Bem vindo a festa da Centro-Oeste! Trouxemos cds de músicos da nossa região!” ou “Olhem o que a Regional São Paulo preparou para vocês” eram frases de abertura usadas. Sempre “só até duas da manhã”, para que a programação do dia seguinte fosse garantida sem sono nem olheiras. Se alguém quisesse burlar essa regra, tudo bem, mas o som era desligado, a cerveja parava de ser vendida e a luz apagada. Alguns estudantes pegavam o violão e cantavam por mais um pouco no jardim – mas nada que impedisse que estivessem de pé no outro dia pela manhã.

7.3

Um conflito festivo: Indústria Cultural e questões de gênero

Houve um conflito em uma das festas, mas eu já tinha me recolhido. A festa foi cunhada pela regional responsável de “Festa da Indústria Cultural”. Lembro-me de ter visto um cartaz afixado junto ao improvisado bar: “Dj Adorno/MC Horkheimer” – motivo de muito riso para todos que chegavam. A brincadeira fazia referência a Theodor Adorno e Horkheimer, criadores do termo “Indústria Cultural”. Para a lógica da chamada “Teoria crítica” da comunicação, não se poderia falar em “cultura de massa” – como de costume, à época, pois para essa corrente, “massa” e “cultura” seriam termos excludentes.

O conceito de cultura com o qual Adorno desenvolve a sua teoria é extremamente fechado. Restringe-se às produções artísticas tidas como eruditas, refinadas, compostas a partir de minucioso rigor e domínio da linguagem: seja ela musical, pictórica ou literária. Todo o mais é lixo cultural, raso. A maneira com que Adorno define a arte torna-se basal para a fundamentação do que chama – e critica – de indústria cultural.

A “arte séria”, em contraponto com a arte leve, seria a que necessita do exercício da racionalidade e esquematismos kantianos para sua compreensão, a que não vem pronta, mas que pede conhecimento e reflexão para que se instaure o diálogo. O segundo tipo de arte, a leve, é vista por Adorno como leviana, pois embota a capacidade crítica de quem vê. Com elementos de diversão, a arte torna-se entretenimento, fácil, homogênea, instrumento de alienação a serviço do capital.

Na programação, músicas da chamada “indústria cultural” tocavam – o que diferia muito do que tinha sido ouvido até então nos outros dias, quando se reconhecia o enfoque regional/ popular brasileiro.

Segundo me relataram no dia seguinte, enquanto as músicas eram estrangeiras, não houve tanta reação – embora alguns estudantes já não tivessem se manifestado positivamente à idéia – mas quando músicas de Funk brasileiro começaram a tocar, houve discussões, culminando com o desligamento do aparelho de som pelos estudantes que não se conformavam em ouvir esse tipo de música. Estudantes me diziam que não fazia sentido estar em um encontro no qual se discutia as opressões na mídia e na sociedade durante o dia e à noite agir de forma “a-crítica”, dançando e se divertindo ao som de músicas consideradas opressoras, que exploravam sexualmente as mulheres, adotando posturas machistas e sexistas. De qualquer forma, percebi que esse não foi um posicionamento unânime, e duas falas são significativas para entender essas diferenças.

Isso, na minha opinião é terrível, porque se você for analisar, teve uma hora que tocou Britney Spears e ninguém falou nada. E a letra da musica dizia “Im slave for you”. Ela estava falando que é uma escrava do cara e ninguém falou merda nenhuma! E metade do povo que estava aqui falava inglês! Agora porque estava tocando funk, que fala “dói um tapinha não dói”, o pessoal fica ó meu deus, ó meu deus, faz um tempestade em uma xícara de água.

Lucas, Estudante de Goiânia

Procurei uma estudante ligada ao GET Combate às Opressões e pedi sua opinião. Sua resposta desconstruía o teor opressor nas músicas de funk, invertendo, ao contrário, o seu sentido. Nanda, do Rio Grande do Sul, dizia que a postura da Tati Quebra-Barraco, por exemplo, é decidida e vai de encontro ao papel de mulher submissa destinado às mulheres, podendo ser vista, então, como emancipadora. Tati Quebra-Barraco pode dizer que “Daco é bom” ou “me chama de putona só porque eu como o teu macho” sem temer os julgamentos de uma sociedade machista.

Essa mesma estudante reivindicou na abertura do congresso que os documentos da ENECOS não fizessem referência apenas ao sexo masculino, mas também ao feminino, solicitação que foi incentivada entre aplausos do auditório e depois, aprovada como resolução na plenária final. O dilema trazido pela festa extrapolou a esfera de comentários isolados, ganhando força nos GDs e GETs de Combate às Opressões. Na plenária final ficou decidido que deveria haver reflexo do combate conceitual trazido pelos estudantes com a prática de cada um no seu dia-a-dia, inclusive dentro do movimento estudantil – o que se subentende, dentro inclusive das festas organizadas nos eventos.

Desses sete dias de estudo, trabalho e festas, uma manhã já vinha separada para o “convívio local”. Os estudantes ficariam liberados para conhecer a cidade, interagir com a “cultura local”. Muitos seguiram para as praias em Vila Velha, outros visitaram a Fábrica de Chocolates da Garoto ou ainda foram até o shopping usar a Internet. As atividades do congresso já eram intensas e como o campus da faculdade particular que foi sede do congresso era afastado do centro e localizado num bairro considerado violento no Espírito Santo, percebi que os estudantes evitavam sair e a programação era praticamente seguida à risca.

A C.O (Comissão Organizadora) ainda passava as madrugadas em reunião, vendia camisetas e ajudava a compor as mesas que traziam palestrantes ao auditório, atuando ora como mediadores, ora como expositores. Enfim, tudo integralmente organizado por eles - estudantes de Comunicação Social, rapazes e moças entre 18 e 23 anos vindo de diferentes cidades do Brasil – entre alunos recém-entrados na universidade e os que já estão se formando - por acreditarem na importância da “deliberação política” do movimento estudantil.



O termo “opressão” e seus correlatos (opressores, opressivo) apareceram com frequência nas frases desses alunos. Existe um GET (Grupo de Estudo e Trabalho) derivado dessa idéia, “Combate às opressões”, que percebi estar muito em voga entre eles. Um estudante de Goiás – líder do movimento gay no Brasil - usou mini-saias e chiquinhas coloridas para representar o movimento contra o homofobismo. Depois do meu terceiro dia de observação e acompanhamento das atividades, um grupo me chamou durante o café da manhã para conversar.

Eu seria interpelada entre risos por sotaques sulistas sobre o meu lugar ali: “Ilana (o nome ficava na credencial) a gente fica vendo tu anotando tudo, fotografando tudo, observando tudo. O que tu tá fazendo? A gente tá se sentido *oprimido!*” Fiquei constrangida, era tudo o que eu não queria ouvir naquele momento. Expliquei que tinha a autorização da coordenação da ENECOS para participar do congresso por motivo da pesquisa e que acreditava que caberia aos responsáveis terem avisado a todos sobre o meu papel ali, mas que se isso não tinha acontecido, eu pedia desculpas e me colocava à disposição. Eles disseram ser um prazer contribuir para a pesquisa.

Esse contato de uma semana – dormindo no mesmo ginásio, tomando banho em chuveiros sem divisórias, comendo apenas as quentinhas (emagreci dois quilos), participando das festas, observando as falas, as propostas, as brigas, os desejos de “deliberarem” sobre “eixos” que iam desde a “sociedade” (governo Lula, neoliberalismo), passando pela “comunicação” (democratização da

comunicação) e “educação” (reforma universitária), me permitiu ter uma visão panorâmica de como tem se configurado o movimento nacionalmente.



A preocupação em promover discussões que estão além do âmbito da Comunicação Social, através de “análises de conjuntura”, indica o interesse por uma formação ampla, que os capacite para intervir na realidade. Não considero à toa, por esse prisma, encontrar na fala da atual coordenadora da Regional Rio os seguintes termos:

Costumo dizer que a ENECOS é uma outra faculdade. Discussão sobre democratização da comunicação eu tenho plena certeza que um aluno que tenha como a única forma de informação o curso de Comunicação Social (...) ele não vai saber discutir democratização da comunicação, ou pior, dificilmente ele vai pensar que o modelo de comunicação brasileiro tem alguma coisa de errado.

“Isolados somos ilhas, juntos somos continentes”, foi a frase-tema do COBRECOS, que tem seu ideário desdobrado no poema de Manuel Peixoto, divulgado na capa do Caderno de Textos do XII COBRECOS, assim como nos adesivos de divulgação:

Solidários, como gente / Solitários, como peças / De mãos dadas, como força / Desunidos, impotência / Isolados, somos ilhas / Juntos, somos continentes / Inconscientes, somos massa / Reflexivos, como grupo / Organizados, somos pessoas / Sem organização, objeto de lucro / Em equipe, ganhamos, libertamo-nos / Individualmente, perdemos, continuamos presos / Participando, somos povo / Marginalizando-nos, somos rebanho / Unidos, como soma / À mesa, somos números / Dispersos, somos vozes no deserto / Agrupados, fazemo-nos ouvir / Amontoando palavras, perdemos tempo / Com ações concretas construímos sempre.

Notei que a leitura parecia ser companheira de viagem de muitos. À noite, após as festas, não raro encontrei estudantes enrolados em seus lençóis, mas com um dos braços servindo de suporte para a cabeça: liam. As fotos a seguir foram tiradas, para se ter uma idéia, às 3 da manhã, quando Veríssimo, Gil Vicente, Saramago, Marx, Caco Barcellos e Gabriel Garcia-Marques eram visitados por olhos noctívagos. Em outros espaços, momentos e horários encontrei Thoreau, Max Weber e Milan Kundera¹⁶.



16 Indico os títulos que estavam sendo lidos, colocando entre parênteses as universidades de origem dos estudantes: Veríssimo (Incidente em Antares, UFMG); Gil Vicente (Auto da barca do inferno farsa de Inês Pereira, USP); Crítica Marxista (PUC-RS); José Saramago (O homem duplicado, UFRJ); Caco Barcellos (Rota 66, PUC-PR); Gabriel Garcia-Marques (Viver para contar, PUC-PR/ Doze contos peregrinos, estudante de Moçambique); Henry Thoreau (Desobedecendo a desobediência civil e outros escritos, UFF); Max Weber (A ética protestante e o espírito do capitalismo, PUC-SP).

7.4 O inesperado para o lugar de pesquisadora

Se o COBRECOS ia de domingo a domingo, no cair da noite de sábado tive suspeita de dengue. Com febre alta, enjôos e picadas de mosquito por todo o corpo, eu tremia, sozinha, deitada em meu saco de dormir. A C.O trouxe um termômetro, estava com um pouco mais de 40 graus. Na mesma hora, quatro estudantes me colocaram em um de seus carros e me levaram para o hospital mais próximo. No início, resisti, não queria aceitar – essa situação me deixava extremamente desconfortável.

Sabia que a noite de sábado seria a mais festiva, a despedida do congresso e comemorativa por tantos dias de estudo de trabalho! Mesmo assim, dois estudantes do Espírito Santo (C.O), um do Rio de Janeiro e uma do Maranhão (que tinha sido entrevistada por mim no início da semana) fizeram questão de me acompanhar. Pedi para que me deixassem no hospital – soube que deveria ficar internada – poderia voltar de táxi, já estava sob cuidados médicos e ficaria bem. Mas nada os convencia. Ficaram esperando até eu ser liberada, o que só aconteceu às 3 da manhã. Para Foote-Whyte, o observador é parte do contexto, modificando e sendo modificado (1980, p.85). Lembrar-me das palavras de Da Matta (1981) foi fundamental, pois embora o autor esteja refletindo a partir do lugar do antropólogo, o caminho da construção da pergunta também cabe para os atores que estão sendo observados:

“Mas como é possível manter essa neutralidade ideal, que teoricamente nos permitiria ‘ver’ todas as situações de todos os ângulos, se estamos tratando de fatos e de pessoas que acabam por nos envolver com seus dramas, projetos e fantasias?” (p.153)

No dia seguinte, logo pela manhã, peguei o primeiro avião e voltei para o Rio de Janeiro – agradecida pela acolhida, triste por não ter conseguido acompanhar a plenária final, mas certa que não agüentaria, com aquele estado de saúde, voltar tremulando em ônibus por 7 horas de viagem.

7.5

A construção das deliberações

Devido ao caráter deliberativo do COBRECOS (e por isso são pensados os grupos de discussão e de trabalho, para serem espaços de “acúmulo” político), pude ter acesso, posteriormente, às deliberações votadas em cada eixo (sociedade, educação, comunicação e movimento estudantil), que passam a vigorar como resoluções durante o ano de 2005. Todo ano, a cada COBRECOS, são avaliadas as posições escolhidas e votadas pelo COBRECOS anterior, assim como incorporadas outras. O documento 2005, fruto das discussões, é publicado no “Caderno de Resoluções 2005¹⁷”, que trouxe entre as suas 10 páginas, por exemplo, decisão pelo não reconhecimento da UNE como entidade representativa dos estudantes, o que pode ser considerado um rompimento histórico.

Uma das principais reivindicações da ENECOS passa pelo combate à Reforma do Ensino Superior defendida pelo governo Lula, o que motivou a publicação de cartilhas a serem distribuídas nas “escolas” intitulada “Para barrar essa reforma”. A UNE, ao contrário, divulga em seu *site* oficial *links* não apenas para cartilhas do MEC em favor da reforma, como para os programas que lhe são frutos, como o PROUNI e ENADE – sendo por isso considerada como “atual braço do governo”, instaurando um grande descrédito entre os estudantes que lutam contra as reformas neoliberais.

Além disso, paira a sensação de que a UNE não tem mais se apresentado como um “espaço de disputa” como consequência de sua partidarização acentuada e explícita, sendo preferível, portanto, romper com a mesma. Segundo os estudantes, a juventude UJS (União da Juventude Socialista/PcdoB) tem monopolizado as eleições e decisões da UNE, descaracterizando o necessário debate democrático. Meses depois, inclusive, os principais jornais do país noticiaram sobre as suntuosas quantias recebidas pela UNE via governo federal (de janeiro a agosto de 2005, R\$ 1,185 milhão), que segundo informações de diretores da UNE, referem-se a um convênio feito com o Ministério da Cultura para financiar o Circuito Universitário de Cultura e Arte em São Paulo, Paraná e Campina e para financiar o congresso anual da UNE, ocorrido

¹⁷ O Caderno de Resoluções 2005 está disponível na íntegra em <http://www.ENECOS.org.br>, assim como também em anexo nessa dissertação.

em junho, com a participação de 15 mil estudantes. Essas informações parecem poder ser casadas com a participação em marcha feita por essa mesma entidade em defesa de um governo após denúncias de corrupção (o escândalo do “mensalão”). No jornal:

Manifestação chapa-branca lança bordão "Fica, Lula" - A polícia acompanhou tudo de perto. Mas nem era preciso. Em vez da tradicional rebeldia, 10 mil pessoas - a maioria estudantes de cara pintada - ocuparam a Esplanada dos Ministérios para uma comportada manifestação em defesa de Lula. Liderados pela UNE, CUT e MST, atacaram a política econômica do governo, pediram a apuração das denúncias de corrupção, mas não fizeram crítica direta ao presidente da República. Pelo contrário. Lançaram até um bordão chapa-branca: "Fica, Lula". (Correio Braziliense, 17/08/2005, pág. 1 e 8)

Para se contrapor à UNE, foi criada uma outra entidade, a CONLUTE – que embora tenha tido defensores no COBRECOS (são os mesmos estudantes que irão formar, meses depois, a primeira chapa de oposição à gestão da ENECOS) não foi aceita na votação final como instância representativa. O apertado nó estava localizado, mais uma vez, na associação partidária. Um estudante de Goiânia, no painel de abertura do COBRECOS – havia um momento reservado para a avaliação da executiva – falou ao microfone:

A gente tem outra questão que surge, mas que na minha opinião, que atrapalha o movimento porque se surge uma outra instância paralela às outras instituições que é a Conlute, mas que não vem de forma a ampliar o movimento, porque tem uma política adesista e uma política sectarista e é hegemônica por uma tendência que é o movimento estudantil MRS e a Juventude do PSTU.

Um dos adeptos da CONLUTE, estudante carioca, usou sua fala para mostrar que não concordava com essa visão, dizendo que ser filiado a partido (no caso, PSTU) não o desqualifica. Para ele, se organizar em partido político significa partir de uma ideologia considerada boa para transformar a sociedade. Sua irmã, que também compartilha os mesmos ideais, disse que: “*A gente quer uma revolução socialista, a gente quer mudar esse país*”.

O casal distribuiu durante o congresso publicações de três sortes: um panfleto divulgando a “Convocatória do Encontro da CONLUTE” que aconteceria dias depois no Fórum Social Mundial, uma “Carta às Executivas e Federações de Curso”, assinada pela Conlute e uma “Tese para o XII COBRECOS” na qual as críticas são tecidas por argumentos que dizem encontrar na ENECOS a defesa do

governo Lula e do PT a qualquer custo, mesmo com “seu calendário de reformas privatizantes e de entrega de recursos ao capital”. A tese passava por 11 momentos marcados pelos imperativos, dos quais posso destacar o “Abaixo o governo neoliberal de Lula” e “Não reconhecer mais a UNE, pela entrada da ENECOS na Conlute”.

Como explicava o panfleto, A CONLUTE (Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes) surgiu em maio de 2004, a partir do “Encontro Nacional contra a Reforma Universitária de Lula e FMI”, realizado no Rio de Janeiro. Apresentava-se como alternativa a UNE que “abandona suas bandeiras históricas e passa definitivamente para o lado do governo, construindo junto com ele a proposta de reforma que vai acabar com a Universidade Pública no país”, afirmava articular centenas entidades em todo o Brasil para esse fim.

O debate sobre a continuidade ou não do reconhecimento da UNE foi o destaque do COBRECOS. Lembro de terem sido oferecidos Grupos de Discussão (GDs) sobre diferentes temas referentes aos eixos sociedade, comunicação e educação, com número limitado de vagas para cada sala. A idéia de restringir os participantes foi pensada, segundo a coordenação, para evitar que apenas um tema fosse discutido em detrimento de outros, principalmente porque a partir desses grupos que são pensadas nos Grupos de Trabalho (GETs) as propostas para serem votadas na plenária.

Em uma das noites, no entanto, o desejável equilíbrio entre as discussões não foi mantido. A sala que estava com a placa “GD UNE x CONLUTE” foi a primeira a ser “lacrada”, devido ao grande número de estudantes que se dirigiram para lá. Se o permitido seria 20 alunos para cada espaço, a C.O acabou liberando mais 10 vagas devido à pressão, que não cessava. Vi estudantes pendurados às janelas, nas pontas dos pés, querendo ouvir o que estava sendo discutido.

Conforme novos estudantes voltavam do jantar e se encaminhavam para a mesma sala, insistindo em entrar, a C.O não sem reclamar recuou e acabou liberando a entrada de todos que quisessem. A sala ficou lotada, com quase sessenta estudantes amontoados, enquanto outros GDs ficaram completamente vazios. Por mais que a maioria considerasse que a UNE não está mais em disputa, devendo por isso deixar de ser vista como representativa, ainda eram ouvidas vozes que consideravam essa renúncia uma entrega vencida, desconsiderando todo um histórico de lutas. Ainda assim, a CONLUTE não foi vista, entre a

maioria do grupo, como a melhor opção, pois é partidária ao PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado).

Dessa forma, posso dizer que acreditar na mudança e na transformação da sociedade foi apontado por todos os estudantes como motor para suas participações no movimento estudantil. Porém, a concepção dos caminhos que devem ser seguidos e priorizados para alcançá-la não são consensuais. Pelo menos no que diz respeito à gestão da ENECOS observada, há forte relutância a qualquer associação partidária, que segundo eles, “aparelha” o movimento estudantil. Contar com poucos recursos, inclusive para a impressão de cartilhas, adesivos, jornais e materiais “para ter uma política de formação decente”, como defendido por um estudante de Brasília – pode ser visto, por outro lado, como extremamente positivo. Isso porque segundo vários estudantes, quando um centro acadêmico apresenta um caixa alto, provavelmente estará recebendo investimento de algum partido político, o que deve ser evitado a todo custo em nome dos ideais de liberdade, independência e democracia.

7.6

Democracia burocrática: um dilema

Sob a intenção de um telhado democrático, há o risco de deixar habitar a burocracia. Essa pareceu ser uma tensão para o grupo, principalmente para os estudantes mais novos no movimento estudantil. Como garantir a fala de todos sem a contagem minuciosa dos minutos, sem a “inscrição” para falar, sem regras burocráticas para o funcionamento de uma plenária, por exemplo? Mesmo os estudantes que se irritavam e/ou desestimulavam com essa forma de interação, não conseguiam imaginar alguma outra forma viável de ação que estivesse inscrita nos ideais democráticos.

Acompanhei um debate de quarenta minutos (com intervalo) na qual se discutia de forma cansativa o percentual que deveria ser votado para o encaminhamento de questões de mérito e de pertinência. Além de toda o desgaste para decidirem se seria mantido o 30% ou se reduziria para 20%, constantemente questões de esclarecimento e questões de ordem eram pedidas para tentar clarear o que estava em debate. Qual seria afinal a diferença entre mérito e pertinência? A

não concordância com o que estava sendo votado, o pedido de mais um adendo e permissões de fala ao microfone para defender ou rebater propostas abriu um vale temporal aos pés dos estudantes, esvaziando o auditório com uma debanda de mais de quinze pessoas. Fui atrás e ouvi de uma universitária da PUC-SP, apoiada por mais duas amigas, que estavam na primeira vez no COBRECOS:

Uma coisa que me deixa um pouco irritada e que serve muito para travancar o movimento estudantil são essas picuinhas, são essas discussões burocráticas. Ao invés das pessoas estarem se livrando da burocracia, elas ficam criando burocracias, para ficar, no final das contas, vendo quem formula o melhor artigo (...) Se mérito ou pertinência, eu garanto que $\frac{3}{4}$ daquela sala lá não sabem diferenciar. Então fica aquela discussão para mudar parada que não leva a nada.

Mesmo nos Grupos de Discussão ou nos Grupos de Estudo e Trabalho (GDs e GETs), que são pensados para propiciar uma maior aproximação e debate entre os estudantes, e justamente por isso são espaços para uma menor quantidade de estudantes (15 pessoas em média), não conseguiam fugir às regras. Havia sempre alguém responsável por controlar o tempo da fala de cada um (que era cedida na ordem em que os pedidos para serem ‘inscritos’ fossem sendo encaminhados à mesa) o que geralmente não podia ultrapassar dois minutos. Um olho na fala e outro no relógio comumente prenunciava a frase, nem sempre atendida, “seu tempo acabou, conclua por favor”. Um estudante avaliou essa situação da seguinte maneira:

“(...) como é inscrição, existem falas, as pessoas tem interesse em falar uma coisa, acaba ficando meio doido o debate porque eu tô falando de um assunto e como uma outra pessoa está inscrita, ela vai querer falar de outra coisa e aquilo que eu falei não foi comentado e aí ficam parecendo vários monólogos”. (Tiago, UNIFOR (CE), 20 anos, 7º período)

De qualquer maneira, essa maneira de dialogar se constituía como uma nova aprendizagem, recebendo ao final uma avaliação positiva. Um formando da UNB, em Brasília, conta sobre sua experiência no movimento estudantil dizendo que:

Estou há 3 anos no movimento e putz... a diferença é absurda! Tanto em saber me posicionar diante de um grupo, saber defender minhas posições, até o próprio acúmulo de formação política mesmo. Como eu enxergo a sociedade é muito grande a diferença. É um aprendizado humano, político, acadêmico, é uma diferença gigante.

Essa diferença passa a ser “gigante” porque gigante também é o horizonte do que se propõem a estudar, pensar, discutir, “acumular” e deliberar. Motivados pelas exposições orais de professores e de convidados em painéis (conferências), que são realizadas em auditórios cheios a cada dia sobre um eixo temático diferente (sociedade, comunicação e educação) os estudantes também participam de Grupos de Discussão (formados a partir dos três eixos) para se aprofundarem na discussão - quando também são convidados estudantes do movimento estudantil ou professores especialistas no tema para atuarem como mediadores.

Na programação da semana, um momento para a reunião de cada Regional também era reservado. No ano em que fiz a observação, o citado espaço ficou para a parte da tarde do dia em que a manhã era livre. Quase todas as regionais aproveitaram para fazer as reuniões então, na praia, o que foi considerado muito proveitoso. Havia ainda, a reunião dos GETs, que são os Grupos de Estudo e Trabalho da ENECOS, organizados nacionalmente a partir de listas de discussão virtuais. Atualmente estão funcionando os seguintes GETs: Democratização da Comunicação, Combate às Opressões, Qualidade de formação, Políticas de Finanças, Políticas de Comunicação. A programação publicada no Manual de Sobrevivência oferece a dimensão e a forma como foi pensado o congresso:

Horários	16 DOM	17 SEG	18 TER	19 QUA	20 QUI	21 SEX	22 SÁB	23 DOM
8-9h	Café da Manhã							
9-12h30	Credencia- mento	GDs Sociedade	Painel Comunica- ção	Livre	GTs	Plenária	Plenária	Planeja- mento Nacional
12h30-14h	Almoço							
14-18h	Aprov. Regimento Interno e Plenária de Avaliação do Mecom	Painel Educação	GDs Comunica- ção	Reunião das Regionais	GTs	Plenária	Plenária	Planeja- mento Regional
18-19h30	Jantar							
19h30-23h	Painel Sociedade	GDs Educação	GDs Mecom*	Reunião dos GETs	GTs	Plenária	Plenária	Planeja- mento GETs

* Os Gds Mecom (17/01) serão divididos em dois blocos: o 1º das 19h30 às 21h30 e o 2º das 22h à 0h.

Somente depois dessas “instâncias formativas” que os estudantes partiam para os Grupos de Trabalho, a partir de onde saíam as propostas de

posicionamentos políticos defendidos em cada eixo temático para serem postos em votação na plenária. Nem sempre havia consenso dentro do GET sobre os posicionamentos políticos a serem encaminhados. De acordo com o regimento interno – que é submetido à aprovação através do voto dos estudantes no primeiro dia do congresso - seria preciso ter no mínimo 30% de aprovação entre os participantes, sejam delegados ou observadores para que uma proposta fosse encaminhada à plenária mas um estudante da UFRJ defensor da CONLUTE gritou “destaque”, indo ao microfone usar os dois minutos permitidos para sugerir que a percentagem mínima fosse reduzida para 20%, o que foi aceito pela maioria. As propostas em disputa foram redigidas uma em seguida da outra para serem lidas em seqüência e votadas. Foi quando o auditório se transformou num mundo de mãos aos ares querendo ter voz, mãos essas que ganham a forma de palmas ou contrações dependendo do resultado.

Importante ressaltar que embora o regimento interno do congresso definisse que para cada GDs e GETs haveria um relator para “anotar os pontos relevantes dos debates e registrar as propostas aprovadas”, não consegui recuperar esses materiais para análise. As atas, chamadas de “relatorias” não foram divulgadas ora porque não foram digitadas, ora porque depois de votada uma proposta, a discussão não tenha sido retomada. Por mais que os estudantes se queixem com frequência usando a expressão “nós não temos pernas”, ou seja, se sentem sobrecarregados, pois além de estudarem e fazerem estágio, ainda se ocupam do movimento estudantil, a não organização de materiais como as “relatorias” acaba comprometendo o registro histórico do movimento estudantil, assim como o tão citado “acúmulo teórico”.

Um exemplo ilustrativo sobre esse problema pode ser encontrado na opção da “maioria absoluta” da plenária (50% + 1 de todos os votantes) por sair da coordenação do FNDC¹⁸. Essa foi uma proposta ensejada a partir dos Grupos de Estudo e Trabalho que discutiram o eixo Comunicação, especificamente a Democratização da Comunicação – proposta essa que pode ser considerada tão histórica como a escolha pelo não-reconhecimento da UNE como entidade representativa dos estudantes. Os estudantes que estiveram no COBRECOS e participaram das discussões e votações, penso que ficaram aptos a entender os

¹⁸ FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, organização em que a ENECOS atua na coordenação desde sua origem, no início da década de 1990.

motivos que levaram a essa escolha e concordar ou não com ela. Mas e os estudantes que não participaram, como poderiam ter acesso às justificativas que engendraram uma ruptura desse porte?

Faço essas perguntas porque quando as “relatorias” não são escritas, o que fica sendo divulgado pelo sítio da ENECOS são as deliberações aprovadas para o ano 2005. Se um estudante lê as resoluções, mas não tem acesso ao conjunto de fatores a partir dos quais as mesmas foram decididas, perde-se um frutífero espaço de formação e reflexão mais abrangente, que extrapole os muros dos encontros estudantis e fale por si só, podendo ser reproduzido e levado até as diferentes e as mais longínquas “escolas”. Cheguei a insistir via listas de discussão virtuais para que as “relatorias” do eixo Comunicação fossem enviadas, mas não obtive êxito. Se a questão da comunicação dentro de um movimento de estudantes de comunicação foi indicada a partir desse primeiro contato, posso adiantar que foi aprofundada com minha permanência no campo, sobre o que comentarei ao longo da dissertação.

Importante ressaltar que essa fluidez não é absoluta. Tomadas de posição frente à Reforma Universitária, por exemplo, foram transformadas em cartilhas, conseguindo resistir à tendência à liquidez do movimento estudantil. Impressas em preto e branco, grampeadas e dobradas pelos próprios estudantes, essas publicações alternativas ganharam espaço nas “escolas”, fomentando reflexões e ampliando o cenário formativo.

8

A participação dos universitários na Regional Rio da ENECOS

Se acompanhar o COBRECOS me proporcionou entrar em contato com a organização política da ENECOS em nível nacional, foram as observações da Regional Rio que me possibilitaram um olhar contínuo e intensivo do grupo. Quais seriam as práticas e táticas adotadas pela Regional Rio para o alcance dos objetivos propostos pela ENECOS? Observei que os estudantes voltaram do COBRECOS com folhas e mais folhas que compõem o “caderno de resoluções”, ou seja, com metas, propostas e temas que depois de votadas no COBRECOS deveriam ser priorizados para estudo e tomadas de posição da entidade durante o ano corrente.

Soube que as coordenações das regionais mudam a cada ano, por eleição direta. Têm como função organizar o movimento estudantil nos estados, somando forças com os centros acadêmicos, oferecendo uma agenda de discussão e caminhos formativos. Para a coordenação da regional Rio, Paula, da UERJ, assumiu esse papel em 2005 na gestão “Para botar a boca no mundo”.

No período observado (de novembro de 2004 a julho de 2005) os seguintes estudantes participaram das reuniões promovidas pela Regional Rio: Paula e Elisa, da UERJ; Rafael e Gilka, da UFF; Rafael e Bruno, da Estácio-Bispo; Clarissa e Isabel da PUC-Rio; Vinicius e Cinthia da Pinheiro Guimarães e no último mês, Tatiana da Unicarioca. Posso dizer que Rafael (UFF) e Paula (coordenadora da Regional e estudante da UERJ) foram os mais presentes, os outros estudantes alteraram a frequência e a participação. A Regional Rio não conta com uma “sede”, a cada semana ou quinzena as reuniões tentavam ser promovidas em uma das universidades em que tivessem estudantes envolvidos, como forma de tentar “garantir a discussão em todas as es colas”.

Aliás, esses estudantes falavam apenas em “escolas” e não em “universidades”. Uns diziam que foi porque o movimento começou em São Paulo e lá se fala em “Escola de Comunicação e Artes”, outros diziam que “escola” é mais abrangente, porque nem todas são universidades: há faculdades, institutos e centros integrados. Eles dizem que no início também achavam estranho falar “escolas”, mas já se acostumaram.

Assim, fui sendo apresentada a todo um vocabulário específico: “coletivo”, “companheiro”, “militante”, “pelego” (aquele que fica em cima do muro, não se posiciona), que eram mais relativos às características individuais dos estudantes. Os verbos “pautar”, “estabelecer um piso para falar” (eles têm o costume de cronometrar as falas de cada um, como forma de garantir que todos se manifestem), “estar (ou não) em disputa”, ou seja, estar ou não aberto a mudanças e “deliberar” são usados para as instâncias políticas, assim como a importância de se estabelecer um “movimento de base”. Quando o tema é democratização da comunicação se referiam às grandes redes de comunicação como “mídia grande” em oposição à “mídia alternativa”. Além disso passeavam por uma série de siglas com muita facilidade, muitas vezes não colocando legenda nas falas.

As reuniões da Regional Rio não excluía as reuniões feitas pelos centros acadêmicos de cada universidade. Eram momentos diferentes que podiam ou não compartilhar pautas em comum, mas a intenção seria a de que pudessem ser complementares. Aliás, em relação à participação dos alunos, observei que são duas ordens de coisas: “ser da ENECOS” e ser do “movimento estudantil”, nem sempre aparecem integradas

Fui percebendo que havia uma diferença entre as atividades propostas pela ENECOS e pelos centros acadêmicos de cada universidade. Por exemplo, a gestão observada do centro acadêmico da UFF estava com um movimento estudantil forte. Os alunos fazem o jornal-laboratório "Fazendo Media", que tem sido reconhecido como importante para a Democratização da Comunicação tanto pela Revista Caros Amigos, como pelo site da Multirio, empresa de multimeios da prefeitura; as reuniões eram muito freqüentadas e realizaram eventos com divulgação com ampla antecedência, através de panfletos explicativos sobre suas atividades, preocupações e reuniões.

Entretanto, isso não quer dizer que estivessem comparecendo com assiduidade aos encontros da Regional Rio (ENECOS). Ou seja, as reuniões da Regional apareciam como um compromisso a mais em suas vidas, como desabafa Rafael em uma resposta ao email do Bruno. Transcrevo trechos das mensagens trocadas na lista de discussão para exemplificar como a plataforma virtual vem sendo utilizada pelos estudantes – adiantando que esse tópico da virtualidade será abordado ao final desse capítulo.

Data: Wed, 27 Apr 2005 15:18:56 -0300

Mensagem: 1

De: bruno

Assunto: Re: Reunião quarta/amanhã?!!!

Respondammmmmmmmmmmmmmm

Desculpem, mas estou desanimado com a ENECOS. Por sinal, lamentável ninguém da Executiva ter participado de nossa contra-homenagem à Rede Globo, ontem, no Sindipetro-RJ. Foram exibidos dois documentários: o clássico Além do Cidadão Kane e o pouco conhecido documentário feito pelo Comitê pela Democratização da Comunicação do Rio por ocasião dos 25 anos da Globo. Esse último foi feito com imagens roubadas por militantes de dentro da emissora e é muito interessante. (...)Enfim, foi bem legal.

Mensagem: 3

Data: Wed, 27 Apr 2005 17:10:37 -0300 (EST)

De: "Rafael"

Assunto: Re: Reunião quarta/amanhã?!!!

Respondammmmmmmmmmmmmmm

*Também senti falta da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social nos 40 anos da Globo. Mas aí, Bruno, temos que ter cuidado com as críticas, pois isso ocorreu muito por falha nossa, dos estudantes e centros acadêmicos de comunicação. A Paulinha, única coordenadora regional do Rio, não tem como fazer tudo sozinha. Ela vem cumprindo seu papel buscando chamar reuniões, mas nós não temos conseguido aparecer. Isso é muito complicado. (...) E vale lembrar que só temos uma coordenadora regional e que uma andorinha só não faz verão. **Ela é uma pessoa que como nós, estuda, trabalha, participa do Centro Acadêmico e ainda da ENECOS.** O DACO-UFF está se organizando para pensar como trabalhar mais junto da ENECOS e como potencializar o movimento dos estudantes de comunicação do Rio e do Brasil. (...)*

Ah, estou mandando em anexo o material que preparamos para o aniversário da Globo

aqui na UFF.

Um abração,

Rafa - UFF.

Na verdade, os estudantes mesmo se definindo como sobrecarregados pelo excesso de atividades não se imaginavam “apenas sendo alunos”, assistindo aulas e voltando para casa. Para eles, a universidade deve ser muito mais que isso, um lugar de articulação que permita “fugir da mediocridade”. Mas nem sempre, segundo eles, tal tarefa é possível. Como me relataram, o movimento estudantil na Estácio - Unidade Bispo - foi iniciado pelo Bruno e pelo Rafael que, como tinham vindo de instituições públicas (Pedro II, UFF e UERJ), sentiram necessidade de

abrir um centro acadêmico. Hoje dizem não querer mais investir energia para esse fim, pois não encontraram retorno, as pessoas não se interessam em participar.

Isso não quer dizer que estivessem pensando em limitar suas atividades às aulas, mas que passaram a considerar mais produtivo dedicar seu tempo para movimentos sociais. Bruno participa do jornal laboratório da UFF Fazendo-Media, além de fazer estágio na Sindipetro. Usa as listas de discussão virtuais da ENECOS – tanto a Regional Rio como a Democratização da Comunicação com frequência para divulgar atividades dos Comunicativistas e CMI¹⁹ (Centro de Mídia Independente).

8.1 Os temas circulantes na Regional Rio

Nas minhas observações verifiquei que os temas sobre os quais os estudantes da ENECOS mais se pronunciavam eram vastos e perpassavam eixos temáticos como “sociedade”, “educação” e “comunicação”. Pretendiam “gerar acúmulo” de discussão não apenas sobre a democratização da comunicação, como sobre a reforma universitária e propostas neoliberais.

Em um dos dias de um seminário promovido pelo centro acadêmico da UFF e realizado em um fim de semana, foram distribuídos folhetos, dentre eles um considerado por mim como especial: “*Veja o que está acontecendo no ICAS! Ajude a organizar alguma dessas atividades e sugira novas idéias!*” O folheto fotocopiado oferecia 35 atividades! Eram assuntos, desde os mais abrangentes (ida dos estudantes para o ENECOM; Olimpiacs; criação de jornal comunitário do Ingá; discussão de ecologia) quanto mais voltados para o curso na UFF (programação cultural; revitalização do campus aos sábados; avaliação do curso; rádio universitária, mural; organização de debates em conjunto com professores e da Semana de Comunicação – agendada para setembro)

O interessante era o desejo de engendrar “acúmulo de debate” em diferentes frentes: sobre leitura crítica da mídia, estágio, combate às opressões, Reforma Universitária, importância dos projetos de pesquisa e extensão, ANCINAV, Conselho Federal de Jornalismo, Obrigatoriedade do Diploma, Lei de

¹⁹ <http://www.midiaticata.org> e <http://www.midiaindependente.org>

Rádiodifusão Comunitária, além dos específicos sobre a Democratização da Comunicação: monopólio da mídia, controle social da mídia, renovação automática das concessões públicas de rádio e TV, meios de comunicação alternativos, etc. Sim, o panfleto termina com um etc! Eu já não tinha mais fôlego para tanto assunto. Não foi à toa que Gilka mostrou para a câmera o panfleto dizendo: “utopia, isso é utopia”, rindo muito. Perguntei o que ela estava querendo dizer com aquilo, ao que respondeu que seria utopia não no sentido de não acreditar na importância de se lutar por todos aqueles pontos, mas na possibilidade deles serem tratados todos num seminário de dois dias.

8.2 **As reuniões**

Na época da pesquisa, as reuniões da Regional Rio contavam em média com quatro a seis participantes, tendo de duas a três horas de duração. Depois de “socializado” os avisos e informes e distribuído jornais alternativos, a coordenadora iniciava a fala oferecendo uma “proposta de pauta”, sempre tendo o cuidado de perguntar se “está tudo bem”, se todos concordavam.

Se havia alunos novos, a apresentação era simpática, porém sem maiores dinâmicas para entrosamento. Pediam que a pessoa falasse o nome e o período e que “se sinta à vontade, qualquer coisa é só perguntar”. Sempre ficava esperando que tivesse um material básico de apresentação, um “kit aluno interessado”, mas não. Ao final pedia-se que esse aluno ou aluna colocasse o seu e-mail numa folha de papel para ser “adicionado à lista da regional” (lista de discussão virtual). Posteriormente eu tinha o cuidado de perguntar se essas pessoas que tinham assinado a lista passaram a receber as mensagens, mas me diziam que não. Fui descobrir mais tarde que essas pessoas não tinham sido incluídas na lista porque “a senha está com a moderadora e ela esqueceu de passar para a gente”. Detalhes desse tipo foram observados com frequência.

No período observado (de novembro de 2004 a julho de 2005) vi que apenas um texto foi lido e discutido em reunião da Regional Rio – sobre a qualidade de formação do comunicador social. Pareceu-me que as reuniões serviam mais para se “pensar os encontros” e dividir tarefas e não como instância formadora. Na verdade, além dos encontros promovidos pela ENECOS, eram as

listas de discussão virtual que cumpriam melhor esse papel, pois através delas era possível haver troca de textos, de notícias e reflexões sem os limites espaços-temporais. O contato com veículos de mídia alternativa também pareceu ser fundamental. Os estudantes, depois de conhecer a ENECOS, contavam que começaram a ler a Revista Caros Amigos, Revista Carta Capital, Jornal Brasil de Fato, Le Monde Diplomatique, além de entrarem em diversos sites como Observatório da Imprensa, Centro de Mídia Independente, Intervozes e Cris Brasil. A rede continuava com o programa televisivo Roda Viva, preferido dos estudantes em todo o país.

Os estudantes cariocas com os quais interagi tinham consciência que com o número enxuto de estudantes envolvidos não “iam ter pernas” para por em prática todas as instâncias que foram votadas no COBRECOS. Isso porque no congresso foram deliberadas as ações que deveriam ser assumidas pelas regionais durante o ano, que eram muito abrangentes justamente por abordarem os três eixos: *sociedade, comunicação e educação*. Para suprir essa lacuna, os mais envolvidos inscreviam-se em listas de discussão virtuais de algum Grupo de Estudo e Trabalho (GET) e ali, no mundo virtual, iam trocando informações, textos e se pronunciando sobre assuntos do cotidiano político relativo não apenas a comunicação, mas às opressões e lutas sociais. Um acompanhamento mais detalhado foi feito junto à lista do GET Democratização da Comunicação, sobre o qual falarei no capítulo seguinte. A lista virtual da Regional Rio também foi analisada e por lá os textos, notícias e avisos também são circulantes.

8.3 Os atrasos

No Espírito Santo, quando acompanhei o COBRECOS, ouvi um estudante de Goiânia pegar o microfone do auditório e dizer “o movimento estudantil não vai fazer a revolução porque vai chegar atrasado!” Eu estava apenas iniciando meu trabalho de campo e, assim, naquele momento não saberia dizer se o comentário procedia, mas acredito que agora posso afirmar que realmente nunca – e não digo nunca por força de expressão – cheguei a uma reunião que tivesse começado na hora combinada. Os atrasos variavam de trinta minutos a uma hora e meia, o que, se acrescentado ao tempo que eu já deixava reservado para observar,

me dava uma margem muito maior de demora, o que eu aproveitava para percorrer os murais, as salas de aula, as bibliotecas, enfim, o espaço físico.

Mas mesmo com toda a demora, os estudantes vinham e traziam papéis, avisos, cartazes, jornais. Anunciavam passeatas, ocupações de prédios públicos, marchas das mulheres, do MST²⁰ e atos pela democratização da comunicação. Como muitas dessas atividades trazidas pelos estudantes não vinha encampada pela ENECOS ou pela Regional Rio, sendo apenas anunciadas, deixei de observá-las. Vi que seria muito esforço para pouco retorno.

Cheguei a ir a um encontro paralelo na UFF (sobre a democratização da Comunicação), divulgado por um estudante da Estácio na lista da Regional Rio, mas vi que esse não seria o caminho, pois, nenhum estudante da Regional tinha ido, nem mesmo o que me convidou. Aliás, o que me convidou até chegou a ir, mas não conseguiu encontrar o lugar da reunião e já eu explico por quê: mudaram o local da reunião e colocaram um aviso escrito a mão na porta da diretoria dizendo que estariam na “primeiro lance de escada, porta a esquerda”. Vi que se alguém seguisse esse mapa, não encontraria. A indicação correta seria no “segundo lance de escada”. Esse descompromisso com a formalização da comunicação entre eles e para além deles chamou minha atenção em diferentes momentos.

8.4 Os murais

A começar pelos murais, tirando a Estácio e a UFF – que apresentavam uma série de cartazes e avisos sobre comunicação, movimento social, recortes de jornais alternativos e programações culturais, a UERJ, Pinheiro e PUC-Rio pouco utilizavam esse recurso para essas informações mais gerais, o que dirá de avisos sobre atividades da ENECOS. Apenas na Estácio encontrei divulgação nos murais sobre as reuniões que aconteceriam naquele campus, mas não uma apresentação formal da ENECOS, por exemplo. Até na UFF, que tinha como costume divulgar as atividades do centro acadêmico, não havia referência a ENECOS enquanto tal, enquanto Executiva que pode ser acessada através de página na internet, e-mail e telefones, além dos principais projetos que defende. Os estudantes disseram que

²⁰ MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

costumavam “passar nas salas”, pois, acreditavam mais nesse “corpo a corpo”, mas o que vi foi é que essa estratégia não garantia uma representatividade entre os alunos de fora.

Com o costume de chegar com pelo menos uma hora de antecedência para assistir as reuniões, aproveitava parte do tempo para me aproximar de estudantes das diferentes universidades que observei, preferencialmente não ativos no movimento estudantil. Queria ouvir suas posições sobre a ENECOS, sobre o centro acadêmico e saber se estavam cientes da reunião marcada para aquele dia. Tentava ter acesso, assim, a política de divulgação das atividades feita pela ENECOS e o alcance dessa investida.

Muitos alunos não sabiam o que significa a ENECOS e isso me chamava atenção. Como a entidade pode ser considerada Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social se alunos não apenas não se sentem representados por ela e nem ao menos conhecem? Independente da universidade a que pertenciam, pública ou particular, dificilmente os alunos sabiam o que era a ENECOS, mesmo quando estudantes dos últimos períodos. Os centros acadêmicos pareciam ser razoavelmente conhecidos – um ou outro aluno até dizia saber da reunião – mas não mostram interesse em participar. A afirmação que davam era categórica e recorrente: “somos a-políticos”; “não gostamos de política”; “a gente não acredita mais em política, não acreditamos que seja possível mudar”.

Para tentar “mudar”, tentar “transformar”, os estudantes ligados a ENECOS costumavam dizer que “não tem pernas” para fazerem contatos com universidades que não tenham pelo menos um centro acadêmico, mas pelo o que observei, até mesmo em universidades que têm os cursos de comunicação filiados a ENECOS a divulgação não acontece de forma sistemática.

O que percebi também é que a falta de investimento em comunicação externa alimenta um ciclo vicioso. Sem material para apresentar nas “escolas” (termo que usam quando se referem a universidades e faculdades), não conseguem divulgar as atividades da ENECOS e nem fomentar a abertura de novos centros acadêmicos. O próprio *site* se encontrava na época desatualizado e com *links* que não abriam: as informações sobre o grupo iam, assim, ficando concentradas apenas entre eles. As atas das reuniões demoravam muito para serem colocadas na lista virtual – isso quando eram. Grande parte dos avisos com as datas das

reuniões também eram divulgados em cima da hora, o que acabava comprometendo o planejamento dos interessados em participar.

8.5

O ERECOM-Rio (Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social)

A coordenação da Regional Rio faz da agenda de encontros da ENECOS sua linha-guia-temporal. Logo após o COBRECOS, sempre realizado em janeiro, a ENECOS sugere que seja organizado o Erecom – Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social. Para que esse encontro saia do papel, pressupõe-se que haja um trabalho coletivo organizado, divisão de tarefas e contatos externos para promovê-lo. Quem irá conseguir patrocínio? Local para sua realização? Pensar nomes de palestrantes para as mesas? Escolher os temas a serem debatidos? As oficinas a serem oferecidas, as festas? Melhor fazer com alojamento ou sem? Fui percebendo que além de se revelar uma instância formativa ampla, a ENECOS oferecia aos seus militantes experiências contínuas em organização de eventos.

Para somar esforços na organização desses eventos, participantes da Regional Rio lançavam convites na lista de discussão da Regional Rio divulgando as reuniões, tentando interessar através do boca-a-boca virtual novos estudantes a contribuírem para a demanda de planejamentos.

Em todo o momento se fala em “se voltar para as bases, ir até as escolas”, e como isso seria feito? Primordialmente pelos “encontros”, como o Erecom e o ENECOM. Rafael, da UFF, chegou a organizar uma tabela com o nome de todas as “escolas” que tinham curso de Comunicação Social no Estado do Rio. Esse mapeamento serviria para tentar contato e uma proximidade de “escolas que ainda não tem movimento estudantil” e assim, convidá-las para participar do ERECOM-Rio (Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social).

Embora a tabela tenha sido feita, a Regional Rio não conseguiu garantir que os cartazes chegassem até esses espaços a tempo, pois não havia quem levasse e os materiais ficaram prontos muito em cima da hora. A tentativa assim, não logrou êxito, pois no Erecom só compareceram 30 estudantes, sendo que grande parte já envolvida com o movimento estudantil – quando a previsão seria receber de 150 a 200 participantes. O planejamento inicial seria para que o Erecom fosse realizado

em maio, mas devido aos atrasos para sua organização e fechamento da data, o mesmo só aconteceu em julho – quando a maioria das universidades já estava de férias. As incertezas quanto à data e a posterga para sua realização efetiva contribuiu para que a divulgação fosse escassa, resultando num evento esvaziado.

Os dois universitários que estavam fazendo no Erecom o primeiro contato com a ENECOS vinham de Barra Mansa, mas fizeram questão de frisar no dia da avaliação do encontro que “a ENECOS não procura os estudantes. A gente ficou sabendo do Erecom porque um professor avisou”, reclamação idêntica a feita por Cíntia, da Pinheiro Guimarães – ela também só soube que existia a ENECOS porque um professor divulgou o Erecom do ano passado. Esse fato contribuiu para que Cíntia, estando à frente do centro acadêmico em sua faculdade, tivesse reservado a abertura da programação na Semana dos Calouros para que houvesse uma fala da ENECOS.

Eu estava lá, observando o auditório cheio, para acompanhar como essa apresentação formal da ENECOS aos alunos novos de uma faculdade privada seria feita. No panfleto, as falas de Rafael e Paula apareciam como a abertura da Semana, a primeira atividade de todas, seguida pelas boas-vindas dos professores e sessão de filmes. Entretanto, a apresentação da ENECOS não pode ser o abrelatas, porque Rafael chegou com duas horas de atraso, quando o auditório já estava esvaziado e os novos alunos assistiam filmes, com as luzes apagadas. Vincius e Cíntia interromperam a sessão para que a fala pudesse ser garantida antes que os estudantes restantes fossem embora. Rafael levou adesivos, falou sobre a ENECOS, sobre a reforma universitária e democratização da comunicação, subindo ao palco vestindo a camisa da ENECOS – outra prática comum. Como pode ser visto, a impontualidade continuou perpassando as diferentes dimensões da atuação da Regional no Rio de Janeiro.

8.6

ENECOM: o potencial chamariz para as Regionais

O carro-chefe de apresentação da ENECOS é o ENECOM – Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação, que acontece anualmente em diferentes cidades brasileiras, contando com uma média de 2.000 estudantes, geralmente em setembro. As Regionais de todo o país aproveitam esse momento para pensar

maneiras de atrair o maior número possível de estudantes para o movimento estudantil – e com a Regional Rio não foi diferente.

Pude observar que havia mesmo uma grande área em torno desse encontro, conhecido por atrair interessados no “turismo barato”, nas “oficinas lúdicas”, nas “místicas” e “minicursos”, pois esse encontro não tem o “caráter pesado e político” do COBRECOS, sendo permeado por mostras de vídeos, danças e zines. Lutar contra esse estereótipo tem sido tarefa árdua, mas persistente entre as diferentes C.Os (Comissões Organizadoras) desse evento, pois há o consenso que organizar um evento nacional de grande porte como o ENECOM só vale a pena se houver um retorno político, embora para grande parte dos estudantes o ENECOM simbolize o momento para se ter “lembranças boas da faculdade” e “conhecer o Brasil”.

Essas possibilidades são mesmo chamariz. Pude perceber que, se as reuniões oficiais da Regional Rio reuniam no máximo seis alunos, os encontros colocados como “pré-requisito” para viagem até o ENECOM 2005 – que aconteceu em Maceió - reuniu mais de 90 estudantes no auditório da UERJ e mais de 70 na UFF.

A estratégia de colocar uma reunião pré-ENECOM como pré-requisito para os interessados em viajar estava sendo reavaliada entre os estudantes do Rio de Janeiro por perceberem que muitos iam até as reuniões e encontros somente quando anunciados como pré-requisito para o ENECOM, assinando o nome na lista de chamada como forma de garantir uma vaga no ônibus e não aparecendo mais. Acompanhei uma discussão na UFF sobre qual “critério” deveria ser usado para selecionar as pessoas para a viagem. Percebi um conflito: não queriam amarrar a fôrceps as pessoas às reuniões, mas também consideravam injusto alimentar essa “falta de compromisso político”.

Uma aluna era bem firme no seu dizer: “tem que vir sim, tem que estar na reunião, tem que pensar junto o movimento estudantil”, enquanto outros ficavam na dúvida sobre a eficácia desse ato. Esse impasse eu pude presenciar no ENECOM, em setembro, quando o Coletivo da Universidade Federal de Alagoas, um dos organizadores do encontro, sugeriu que o ENECOM fosse substituído por “eventos de menor proporção, politizados e que agregasse pessoas com interesses políticos”. Encontrar um equilíbrio entre ser convite irrecusável sem deixar de priorizar questões de interesse público não tem sido tarefa simples para os estudantes quando pensam e planejam o ENECOM.

9

A lista de discussão da Regional Rio na Internet

Para complementar a observação das atividades do grupo da Regional Rio, encontrei no espaço virtual uma forma complementar de coleta de informações. Sendo assim, acompanhei diariamente as mensagens enviadas para a lista de discussão da Regional Rio, de 30 de outubro de 2004 a 30 de julho de 2005. O contato virtual foi bastante proveitoso, porque os estudantes mostraram fazer um uso freqüente da Internet como um meio de comunicação.

Na verdade, todas as reuniões da Regional Rio foram marcadas através da lista de discussão virtual e também nesse espaço foram trocados textos, informes, notícias, oportunidade de estágio e divulgação de eventos culturais. Na maior parte das vezes, a lista aparecia como um banco de notícias, pois as mesmas eram enviadas por vários estudantes, mesmo que depois não fossem comentadas. As leituras eram compartilhadas, mas não necessariamente debatidas. O que fosse considerado interessante era lançado na Rede, socializado e posto à disposição a quem pudesse interessar.

Em outubro de 2004, foi divulgada na lista uma carta convocando os estudantes para participarem da “Grande Marcha”, que seria realizada no dia 25 de novembro do mesmo ano, em Brasília. A proposta era de sair junto a diferentes movimentos sociais “*em defesa de um país sem latifúndios; em favor do avanço dos direitos trabalhistas; e em prol da universidade pública e gratuita*”. Ter incitado a participação em um ato desse porte demonstra o diálogo dos estudantes para além das atividades circunscritas aos eventos promovidos pela ENECOS, pois há a soma de forças quando a pauta é comum. Elisa (UERJ), a então coordenadora da Regional Rio, divulgou a marcha na lista e também participou da mesma – que chegou a contar com 20 mil pessoas contra as Reformas Trabalhista, Sindical e Universitária.

A grande ala contra a Reforma Universitária na “Grande Marcha” foi ocupada, entretanto, por estudantes adeptos à Conlute (Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes) – entidade que se opunha à UNE (União Nacional dos Estudantes). A ENECOS, entretanto, por mais que viesse a votar no COBRECOS de janeiro de 2005 pelo não reconhecimento da UNE, também optou não reconhecer a Conlute como entidade representativa, alegando motivos de um mesmo teor: se o problema da UNE seria a Juventude UJS, o da Conlute seria a do PSTU, ou seja, a

partidarização. Desde a sua criação, a ENECOS opta por ser uma instância sem filiação partidária – resposta essa recebida por mim via lista de discussão da Regional Rio, por diferentes estudantes. Isso não impediu, entretanto, que em janeiro, no COBRECOS 2005, a ENECOS tivesse decidido apoiar o II Encontro Nacional Contra a Reforma Universitaria de Lula/FMI organizado pela Conlute.

No início de janeiro, Leila (UFRJ) anunciou pela lista da Regional Rio a “convocatória Encontro Conlute no FSM”, pois a entidade promoveria uma reunião no Fórum Social Mundial no dia 28 de janeiro. Seu irmão Carlos (UFRJ), também filiado à Conlute, aproveitou para divulgar uma tese para embasar a defesa da dessa nova entidade. Mais tarde – em setembro, no ENECOM-Maceió - os dois viriam a formar primeira chapa de oposição para disputar a coordenação da ENECOS – um ato inédito desde a sua criação em 1991. No entanto, a chapa não venceu. Ou seja, por mais que os estudantes de oposição não reconheçam a ENECOS como entidade representativa também utilizam o espaço da lista de discussão virtual da Regional Rio para divulgarem suas idéias.

O movimento “Por uma Universidade pública e Gratuita: vamos barrar essa Reforma” recebeu apoio da ENECOS, pois a entidade defendia que fossem feitos investimentos em universidades públicas, garantindo o tripé ensino, pesquisa e extensão. Meses depois a ENECOS chegou a publicar uma cartilha explicativa sobre esse tema. Assim, a discussão sobre a Reforma Universitária não cessou com a divulgação da “Grande Marcha”. A mensagem com o título: “*Todo mundo tem que estar lá*” foi enviada por Rafael (UFF) no dia 11 de novembro, às 06h46 da manhã. A intenção era de lançar o convite para um ato público contra a Reforma, que sairia da UFF até o Centro do Rio de Janeiro naquele mesmo dia, às 15h da tarde. Ou seja, o aviso estava sendo lançado na Rede Virtual literalmente em cima da hora, o que acabou atrapalhando a programação de outros estudantes interessados, como conferi posteriormente.

Avisos como esses, colocados em cima da hora foram muito comuns. Sete meses depois, dia 27 de junho, Rafael (UFF) lançaria mais um convite-relâmpago: “*Galera, Hoje teremos um ato pela qualidade de formação do comunicador social da UFF aqui no IACS. Gostaria muito de contar com o apoio e a presença da galera de comunicação do Rio.*” Ele termina a mensagem deixando abraços e o seu telefone celular – outra prática comum entre eles, mas esqueceu de dizer o horário do ato, por exemplo. Mais uma vez a impressão que

fica é a de que as informações são jogadas à própria sorte: quem conseguisse ler a tempo de ir, ótimo.

Por outro lado, a forma com que divulgavam as palestras, atos e reuniões ganha um traço pessoal. Os estudantes não repassavam avisos simplesmente, mas reforçavam-nos com suas próprias palavras. O e-mail enviado por Bruno (UNESA) – também com um dia de antecedência - ilustra essa situação:

“Só pra lembrar que nessa segunda-feira vai rolar aquela palestra sobre TV digital na PUC. Recebi a informação pela lista dos Comunicativistas, enviada pelo Gustavo Gindre, coordenador do INDECS e um crânio nessa área. Deve ser interessante. Esse tema interessa a todos os estudantes de comunicação social, por isso estou reforçando o convite. E a galera se revê... (19/12/2004)

Bruno pode ser considerado o estudante mais ativo da lista da Regional Rio. Foi o mesmo que conseguiu garantir na reunião do coletivo carioca CMI (Centro de Mídia Independente) o tópico “articulação CMI – ENECOS”. Ele tentou aproximar a Regional Rio dos movimentos pela democratização da comunicação, anunciando atos, convidando para palestras, repassando boletins, questionando quando algo era enviado e não concordava, debatia, propunha parcerias, reclamava.

Em 21 de janeiro de 2005, Bruno sugeriu que ex-militantes da ENECOS que mesmo depois de formados continuam no movimento pela democratização da comunicação através da rede Comunicativistas – como Gustavo Gindre, Thaís Ladeira, Cláudia de Abreu e Rafael Freitas – “*passassem a ser uma espécie de "conselheiros" da Regional Rio, por sua experiência*”. Ele também reagiu quando Tatiana usou a lista um convite para “debate sobre a Reforma Universitária”, no dia 5 de abril, que seria realizado na Unicarioca no dia seguinte. Por ter lido que todos os componentes da mesa eram nomes a favor da Reforma, Bruno provocou em sua mensagem virtual: “*Ué... os três convidados falam a favor da reforma... Onde está o tal DEBATE?*”

Com essa pergunta, Bruno pode despertar na estudante uma possibilidade de visão crítica que a mesma ainda não tinha percebido. Atuou, assim, como um mediador através da Internet.

Como disse acima, todas as reuniões da Regional Rio foram marcadas pela lista de discussão virtual. Paula (UERJ) escrevia não apenas a data, o local e a hora, mas adiantava sugestões de pauta para esses encontros, que nunca foram

contestados. Para marcar a primeira reunião do ano (pós-COBRECOS), a pauta divulgada pelo mundo virtual foi: *avaliação do COBRECOS, Erecom, Campanha “Vamos barrar essa reforma universitária” e um pequeno planejamento para o ano*. Paula teve o cuidado em enviar em anexo o caderno de resoluções do último COBRECOS para norteá-los melhor, para que os interessados pudessem ler as resoluções e já chegassem à reunião com um embasamento.

Por outro lado, o que tivesse sido discutido e decidido nessas mesmas reuniões demorava muito para ser exposto na lista virtual – o que considerei como mais um empecilho para a sedução de novos estudantes e para a organização até mesmo dos que já estão mobilizados. Paula chegou a se desculpar uma vez, dizendo que estava muito envolvida com a eleição para o DCE da UERJ, para a qual sua chapa estaria concorrendo. Elisa, também da UERJ, muitas vezes enviava mensagens cortadas, em fragmentos para a lista, pois estava no estágio e só conseguia escrever quando encontrava alguma folga – o que poderia acontecer em momentos diferentes do dia.

O quorum nas reuniões da Regional Rio nunca foi alto, pois a média de participantes por reunião presencial se mantinha em quatro estudantes. Um e-mail enviado por Paula depois de tentar algumas vezes encontrar um dia e horário que fosse bom para que um maior número de estudantes pudesse comparecer externaliza esse dilema:

Horário das reuniões: Tá difícil mesmo achar um horário que contemple a maioria das pessoas. À noite, UFF e Pinheiro Guimarães têm aula. De manhã, Estácio, Puc e Uerj. De tarde, quase todo mundo trabalha. (15/05/2005)

Como encontrar um horário livre em comum se apresentava sempre como questão, um estudante chegou a sugerir na avaliação da Regional Rio no ENECOM - em setembro de 2005 - que os encontros deveriam ter um caráter para além das discussões políticas, congregando música, churrascos e futebol, por exemplo. Segundo disse, essa seria uma maneira de garantir uma maior assiduidade e envolvimento de todos. Entretanto, até outubro de 2005 esse projeto não tinha saído do papel.

No dia 20 de maio, Elisa repassou um e-mail falando sobre o lançamento da Telesul: não imaginei que esse tema ainda seria bastante debatido e posto em cena, principalmente após o Erecom, em julho. Mesmo com uma participação muito aquém do esperado (a previsão era de 150 a 200 estudantes, quando na

verdade compareceram apenas 30), as palestras no Erecom foram incisivas, com destaque para o professor José Arbex Jr, por ter falado especificamente sobre a Telesul, sobre a Venezuela e sobre o governo de Hugo Chávez.

Em 10 de julho – logo após o término do Erecom - Bruno lançou um convite para o planejamento de um ato público para o lançamento da Telesul. Como esse assunto tinha sido debatido no Erecom e apoiado pelo professor José Arbex Jr., não foi à toa que o estudante Gustavo (UERJ) se pronunciou logo em seguida, dizendo na lista que *“pelo calendário que definimos no Erecom, talvez seja importante nós participarmos dessa reunião... o que vocês acham?”*

Percebi que todos acharam ótimo, porque a presença foi maciça. Praticamente todos os estudantes compareceram à sede da TV Comunitária, iniciando uma parceria com diferentes movimentos sociais para conhecer as propostas, pensar e promover o lançamento da Telesul. A empolgação estava alta, tanto que no mesmo dia da reunião, dia 12 de julho, Bruno disponibilizou durante a madrugada a ata na lista da Regional Rio, com detalhes. Mas essa é uma outra história. O capítulo que ora segue permeia as aproximações da ENECOS com o movimento pela democratização da comunicação.

O que ficou para mim desse contato com a lista da Regional Rio reflete o que também ficou como impressão das reuniões em si: não havia um compromisso com o registro histórico do movimento, com a escrita e divulgação das atas de forma organizada, com a utilização dessa ferramenta que é a Internet para uma maior aproximação dos estudantes que ainda não participam da ENECOS, com os centros acadêmicos. A lista acabava sendo um instrumento para facilitar a comunicação entre os que já eram interessados e estavam vivendo o movimento estudantil naquele momento específico. Esses fatores somados com o número extremamente reduzido de estudantes por universidade interessados em participar acabaram comprometendo a ampliação da atuação da ENECOS.

A página virtual da ENECOS, por mais que estivesse robusta na época da pesquisa, com as principais informações garantidas, também sofria de mazelas semelhantes: não percebi um cuidado com a sua atualização. Além da parte de “Informes”, por exemplo, que estava em maio de 2005 com a última atualização em 2003, os documentos e textos assinados pela Executiva e expostos na Rede paravam em 2001.

O próprio blog criado para o ERECOM-Rio, que aconteceu em julho de 2005, ficou com a atualização parada em março. Indicações sobre como participar das listas de discussão estavam funcionando normalmente, mas perto do que a ENECOS mostrou pensar, atuar e produzir, a inserção no ambiente virtual não estava à altura, desperdiçando possibilidades de divulgar os caminhos percorridos, assim como de deixar rastros para que outros interessados possam segui-los.

Para embasar a relação dos universitários com a Internet, posso dizer que dos 70 questionários devolvidos pelos estudantes, obtive o seguinte resultado:

Na sua casa tem computador?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	não	5	7,0	7,2	7,2
	sim	64	90,1	92,8	100,0
	Total	69	97,2	100,0	
Missing	System	2	2,8		
Total		70	100,0		

Na sua casa tem Internet?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	não	9	12,7	13,0	13,0
	sim	60	84,5	87,0	100,0
	Total	69	97,2	100,0	
Missing	System	2	2,8		
Total		70	100,0		

Na sua casa tem Banda Larga?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	28	40,0	40,6	40,6
	não	41	58,6	59,4	100,0
	Total	69	98,6	100,0	
Missing	System	1	1,4		
Total		70	100,0		

Pelas tabelas acima, pode-se perceber que os estudantes possuíam facilidades para acesso ao computador e à Internet, pois 92% possuem computador em casa e 87% com acesso dedicado à Rede, mesmo que esse seja feito por linha telefônica (59,4%) e não por Banda Larga (40,6%)

10

Democratização da comunicação por virtualidades e presenças

Na lista de discussão virtual sobre a Democratização da Comunicação estavam inscritas 167 pessoas e circularam 524 mensagens de novembro de 2004 a outubro de 2005, com uma média de 40 mensagens mensais. Vale a pena observar que, nos meses em que estava sendo pensada ou organizada alguma manifestação estudantil, as trocas aumentavam significativamente. Se nos meses de junho e julho já foi possível perceber um aumento na circulação das mensagens – período em que a ENECOS se organizou para realizar um ato público pelo lançamento da Telesul, nos meses setembro e outubro, as mensagens duplicaram: 175 mensagens foram enviadas. Tamanha atividade parece traduzir o sentido e a importância desse instrumento para a comunicação, divulgação, coesão e planejamento do grupo.

A lista de discussão não é restrita aos estudantes de Comunicação Social, podendo se inscrever todos aqueles que se identificam com a causa, como representantes de movimentos sociais. Para isso, basta que seja enviado um email ao moderador do GET indicando a vontade de participar. Tanto estudantes dos primeiros períodos como os que já estão se formando e os que já se formaram participam das listas, tecendo uma rede ativa e contínua entre pessoas que ficam conectadas mesmo estando em diferentes lugares do país, possibilitando que as conversas se nacionalizassem.

Estudantes dos períodos mais avançados como Marcelo (DF), Mariana (PE) Julia (SP), Vinicius (ES), Danilo (MG) foram os que mais trocaram mensagens – depois de Rogério, de quem falarei abaixo - delineando as possibilidades interestaduais possibilitadas pela rede virtual. Avisos, recados, atas de reuniões, traduções de textos considerados importantes, indicações de possíveis *links* foram enviados para a lista de forma recorrente e a conversa se nacionalizava. Além desses itens, boletins de entidades como INDECS (Boletim Prometheus) e FNDC²¹ foram sempre re-encaminhados.

²¹ INDECS (<http://www.indecs.org.br>) e FNDC (<http://www.fndc.org.br>)

10.1 A contribuição dos ex-alunos

Foi em novembro de 2004 - assim que me inscrevi na lista do GET Democratização da Comunicação - que “conheci” Rogério, jornalista formado pela UNB e ex-militante da ENECOS. A sua colaboração foi de suma importância, pois estava sempre disponível para responder minhas perguntas, enviar notícias comentadas, artigos e avisos de eventos relacionados a democratização da comunicação. Além disso, sempre que alguma dúvida era lançada por alguém na lista virtual, prontamente Rogério respondia trazendo dados atualizados e demonstrando sua experiência no campo. Nosso contato não ficou restrito a esse espaço, pois constantemente “conversávamos” usando o programa MSN Messenger, pelo qual é possível trocar mensagens ao vivo.

A postura desse jornalista atuando entre estudantes novatos através de uma lista de discussão virtual fez com que me lembrasse da reflexão de Carrano (2003:31), a de que *“ninguém pode prever se as experiências sociais terão efeitos duradouros ou se serão inscritas apenas como eventos superficiais na formação da subjetividade”* dos jovens. No caso de Rogério, a participação no movimento pela democratização da comunicação não foi vivida como bandeira efêmera, tendo sido incorporada às suas práticas sociais mesmo quando o período de moratória social cessou. Ele exemplifica um dos tantos casos de estudantes que antes lideranças no movimento estudantil, depois de terem casado, tido filhos ou assumido um emprego, dão continuidade à causa.

Os estudantes que permanecem ligados à democratização da comunicação depois de formados costumam ser bastante citados na lista. João Brant, Gustavo Gindre e Thaís Ladeira, entre outros, hoje atuam como lideranças nacionais pela democratização da comunicação e são apontados como referências pelos estudantes, pois iniciaram suas militância através da ENECOS e não abandonaram a luta em suas atuações profissionais. Os ex-militantes são constantemente convidados a compor mesas e preparar falas em eventos e encontros da Executiva. João Brant, coordenador do Intervozes e Gustavo Gindre, do INDECS não apenas foram citados como usaram a lista para se comunicar com os ainda estudantes.

10.2 A pauta virtual de discussão

Em novembro de 2004, quando comecei a acompanhar a lista, uma das notícias enviada por Rogério divulgava os resultados de uma ação da sociedade civil organizada contra a discriminação das mulheres. Uma propaganda tinha sido veiculada por um comercial de cerveja contendo num descanso de copo a seguinte mensagem “Mulher e cerveja: especialidade da casa”²². O caso foi levado à Justiça pelo Comitê Latino-Americano para a Defesa dos Direitos da Mulher e ganhou. A cervejaria teve que custear cinco seminários em cada uma das regiões brasileiras, voltados para a realização de debates sobre o papel da mídia – que deveria estar além de reforçar preconceitos contra o sexo feminino.

Esse fato me faz lembrar um comentário feito por Paula (UERJ) sobre a qualidade de formação do Comunicador Social. A coordenadora da Regional Rio questionava a omissão dos professores nesse sentido, citando aulas em que eram pedidos trabalhos que simulassem a criação de peças publicitárias. A estudante contou que mesmo quando estudantes de sua turma apresentavam anúncios de cerveja usando a mulher como objeto sexual, os professores não abriam espaço para que pudessem pensar juntos sobre a transmissão de estereótipos e sobre a função do publicitário como sendo antes de qualquer coisa, um comunicador social, preocupado com a sociedade e não apenas em vender.

A associação entre democratizar a comunicação e pensar as questões de gênero foi desenhada todo o tempo, tanto nas listas, como nos eventos, reuniões e encontros. A dobradinha “democratização da comunicação” e “combate às opressões” já notada nas observações e entrevistas, também se refletia no espaço virtual.

Pela lista “Democratização da Comunicação” também circulou o decreto de 26 de novembro de 2004 da Constituição Brasileira²³, que instaura o Grupo de Trabalho Interministerial para análise da radiodifusão comunitária no país, tendo sido criticado pelos participantes, principalmente por apresentar como uma de suas funções a de “aperfeiçoar a fiscalização do sistema”. Na verdade, os movimentos pela democratização da comunicação encontram na radiodifusão

²² Matéria disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=14424>. Acessado em novembro de 2004.

²³ Publicado no Diário Oficial em 29/11/2004.

comunitária um forte baluarte e sob a manta de ‘fiscalizar o sistema’ tem percebido que o governo federal tem não apenas tratado com morosidade a questão das concessões para seu funcionamento, como tem adotado braços fortes na hora de lacrar rádios ‘ilegais’, inclusive apresentando mandado de prisão aos seus organizadores.

Sob a discussão acima, os posicionamentos do professor Venício Lima foram vistos por uma estudante como esclarecedores, ao ponto de mesma repassar para a lista os artigos escritos por ele com animação: “*Pessoal, Encaminho mais um ótimo material do professor Venício Lima. Estou bastante contemplada com este artigo!*” (Enviado por Mariana, PE). Mariana estava se referindo ao artigo publicado no Observatório da Imprensa em 08/06/2005. Nesse texto, o professor chama atenção sobre o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) ter ficado com a incumbência de preparar um anteprojeto de regulamentação dos artigos 221 e 222 da Constituição, e não os artigos 220²⁴ e 223, que são segundo ele os mais importantes. Esses dois últimos artigos tratam dos seguintes pontos: tanto os que definem que “os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”, como os que tratam das outorgas de rádio e televisão, além de definir o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

Quando os estudantes passam a ter acesso a posicionamentos que dialogam com as notícias oficiais – como no caso do da explicitação do ponto de vista do professor Lima a partir de notícia divulgada pelo Diário Oficial – aliados a iniciativas de movimentos sociais afins, como a Cris Brasil, encontram um canal possível para que possam intervir, se sentindo motivados a deixar suas contribuições. Exemplo disso pode ser tirado da mensagem enviada por Danilo (MG), escrita logo após João Brant ter escrito na lista que encaminharia uma carta ao governo federal em nome da Cris Brasil: “*Acho que poderíamos enviar uma carta manifestando o interesse da ENECOS em participar do processo de Construção da Lei Geral das Comunicações*” .

²⁴ Numa publicação do Congresso Nacional (2004), representantes da sociedade civil expõem seus argumentos em debate contra o monopólio ou oligopólio dos meios de comunicação de massa, aliás, proibidos pela Constituição Brasileira (parágrafo 5º do artigo 220).

10.3

Telesur: “Nosso norte é o sul”

Em 5 de julho de 2005, Mariana (PE) re-encaminhou uma mensagem eletrônica à lista enviada por Beto Almeida, então diretor da TV Comunitária de Brasília. Esse repasse já caracteriza a energia e vitalidade das fontes de mediação circulantes e a potencialidade e rapidez da Internet para divulgação das boas novas. Transcrevo algumas partes do documento por saber que o mesmo serviu de disparador para que a ENECOS abraçasse a idéia e se organizasse para apoiar e promover o lançamento da Telesul (www.telesurtv.net) no Rio de Janeiro, emissora financiada pelos governos da Venezuela, Argentina, Uruguai e Cuba:

(...) No próximo dia 24 de julho, a TV Sul, com sede em Caracas, inicia suas transmissões experimentais através do satélite NSS 806, onde o sinal estará disponível, gratuitamente.

(...) queremos uma televisão sem baixarias, sem culto ao consumismo ou à violência. E é isto o que temos que ajudar a realizar, criando a Rede TV Sul, que além de receber, poderá também alimentar esta televisão libertadora, enviando vídeos de produtores independentes, documentários ou reportagens sobre a luta do povo brasileiro, para que o mundo conheça verdadeiramente quem somos.

Na Tv Sul haverá o cinema latino-americano tão silenciado e boicotado; haverá jornalismo não controlado pelas transnacionais e bancos que ao anunciar ditam a linha editorial, haverá o espaço para contar a verdadeira história da nossa resistência secular de negros, indígenas e camponeses, e a arte e o talento de nossas artistas censurados e de nossos intelectuais libertários tão ignorados e desrespeitados pela mídia comercial. (...) Esperamos formar este grande mutirão para instalar a rebelião das antenas.

Uma semana depois (10/07), Elisa, coordenadora da ENECOS, divulgou na lista a reunião que aconteceria na sede da Tv Comunitária do Rio de Janeiro dali a dois dias, com a idéia de que se pudesse pensar em conjunto o lançamento da Tv Sul.. No email, Elisa diz esperar “*contar com a participação de todos aqueles que lutam pela democratização da comunicação para dar início à ‘Rebelião das Antenas’, na expressão do jornalista e diretor da TV Sul Beto Almeida*”, confirmando como determinados termos e discursos vão sendo apropriados e difundidos pelo grupo. A coordenadora aproveitou para encaminhar tanto uma entrevista feita por Pignotti (2005) ao diretor de jornalismo da Telesul, Jorge Enrique Botero, como um artigo escrito por Jakobisnki (2005). A prática de anexar às chamadas das reuniões textos foi comumente utilizada na lista para gerar discussões com “acúmulo teórico”, como dizem.

10.4 Ato-show De Costas para Hélio Costa

Quem estivesse passando pela Praça XV (RJ) em outubro talvez não soubesse que o ato público que ali estava sendo realizado vinha sendo discutido entre os estudantes desde julho. O coletivo Intervozes tinha escrito uma nota de indignação (06/07/2005) sobre os três possíveis nomes indicados para então ocuparem o cargo de Ministro das Comunicações, dentre eles, Hélio Costa, o escolhido. Para o grupo, dentre outras coisas, se o mesmo era dono de emissoras de rádios comerciais, como poderia ter a função de fiscalizar a radiodifusão? Importante notar que o recebimento da nota da Intervozes na lista causou um rebuliço. Estudantes quiseram aproveitar o espaço para escreverem também a sua nota, o que foi feito. A carta foi enviada mesmo fora do prazo necessário para que tivesse seguido junto às reivindicações do Intervozes.

De qualquer maneira, quando solicitei uma cópia da nota à lista, percebi que o caminho não seria tão simples: *“Ilana, estou te encaminhando a nota pela consideração que tenho a vc (sic). Mas até então ela não foi assinada e nem encaminhada e, portanto, não serve como documento da executiva para sua pesquisa”*, teria me escrito Mariana, de Pernambuco. Fui então acometida por várias dúvidas. O que estaria faltando para que a mesma fosse assinada e encaminhada? Qual o procedimento que seria adotado via ENECOS para que um documento se tornasse oficial? Quem decidia o que escrever e como se posicionar?

Listei as minhas dúvidas e passei-as por email. Poucos dias depois, a resposta esclarecia o passo-a-passo. Mariana me escreveu explicando que para a carta ser assinada é preciso que as pessoas do GET Democratização da Comunicação e da coordenação da ENECOS se manifestem sobre, pois a mesma deve representar um consenso ou a maioria. No caso dessa nota específica, ela e Marcelo (DF) fizeram a nota, divulgando na lista um posicionamento, mas como outras pessoas não se pronunciaram, principalmente da coordenação, a mesma não poderia ter valor oficial.

A carência de notas e posicionamentos oficiais saídos do GET Democratização da Comunicação não deixou os estudantes imunes às críticas de militantes mais experientes. No dia 10 de junho de 2005, por exemplo, Gustavo

Gindre assumiu mais uma faceta do seu papel dialógico com os estudantes. Já eram conhecidos os seus textos, sempre elogiados e comentados, assim também suas palestras em congressos e eventos: enérgicas, irônicas, didáticas e informativas. Pois nesse dia, Gindre adotou uma fala ainda mais direta: enviou um *email* pessoal à lista. Ele iniciou a carta dizendo não saber se a lista de discussão virtual seria o melhor lugar para debater o que gostaria, mas estava sentindo um “enorme vazio em relação ao tema da democratização da comunicação: o vazio deixado pelo movimento estudantil”.

Segundo Gindre, o momento vivido permitia desdobramentos concretos tanto no cenário internacional como no plano nacional. Propriedade intelectual e governança da Internet, a aproximação da Cúpula Mundial da Sociedade da Informação na Tunísia²⁵, as rádios comunitárias sendo fechadas, a criação pelo governo de um GT Interministerial, as reformulações por quais está passando a Anatel, estudos sobre a TV e rádios digitais, a criação de um Grupo de Trabalho na Compós²⁶ voltado para a relação entre política e comunicação, o Conselho de Comunicação Social “ter sido tomado pelo empresariado”, além da iniciativa do governo em criar um conselho consultivo para discutir a Lei Geral da Comunicação Social Eletrônica. Gindre antes de se despedir, diz que “*estas e muitas outras coisas estão acontecendo sem que eu veja uma única manifestação pública dos estudantes. No máximo um debate aqui, outro ali, mas nada que coloque o MECOM (movimento estudantil de comunicação) como ator deste processo. Por quê?*”

Mariana (PE) respondeu, logo em seguida, dizendo se sentir “muito contemplada pelo email do Gindre”, pois o que ele critica seria “triste, mas real”. A estudante não esconde a impaciência e pergunta: “*(...) Mais uma vez- e espero que a última - queria saber quem está dispost@²⁷ a iniciar uma discussão aqui? Pq as poucas e mesmas pessoas falam...*” (14/06/2005)

Dois dias depois, Danilo encaminhou uma carta – agora assim, assinada pela ENECOS – para que seguisse até o Palácio do Planalto, em Brasília, com o pedido para que os estudantes passassem a integrar formalmente o Comitê

²⁵ A Cúpula foi realizada entre os dias 16 e 18 de novembro de 2005. Programação disponível em: <http://www.itu.int/wsis/tunis/index.html>

²⁶ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (<http://www.compos.org.br>)

²⁷ Os estudantes costumam usar o símbolo @ por acreditarem que o mesmo faz referências aos gêneros masculino e feminino.

Consultivo para a elaboração do anteprojeto de lei da Comunicação Eletrônica de Massas no Brasil. Mais uma vez foi preciso a força de um mediador, via Internet, para acelerar o processo produtivo do grupo.

10.5 Rádios comunitárias derrubam aviões?

Em 19 de julho de 2005, Marcelo, estudante e idealizador da rádio livre Rala-Coco (UNB) encaminhou pela lista de discussão virtual dois pontos de vista sobre um mesmo fato: a possibilidade de rádios comunitárias interferirem no tráfego aéreo dos aviões, podendo derruba-los. Esse tem sido o principal argumento apresentado pela Anatel como forma de justificar ações de cerco a esse tipo de mídia. A forma como os dois pontos de vista foram encaminhados pelo estudante demonstra mais uma vez como os mediadores atuam para que os sentidos sejam negociados entre os estudantes a partir de uma ótica crítica. Na primeira parte do *email*, Marcelo “cola” a notícia divulgada pelo site da Anatel no dia 17/07:

“Fiscais da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) localizaram, interromperam e lacraram quarta-feira, 13, duas emissoras clandestinas que operavam em Santo Amaro, Zona Sul de São Paulo. (...) As duas estações geraram, nos últimos 20 dias, interferências nos radares do Cindacta (Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo) em Brasília e Curitiba, prejudicando os procedimentos de navegação aérea. (...) Após a interrupção do sinal, os transmissores e os equipamentos do estúdio foram lacrados pelos agentes da Agência e apreendidos pela Polícia Civil. Os proprietários (...) foram presos pela Polícia Civil e responderão por prática de crime previsto no artigo 183 (e seguintes) da Lei Geral das Telecomunicações (operar emissora clandestina). (...) O perigo de interferências desse tipo não é pequeno. Elas provocam sérios riscos de acidentes aéreos pela falta de controle nas telas dos computadores de navegação aérea ”.

Logo em seguida, Marcelo introduziu a voz de um mediador para essa discussão – no caso, através do artigo de Luz (2001) – oferecendo um olhar mediado capaz de conferir significados outros à notícia descrita acima. O autor iniciava o texto fazendo a seguinte provocação: “rádio de baixa potência pode provocar a queda de aviões. Isto é possível?” Reparem que o artigo de Luz trazido à discussão foi escrito 4 anos antes da divulgação da matéria da Anatel. Ainda assim o discurso que ali está inscrito é recuperado, retomado e utilizado como base para se pensar, para fazer a mediação.

Dioclécio Luz é jornalista, diretor do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal e integrante da “Campanha contra a baixaria na TV”. Esses títulos lhe conferem mais força para os argumentos defendidos. Em seu texto ficava estabelecida a distância existente entre a possibilidade de emissoras – sejam comunitárias, comerciais ou clandestinas – de interferir em aeronaves e a possibilidade de causar um acidente. Isso porque, segundo ele, *“se o sistema aeronáutico fosse tão frágil assim como faz crer a ABERT e o Ministério da Defesa, seria mais fácil (e barato) para um terrorista comprar um transmissor de 25 watts do que despachar uma bomba a bordo”*. Vestindo esse teor irônico, Luz acrescentaria anos depois mais algumas provocações:

Em outubro passado, em Brasília, o Ministério Público determinou às telefônicas que tirassem suas torres das proximidades de escolas e hospitais por representarem riscos à saúde. Imediatamente apareceu um técnico da Anatel dizendo que isso seria complicado (isto é, caro) para as empresas, e que não havia riscos. (Luz, 2004)

No mesmo artigo, Luz esclarecia que os dispositivos utilizados pela Anatel em conjunto com a Polícia Federal foram criados pela ditadura militar. O artigo 70 da Lei 4.117/62 – assinado pelo general Humberto de Alencar Castelo Branco, com o objetivo de colocar na cadeia “os inimigos do regime”, pune com até 3 anos de cadeia quem opera sem autorização e está em vigor até hoje. Luz pergunta se os atuais inimigos do governo são o povo o brasileiro, “que insiste em viver e em querer se comunicar”?

Quando Marcelo compartilhou com a lista virtual uma fonte de mediação que lhe inspirou, tornou-se ele próprio um mediador. Esse fluxo é muito bem explicitado por Silverstone (2002):

Os significados mediados circulam em textos primários e secundários, através de intertextualidades infundáveis, na paródia e no pastiche, no constante replay e nos intermináveis discursos, na tela e fora da tela, em que nós, como produtores e consumidores, agimos e interagimos, urgentemente procurando compreender o mundo, o mundo da mídia, o mundo mediado, o mundo da mediação.

Após nove meses de observação participante, tendo encerrado o trabalho de campo, a caixa com a busca por conexões, sentidos, significados e valores para o grupo estudado pôde ser aberta. Em encontros individuais com a duração de uma hora, em média, pude tirar o laço das perguntas que vinha carregando comigo todo o tempo. Que histórias esses estudantes do Rio de Janeiro teriam a contar? O que os teria motivado a participar do movimento estudantil? Quais fontes de mediação teriam contribuído para a construção de suas maneiras de ver TV, pensar a mídia e a comunicação no mundo?

A partir dos relatos dos 13 estudantes obtidos através de entrevistas semi-estruturadas, busquei narrativas que abrangessem os seguintes aspectos: a influência da família para a maneira de pensar a mídia; o modo e o tempo dedicado para assistir televisão na história de suas vidas; o papel do grêmio estudantil e do centro acadêmico; as possíveis mudanças em suas experiências e maneiras de ver o mundo a partir do envolvimento com a ENECOS. Também abri um espaço para que indicassem a partir de suas próprias impressões quais teriam sido os principais mediadores nesse processo de aproximação tanto do movimento estudantil como da luta pela democratização da comunicação.

Por mais que o foco estivesse nos estudantes cariocas, pois foram esses que acompanhei de perto, não posso esquecer de trazer ao tablado as vozes avulsas conseguidas no COBRECOS. Estar presente no COBRECOS – Congresso Brasileiros de Estudantes de Comunicação Social - durante toda a semana em que foi realizado me deu a oportunidade de não apenas observar, mas de entrevistar universitários de diferentes lugares do Brasil. Conversei com outros 13 estudantes²⁸, entre 18 e 23 anos (apenas um estudante tem 27 anos): 7 moças (Maranhão, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Pará, Alagoas) e 5 rapazes (São Paulo, Porto Alegre, 2 de Alagoas e Minas Gerais), tentando, assim, ter depoimentos de diferentes regionais da ENECOS. Sei que qualquer tentativa de generalização soa como inadequada e pressupõe falta de rigor científico. Assim sendo, as 13 entrevistas não podem ser representativas do movimento estudantil a nível nacional, mas, nem por isso, deixo de relacionar algumas interpretações sobre as recorrências encontradas nesse grupo com as também percebidas nos estudantes da Regional Rio.

11.1

A família, a TV e o tempo

(...) Desde pequena meus pais falavam que eu não ia 'ficar na frente da TV quanto tempo você quer, tem que saber que a TV não é boa, aliena, ela traz retardo mental'. É engraçado, mas era a linguagem que eles usavam com a gente, eles falavam assim: 'Você quer assistir? O que você vai assistir? Vou assistir com você para ver se vale a pena. Mas é muito mais interessante você pegar essa revista aqui, que eu trouxe de Manaus, e você quando chegar na sua aula no colégio você vai saber falar um pouquinho mais sobre Manaus, vai saber onde é que fica, ou então, do Paraná, ou então de Buenos Aires, dos EUA, da França'. Meus pais sempre puxaram isso em mim. Minha mãe apesar de apesar de não ter feito faculdade tem essa visão e infelizmente 80% da população não tem essa visão.

Cíntia, Pinheiro Guimarães

²⁸ Os estudantes estão identificados nesse texto a partir de números. Universidade, sexo, idade e período na universidade podem ser consultados abaixo:

- (1) UFF, Fem, 1º período, 21 anos
- (2) USP, Mas, 7º período, 21 anos
- (3) UNB, Mas, 14º, 27 anos
- (4) PUC-SP, Mas, 3º período, 19 anos
- (5) PUC-RS, Mas, 5º período, 21
- (6) UFAL, Fem, 1º período, 18 anos
- (7) UNIFOR, Mas, 7º período, 20 anos
- (8) PUC-SP, Fem, 10º período, 22 anos

Quando Martín-Barbero (2003) introduz a cotidianidade familiar para pensar a relação das pessoas com a televisão, está reconhecendo a família como um espaço fundamental de leitura e interpretação do que é veiculado através do écran. A família seria a unidade básica de audiência por representar a situação primordial de reconhecimento, ou seja, de intermediação aos conteúdos e gêneros veiculados. Espaço de conflitos, tensões e exposição de posicionamentos, a cotidianidade familiar propicia a troca e a manifestação das ânsias e frustrações dos membros que a constituem, constituindo-se como celeiro fomentador de interpretações e embate (e/ou afirmação) de idéias.

Tendo a busca da cotidianidade familiar como meta, a primeira parte da entrevista com os estudantes apresentou como intenção deslindar memórias e percepções sobre o espaço da televisão e da mídia na vida de cada um, desde a infância.

O pouco que eu lembro da infância era que eu gostava de brincar de boneca, eu não era ligada a televisão. O canal que eu gostava era da TV Educativa, minha mãe sempre me incentivou muito a assistir esse tipo de canal. Meu pai que viajava muito fazia questão sempre de trazer um livro ou uma revista desses lugares que ele freqüentava. A minha mãe sempre controlou muito essa questão da televisão. A gente ia para a escola, voltava, almoçava assistia TV, mas sempre incentivados a ler ou a brincar, ou aqueles brinquedos mais educativos, de montar, de colar, de boneca, roupinha de boneca. E conversando também, contando histórias. A gente nunca gostava de ficar na frente da TV.

Cíntia, Pinheiro Guimarães

As duas falas da estudante foram umas das que trouxeram o empenho da família para que se pensasse em alternativas à televisão. Uma outra recordação, também de um estudante da Pinheiro Guimarães, sublinha o papel do avô:

Eu lembro bem do meu avô, porque meu avô sempre comentava as notícias. Era tipo um Boris Casói. Ele se amarra em ver Boris Casói, eu não gosto muito. Ele se amarrava em comentar as notícias e quando eu tinha uma opinião muito forte, ela vinha do meu avô.

Em todos os outros casos, os estudantes diziam não se lembrar de nenhuma intervenção específica dos pais sobre o que estava sendo veiculado. Ao contrário, Rafael (UFF) dissera que seus pais não eram muito críticos e que “*tinham a Veja como referencial, Jornal Nacional como o momento que a gente vai saber o que vai acontecer no Brasil*”

Além disso, por mais que os jovens lembrassem que tinham os seus momentos para assistir programas infantis, desenhos animados e filmes, os horários para tal feita não costumavam coincidir com o dos pais em casa. Já o momento da novela noturna e do jornal televisivo, ambos da Rede Globo, recebia um outro contorno, pois costumava contar com todos reunidos frente à televisão. Apenas uma aluna disse que sua mãe, assistente social, sempre incentivava que assistissem “*programas de debates, saindo um pouco de Globo, vendo outras emissoras*”. Um estudante da UFF disse que embora seu pai fosse historiador e tivesse oferecido a ele uma formação mais humanista, os assuntos que tratavam ficavam circunscritos às partidas de futebol e não beiravam discussões sobre o entorno midiático.

Ou seja, a partir da maneira como assistiam televisão em suas casas, não havia indícios de que críticas mais contundentes estivessem sendo expostas pelos pais. Quem assiste televisão assiste em algum lugar, em companhia ou não de alguém, durante um determinado período do dia, sendo mais fiéis a determinados gêneros do que outros (desenhos, novelas, seriados, jornais). Entender como esses espaços, sujeitos e tempos decodificam o que vêem se torna de grande valia, não através de uma abordagem direta, mas pela busca da “*estrutura profunda*” (Martín-Barbero, 2004, p.113), ou seja, de marcas na leitura inscritas através da experiência dos diferentes grupos e pessoas.

Se na família de Cíntia o discurso sobre a televisão pode ser considerado como “*apocalíptico*”, se transformando num vetor de mediação em sua vida, nos demais casos foram outros espaços de mediação que contribuíram para que houvesse o desenvolvimento de uma postura mais desconfiada sobre o que é veiculado pela grande mídia. A família de Cíntia buscava ir de encontro ao tempo oferecido pela televisão, oferecendo brincadeiras e leituras de livros como atrações substitutivas aos programas infantis.

A intervenção da família para uma visão crítica da mídia foi citada por dois estudantes de outros Estados:

*“Meu pai é jornalista também, então... e aí você fica ouvindo coisa em casa, crítica... Começa pelo Jornal Nacional, que é o mais básico. Você vai ouvindo, começa a discutir, irmão mais velho também...**Seu irmão faz jornalismo?** Não, um faz filosofia, outra Ciências Sociais e outra Radio e TV. Então, a casa pega fogo! Você é criticado o tempo*

todo. Se você começa a ver TV muito tempo vem um bombardeio em cima de você (4ⁱ).

*“Meu pai já foi militante do Pcdob na década de 60. (...)Ele sempre me incentivava a ler, sabe? Tenho óculos por causa disso. **Como era esse incentivo?** Meu pai trazia jornal, mais tarde trazia história em quadrinhos, depois trouxe alguns livros, sabe? Li Lamarca, li Olga aos 14 anos e li O Capital aos 14 anos.” (3)*

O primeiro estudante tem um ambiente familiar peculiar para a discussão da democratização da comunicação. Se usarmos o esquema de Martin-Barbero (2003:16) sobre as mediações, poderia ser dito que a competência de recepção desse estudante ficou notadamente marcada pelas esferas de sociabilidade e ritualidade presentes em sua cotidianidade familiar. Se toda vez que liga a tevê num programa considerado de baixa qualidade pela família, ouve críticas: esse é o rito que marca a família com um dos espaços mais importantes para a leitura e codificação da televisão. Ele, hoje em dia, ajuda a compor a nova chapa da PUC-SP, atual gestão do centro acadêmico dessa universidade:

*“A minha mãe está inclusive pesquisando sobre rádios comunitárias, já participei de jornada de Comunicação de Democracia, que era a maioria de periferia que participava de alguma coisa; Instituto Sou da Paz, Telecentros - que são computadores que a prefeitura formou lá nas escolas, então é ... eu fui descobrindo isso e to descobrindo ainda... a própria universidade oferece algumas revistas... - **Quais?** Tem o Jornal Laboratorial do Jornalismo, o Contraponto, é interessante. Tem outra coisa também, meu pai todo dia coloca alguma coisa nova lá na mesa da sala... - **Como o que?** - Caros Amigos, Brasil de Fato, Revista Sem Terra - que ele faz parte, umas coisas assim...*

Como pode ser visto, a iniciativa do pai em trazer leituras adicionais foi citado em dois depoimentos. O ambiente familiar de Tatiana pode ser considerado de outro espectro:

Lá em casa tinha a hora do Jornal Nacional, tinha a hora da novela e, nas férias, tinha a hora da minha minissérie.

(Tatiana, Unicarioca)

A televisão repete e fragmenta o tempo, instaurando um tempo ritual, uma rotina capaz de organizar a família em torno dos seus intervalos e chamadas, anúncios e inícios. A temporalidade social é por isso descrita por Martín-Barbero (2003) como um dos espaços privilegiado de mediação. A partir da fala da

estudante acima não fica difícil entender porque. Na verdade, tanto a cotidianidade familiar como a temporalidade social se mesclam, pois compõem os pilares espaço-temporais do processo de recepção. Uma outra estudante explicita um pouco mais essa temporalidade, ao dizer que:

Costumo brincar que a minha família é aquela família dos estudos do Muniz Sodré. O lugar de comunhão da família, lugar de conversa da casa, onde fica todo mundo junto é muito mais em torno da televisão do que numa sala de jantar, apesar de nos domingos a família estar sempre reunida. Tem essa coisa de ser o momento que o pai já chegou do trabalho, a mãe já chegou do trabalho, a gente já chegou da universidade e senta para ver novela e Jornal Nacional. A tv maior é a da sala, é a única que tem TV à cabo, mas o que a gente está vendo é a Globo, novela.

(Paula, UERJ)

Especificamente sobre a telenovela, bastante citada pelos estudantes, Martín-Barbero diz que a possibilidade de se transitar sobre os capítulos “sem se perder” vem sendo uma estratégia utilizada desde a inauguração dos folhetins, no século XIX, o que conjuga tanto a “estética da repetição” como o “sentimento de duração”. O autor descreve esse gênero como o neto bastardo da tragédia grega e da pantomina melodramática, pois a telenovela seria a filha bastarda do folhetim franco-inglês e da radionovela cubana, tendo sido recebida com entusiasmo principalmente na América Latina, por encontrar ancoragem na matriz cultural desses povos.

No depoimento de Paula, fica sublinhada a relação entre o tempo oferecido pelos gêneros televisivos e o tempo da família: eles se casam, se complementam.

11.2

Os principais mediadores segundo os estudantes

Perguntei a cada estudante sobre a presença de pessoas que poderiam ter contribuído para que o desejo de participação no movimento estudantil e para que críticas à grande mídia começassem a ganhar corpo, tendo em vista que na maior parte dos casos essa visão não era existente desde a infância.

Estudar em escolas ou universidades públicas foi citado como um elemento bastante motivador. Os estudantes que hoje participam da Regional Rio

disseram que ou estudaram em escolas públicas no ensino fundamental e/ou médio, ou cursaram universidades públicas. Ou seja, dos 7 estudantes entrevistados que estavam matriculados em cursos de em instituições privadas, todos tinham tido algum contato dessa natureza. Nos outros casos, a relação não era direta, mas existente. A então coordenadora da ENECOS no Rio de Janeiro disse que:

Você sempre vê o Pedro II, você é chamado a isso. Eu estou aqui nessa escola tradicional, esse prédio antigo, com esse uniforme que eu vi no Anos Rebeldes. A minha militância começou muito disso. (Paula, UERJ)

Embora Paula cite a escola como impulsionadora, aos poucos vai contando que sua mãe vem de uma tradição mais de esquerda e militante em movimentos pela educação e que os avós foram militantes em 64, tendo participado do MR8. O avô chegou a ser preso. Ou seja, mesmo que não se dê conta, o contato com pessoas com um histórico de envolvimento político também deve ter contribuído para o seu interesse, o que endossa o caráter complexo e interligado das fontes de influência. Além disso, as greves pelas quais os colégios públicos levantaram ajudaram a despertar a curiosidade política. Paula diz que “em escola particular é tudo mais fácil, você pagou e tem tudo ali. Agora quando tem um segmento inteiro, os professores param de trabalhar, você tem que saber por que”, ao que Clarissa, Tatiana e Bruno dizem concordar.

Elisa (UERJ) fala de sua família com empolgação, entre risos: “A minha família é sensacional!”. Com pai médico que também dava aulas e mãe professora e militante, Elisa conta que a escola era muito valorizada como espaço estimulante. Diz que:

A gente brinca que um grande parte da militância no movimento estudantil teve vivências com experiências coletivas. Eu vim de uma escola montessoriana. A gente estudava junto com crianças que tinham algum tipo de deficiência. Sempre gostei disso, de estar no coletivo, trabalhos em grupo.

O estímulo deixado por professores também foi mencionado. Dois alunos descreveram de forma apaixonada a diferença que esses exemplos exerceram em suas vidas. Rafael (Estácio) lembra tanto de um professor de Geografia que o apresentou à Revista Caros Amigos – segundo o mesmo, um divisor de águas em termos de publicações interessantes – como um de História, envolvido com causas sociais e que mesmo estando num curso pré-vestibular sempre procurava falar dos movimentos sociais, MST, socialismo.

Breno (UFF) não esquece de dois professores. O primeiro, quando cursava a sexta série da escola, passou 6 livros para que a turma lesse, um por mês. *Os três mosqueteiros, Vinte viagens submarinas, Viagens ao centro da Terra, Aventuras de Tom Sawyer, Chamado Selvagem e Máscara de Ferro*. A partir dali diz ter sentido que passou a fluir na leitura. Também cita o professor no curso de Ciências Sociais que o apresentou à Revista Carta Capital, motivo de agradecimento até hoje. Breno conta ainda que além de ter crescido no campus da UNB, em sua casa “via aquelas estantes gigantes, cheias de livros, meu pai fazendo tese de doutorado no Rio de Janeiro. Tinha o busto do Lênin lá em casa”.

Como tentativa de sistematização, exponho algumas relações possíveis a partir das entrevistas com os alunos. O quadro a seguir tenta demonstrar a força dos mediadores na vida dos estudantes, do contexto em que viveram, estudaram e fomentaram suas idéias.

Estudante	Ensino Médio	Grêmio/Coletividade	Ensino Superior	Centro Acadêmico	Principais Mediadores
Paula	Escola federal	Sim	UERJ	Desativado	Avós e mãe militantes
Elisa	Escola montessoriana	Sim	UERJ	Desativado	Mãe militante
Rafael	Escola particular	Não	UFF	Sim	Movimento estudantil
Gilka	Curso técnico	Não	UFF	Sim	Movimento estudantil
Breno	Escola particular	Não	UERJ/UFF	Sim	Curso de Ciências Sociais/ Pai professor de História /Professor
Marcelo	Escola particular	Não	UFF	Sim	Pais professores /Livros
Clarissa	Escola federal	Sim	PUC-Rio	Não	Grêmio
Isabel	Escola 'meio alternativa'	Sim	PUC-Rio	Não	Passatas, MST
Vinicius	Escola particular	Não	Pinheiro	Desativado	Irmão em universidade pública
Cíntia	Escola federal	Sim	Pinheiro	Desativado	Grêmio, irmã
Tatiana	Instituto de Educação	Sim	Unicarioca	Desativado	Impeachment do Collor
Bruno	Pedro II	Sim	UFF/Estácio	Inexistente	Centro Acadêmico
Rafael	Escola	Não	UERJ/Estácio	Inexistente	Professor de História

11.3 Lembranças da escola: os grêmios estudantis

Os estudantes disseram terem vivido no período escolar momentos de desmobilização estudantil muito grande. Mesmo em colégios como Pedro II, no qual havia greves, assembléias e passeatas organizadas pelos professores o grêmio em si ou estava fechado ou preocupado apenas “em organizar festas, fazer jornal de recadinhos”. (Clarissa, PUC-Rio)

Isabel conta que embora seu colégio fosse particular – segundo a mesma, “um colégio particular, mas que tinha uma visão bem legal, bem política, era um diferente, tinha uma educação meio alternativa” – havia a preocupação em seguir minimamente as reivindicações públicas. Diz se lembrar de ter participado de uma passeata contra a privatização da Vale do Rio Doce, além de ter entrado em contato com os assentamentos do MST promovido pela coordenação da escola.

Já os estudantes que não estudaram em escolas que tinham grêmios em atividade, entraram em contato com o movimento estudantil na universidade. Embora Rafael (UFF) tenha dito que não tinha a menor idéia do que seria “movimento estudantil” antes de entrar na universidade, contou que no Ensino Médio começou a fazer parte do Grupo Jovem da Igreja Católica, o que sem dúvida deixa pistas sobre o entrelaçamento de mediações para alimentar a latência de um desejo por se envolver em questões coletivas.

O breve contato que Cíntia estabeleceu com a natureza do grêmio, não necessariamente a partir de seu próprio envolvimento, mas pela observação da irmã e de amigas que nutriam uma aproximação mais intensa, foi suficiente para que quando mudasse sua matrícula para o turno noturno, tenha sentido uma grande diferença. Segundo essa estudante do Pinheiro Guimarães, mesmo em colégio público, à noite:

As pessoas não estão preocupadas se o colégio está bom ou se está ruim, se o professor está cobrando ou não, eles querem passar de ano e não querem nada. Eu ia percebendo aquilo e pensava: Por que as pessoas não ligam? Por que elas não lutam pelo mínimo que elas tem direito?

Tatiana, da Unicarioca, sempre estudou à noite e ofereceu sua opinião em relação ao não envolvimento dos alunos com o DCE ou centros acadêmicos,

numa análise que se combina com as questões lançadas por Cíntia. Para Tatiana, isso acontece porque “são alunos que trabalham o dia todo, que vem atrás de mercado mesmo, de ter o diploma e vão fazer a sua faculdade à noite, então não querem se envolver”. As expectativas políticas para estudantes que já trabalham foi confirmada por Gilka, que cursou escola técnica. Ela diz que “se falaram em vestibular uma vez foi muito. Só falavam em mercado de trabalho”.

11.4 Centros acadêmicos, ativar!

Se havia sombras ou indícios de manifestações estudantis em grêmios muitas vezes capengas, nas universidades a situação não parecia estar melhor. A geração de estudantes investigada teve um ponto em comum: o investimento para reativar centros acadêmicos adormecidos. Passada a fase de reabertura, esses estudantes naquele momento compartilhavam preocupações de um mesmo tom, pois percebem não terem conseguido a adesão necessária para que as atividades sejam mantidas, para que tenham continuidade.

Esse quadro é delineado por Paula, Bruno, Rafael (Estácio), Cíntia, Vinícius, Clarissa, Isabel e Tatiana. Essa última diz que depois de 4 anos sem funcionar, foi convencida pela coordenadora a reabrir com sua amiga Fernanda o DCE, aos pouco montando um grupo ativo com 10 pessoas. Depois de 4 meses, apenas as duas continuavam no DCE, o que afirma desanima-la muito. Vinícius e Cíntia, ambos da faculdade Pinheiro Guimarães, abriram o centro acadêmico, promovendo Semana de Comunicação e passando de sala em sala tentando seduzir os estudantes à participação. Não durou muito. Quando perceberam, estavam apenas os dois falando entre si.

A mesma decepção aconteceu com Rafael e Bruno, da Estácio. Os dois chegaram a cursar os primeiros períodos em universidades federais antes de pedirem transferência para a Estácio de Sá. O primeiro cursou Medicina na Uerj e o segundo, Direito na UFF. A movimentação dos estudantes nesses espaços era intensa, a “galera se envolvia, tinha jornal”. Quando os dois chegaram à universidade particular estranharam o silêncio dos corredores e do pátio.

Perceberam que essa inquietação não brotava apenas neles, mas em estudantes que também tinham vindo de faculdades públicas, inclusive de outros estados.

Resolveram fundar o centro acadêmico, organizando o jornal “Seu Benedito”. Conseguiram respostas positivas, como maior movimentação, promoção de debates e palestras. Depois de um ano e meio de tentativas, hoje preferem investir em outras formas de atuação, como o Jornal Fazendo Média e outros movimentos de ação direta, como CMI e Comunicativistas, desanimados com a falta de interesse e envolvimento dos estudantes por um lado e com a partidarização do DCE, por outro.

O quadro pintado em geral foi bastante pessimista, salvo pelos estudantes da UFF que, ao contrário, estavam com uma força crescente e cada vez mais unidos promovendo debates, envolvendo novos alunos. A Semana Acalorada da UFF é lembrada como um momento importante, rico, afetivo e introdutório ao movimento estudantil porque “favorece muito a integração da turma”. Essa integração foi lembrada por Rafael como primordial para que resolvessem se organizar contra a falta de professores.

Na ocasião, o diretório acadêmico estava esvaziado e sem propostas, mingua. A única estudante que se propunha a “fazer tudo” acabou decidindo se dedicar ao D.C.E (Diretório Central dos Estudantes), abrindo uma lacuna que pedia por soluções. Foi quando resolveram reabrir o D.A, organizando uma chapa com projeções “bem internas e umbilicais”, como hoje definem. O que os motivava era resolver a questão da falta de professores, da falta de festas, de atividades, cobrar que os programas fossem seguidos pelos professores e reivindicações desse tipo.

Para Rafael, o horizonte do grupo poderia ter permanecido nesses confins até hoje. A virada em busca de um menu mais politizado foi puxada por Tamara, uma “pessoa mais militante naquela época, muito referência para mim” que se prontificou a contribuir para o diretório acadêmico se reerguer, levando para os espaços de encontro a sua experiência em “movimento estudantil mais geral”, que passava tanto pelo DCE como por aproximações com a estrutura, posicionamentos e ações da ENECOS.

Com o fio inspirador da Tamara, os estudantes começaram a freqüentar os conselhos de Das, DCE, e os encontros da ENECOS. O primeiro contato com a ENECOS trouxe ainda mais gás. O tema do encontro “Construindo C.As e D.As”,

foi considerado muito oportuno, pois estavam vivendo justamente um período de ativação do diretório acadêmico. Rafael conta que:

A gente se sentiu desde esse primeiro encontro como parte da ENECOS. A coisa era tão próxima, os debates e as linguagens eram tão acessíveis que o primeiro GD que a gente participou a gente já saiu falando que a ENECOS era a nossa vida, começando a tomar a responsabilidade da ENECOS para a gente. Dentro dessa lógica de construir a coisa a gente foi se sentido parte da ENECOS e atuando para construir a ENECOS. Como ela podia chegar mais na UFF, em outras faculdades, o que a gente podia fazer para construir um movimento estudantil de comunicação. Como a ENECOS pode estar ajudando a gente na avaliação do nosso curso, na nossa própria formação política. Eu acho que aí a gente começou a pensar politicamente e não ser aquela coisa de um movimento muito espontaneísta. Eu tô aqui não porque quero um curso melhor, uma faculdade melhor, mas a gente quis pensar o nosso papel na sociedade. A partir daí a nossa responsabilidade cresceu muito.

A Semana Acalorada, tão citada por todos os estudantes entrevistados da UUF, foi pensada pelo DACO (Diretório Acadêmico de Comunicação Social) como forma de receber os alunos novos não apenas com festas, mas através de oficinas, debates e exibição de filmes. Foi na oficina de “jornal” que Gilka passou a fazer parte do jornal Fazendo Média, assim como o Breno também, que conta:

Tinha a Acalorada. A minha foi uma das melhores participações que teve nos últimos tempos, teve muita participação da gente, dos 60 que entraram, participaram uns 40 e poucos. Um número bem grande e integração muito forte. Teve essa rodada que deu estímulo, os veteranos deram idéia para a gente se reunir para trocar idéias de projetos que a gente queria desenvolver dentro da universidade, eu citei essa coisa da cobertura da Bienal, de fazer um jornal lá dentro e tal. Surgiu essa oportunidade de entrar para o Fazendo Média, que foi uma aposta acertada, entrei com bastante vontade, acabei me destacando, conheci pessoas maravilhosas lá dentro, pessoal muito disposto a fazer algo diferente.

Embora uma estudante tenha dito que seus pais eram “sem estudo” e que sua escola, que foi técnica, “se falaram em vestibular uma vez foi muito; só falavam em mercado de trabalho”, ela contou que a recepção oferecida pelos veteranos na UFF foi fundamental: se inscreveu na oficina de jornal e até hoje participa do jornal-laboratório da UFF, chamado “Fazendo Média – a média que a mídia faz”, reconhecido pelo grupo como um importante instrumento para a Democratização da Comunicação. Após um ano contribuindo para o Fazendo Média, a aluna sublinha a mudança em sua relação com a mídia:

*Eu sabia que havia uma manipulação, mas quando você estuda jornalismo, quando você estuda Comunicação Social, você vê que a coisa é muito mais complicada e o Fazendo Média cumpre esse papel de expor, de esclarecimento. - **O que mudou?** O entender da comunicação. Eu sempre fui muito crítica, com tudo, sabe? Com 16 anos, quando eu estava nesse negócio de trabalhar e ganhar dinheiro eu não ia ver o Jornal Nacional de forma tão crítica como eu vejo hoje, é complicado. Eu não tinha um olhar tão crítico como eu tenho agora.(1)*

Então, eu era (antes de entrar na universidade) completamente submisso à realidade que era passada pela televisão no interior. (5)

Suponha: você lê uma Veja. Hoje, me dê e aí você vê meu pai, por exemplo, que tem muitas opiniões políticas formadas através de uma Veja, cê fala “ai meu Deus”! Então acontece. Você passa a perceber até no plano técnico como a coisa se constrói (...) porque o jornalista usou uma fonte tal – fonte no sentido de quem dá a informação,(...), aqui tem um salto falacioso, aqui tem o uso da ironia de te forçar a compreensão do ponto de vista dele, isso é importante. Então o que ajudou o jornalismo em si foi perceber como o jornalismo atua para a construção de consensos. (2)

Em todas as entrevistas, ficou claro um aspecto: o distintivo que a apresentação dos centros acadêmicos na semana de recepção aos novos alunos engendra. Oficina de *fanzine*, visita a rádios comunitárias, festa à fantasia e Semana Calórica foram citadas como inclinações oferecidas pelas universidades públicas. Essas recepções não teriam o intuito de apenas realizar “chopadas” e festas, mas de convidar os novos alunos para que conheçam e participem dos centros acadêmicos.

Do outro lado da ponte Rio-Niterói, mesmo com um centro acadêmico considerado letárgico, Isabel e Clarissa não desanimaram. Fizeram elas mesmas uma proposta para mobilizar os estudantes da PUC-Rio de alguma maneira. Isabel se inspirou na experiência proporcionada por sua escola no ensino fundamental – visitar assentamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) – propondo o mesmo nas aulas inaugurais da universidade.

A idéia seria promover aos novos alunos visitas aos assentamentos, como forma de se “poder fazer contato uma realidade que não se conhece, não para fazer turismo”. A idéia recebeu apoio da Vice-Reitoria Comunitária, que cedeu ônibus para a viagem, sendo motivo de festa. Os ônibus seguiam lotados com estudantes que seguiam “com pezinho meio atrás e na volta era tão diferente! Acabava o ônibus inteiro discutindo e na volta as pessoas estavam apaixonadas”.

Para Isabel e Clarissa, esse contato tem uma importância considerável, pois ser capaz de transformar a visão dos estudantes da PUC que “vão trabalhar no Jornal Nacional e que muitas vezes têm uma noção deturpada do que venha a ser o movimento”.

11.5 A ENECOS como importante mediadora

Se num primeiro momento os estudantes falaram sobre as contribuições do ambiente familiar, escolar e acadêmico aos modos como foram construindo seus posicionamentos e ações, num segundo momento quis entender melhor o papel da ENECOS nesse processo. Quais contribuições o contato com a entidade teria propiciado? O que teria mudado desde então? As falas são extremamente positivas, principalmente no que tange a formação sobre a democratização da comunicação:

Costumo dizer que a ENECOS é uma outra faculdade. Discussão sobre democratização da comunicação eu tenho plena certeza que um aluno que tenha como a única forma de informação o curso de Comunicação Social da UERJ e de grande parte das faculdades ele não vai saber discutir democratização da comunicação, Dificilmente ele vai pensar que o modelo de comunicação brasileiro tem alguma coisa de errado.

Paula, UERJ

Quem conhece a democratização da comunicação? Antes de ser estudante de Comunicação e antes de conhecer a ENECOS, isso não foi me colocado por nenhum professor.

Tatiana, Unicarioca

Quando eu entrei em contato com a ENECOS que eu comecei a pensar nesses temas como a Democratização da Comunicação. Descobri um mundo que estava além da faculdade, que não existia nas conversas da faculdade e eu pensava: o mais importante não estava na faculdade! (...) A democratização da comunicação, por exemplo. Poderiam ter vários temas que girassem em torno disso no currículo do curso de Comunicação, como a digitalização dos meios, até porque a gente está vivendo esse processo agora, a digitalização do rádio e da tevê e os profissionais estão sendo formados para isso, mas o assunto nem passa nas conversas, nas salas de aula, as pessoas não sabem do que se trata.

Bruno, Estácio

As tensões sobre a democratização da comunicação perpassaram os diferentes discursos e relatos dos estudantes de diferentes partes do país. Por mais que esses jovens queiram mudar o atual quadro da mídia brasileira, estão se formando jornalistas e por isso se sentem reféns do sistema para atuarem no mercado de trabalho. O monopólio que grandes empresários exercem na indústria midiática é bastante criticado:

“ (...) a comunicação é a extensão de um poder. Por exemplo, lá no Ceará, tem um grupo - eles tem uma industria de água, purificador, de gás de cozinha, de castanha do caju, tem a universidade que eu estudo, aí tem ainda refrigerantes, banda de forró, duas rádios, duas televisões um jornal, que é o de maior circulação do Ceará. Aí o que acontece? (...) O que está ali colocado não é a comunicação no sentido de informação, no sentido de informar... A comunicação nesse caso acaba atrelada ao mercado. Eu defendo que isso é a extensão do poder e acaba perdendo todo o sentido do que é mesmo a comunicação, do que é mesmo o jornalismo. E aí quando eu falo que tem que colocar essa questão do monopólio, era para as pessoas terem consciência que elas estão lendo um jornal, mas que por trás daquele jornal tem vários outros interesses. Por que saiu uma foto daquele jeito, por que saiu uma manchete daquele jeito... Enfim... E também a gente ter consciência que as televisões são concessões públicas e que eles não são donos da tv teoricamente. A democratização é de esclarecimento (...) Se a pessoa sabe o que esta acontecendo, mesmo que ela tenha uma opinião diferente da minha, aí sim a gente vai ter democratização. Assim como a gente se indigna, várias pessoas poderiam se indignar também. (...) Eu penso muito na mobilização popular, dos grupos poderem ter a mídia deles.”(7)

Tem que ter uma preocupação maior com o que vai passar na televisão, com as informações serem passadas corretamente, com os dois lados, ou os vários lados de uma notícia sendo mostrados, do povo ter seu espaço para falar e não ser explorado como é em programas como do Ratinho: exploram a vida social para fazer show. (6)

Na Semana pela Democratização da Comunicação ano passado, em São Paulo, teve uma atividade proposta pelo CMI²⁹, que também foi de retomada do espaço público, que eles chamaram de “re-batismo popular da avenida Roberto marinho”, que é uma avenida que tem em São Paulo próxima a rua das organizações Globo, que se chamava Águas Espraiadas e a prefeitura soltou uma liminar para mudar o nome para jornalista Roberto marinho. Então dentro dessa perspectiva de que Roberto Marinho não era um jornalista, mas sim um empresário que concentrava grande parte dos meios de comunicação dentro da sua empresa e que não trabalhava com comunicação popular mas sim com mercadoria, e dentro da perspectiva que estava chegando o aniversário de morte de 29 anos do Herzog, que foi brutalmente assassinado durante a ditadura

²⁹ CMI – Centro de Mídia Independente (<http://www.midiaindependente.org>)

militar, que trabalhava com a TV Cultura, na época que ainda tinha uma proposta bacana – ainda tem, mas nem tanto – o CMI propôs que a gente fizesse uma passeata e em cima da placa Jornalista Roberto Marinho a gente colocasse Jornalista Vladimir Herzog. Um manifestante foi preso.(8)

Quando perguntados sobre com o que estavam planejando atuar depois de formados, as tensões ficaram explícitas:

“Eu fico meio pensativa, pensando “o que eu vou fazer?” Eu sou uma pessoa que não consigo me envolver em alguma coisa em que eu não concorde” (1);

“Em relação ao emprego, o que menos me violentaria é a questão acadêmica” (2);

“Boa pergunta. Eu ainda não consegui uma resposta acertada em relação a isso. Pretendo fazer mestrado na área de Comunicação popular, seguir a vida acadêmica, talvez montar outras ‘Rala-Cocos’³⁰ por aí”(3).

“Não sei, acho que depois vai ter essa fase de transição que eu vou ser vítima do mercado, desse grande mercado que todo mundo conhece, essa parte vai ser meio decepcionante, assim, em estágio, essas coisas, mas um dia eu espero poder trabalhar numa mídia que eu goste, que eu realmente acredite e que vá trazer alguma transformação social: formular uma revista, rádio comunitária, essas coisas”(4).

A ENECOS passa a representar uma instância enriquecedora, um espaço de encontro entre pessoas “que querem fazer alguma coisa” e de reflexões profícuas sobre questões consideradas muito importantes e válidas sobre as quais os estudantes percebem não terem parado para atinar sobre as mesmas antes. Alarmados com a possibilidade de existirem outras pessoas nessa mesma situação, pretendem levar sementes para o maior número possível de estudantes.

Acho que o que me leva a fazer movimento estudantil é não me achar muito diferente dos outros, porque uma coisa que eu tenho muita clareza é que se eu tivesse entrado numa universidade que não tivesse nada de movimento estudantil, se eu nunca tivesse ouvido falar na ENECOS, se eu não tivesse Acalorada, Conselho de Das e DCE, muito provavelmente eu não estaria fazendo nada. Eu vivi meu segundo grau inteiro sem saber e sem sentir falta disso, essa é uma grande questão. Talvez seja isso que me motive tanto a estar enchendo o saco das pessoas, entrando em sala, aquelas pessoas que sempre dizem que vão e não vem, ou as que de cara viram o rosto e estar insistindo com elas porque partindo da idéia de que ninguém está perdido, para que elas entendam que sozinhas não vão conseguir transformar nada. E que a gente estando unido tem muito mais força para transformar a realidade.

Rafael, UFF

³⁰ Rala-Coco: Rádio-Laboratório de Comunicação Comunitária da UNB (Universidade de Brasília)

“Direito de todos”, é como se posiciona Martin-Barbero (2004:214) em relação à comunicação e essa parece ser a bandeira desses futuros jornalistas. Os estudantes citam tanto o movimento estudantil nas universidades como o conhecimento prático/ideológico de como são escritas as matérias jornalísticas e produzidos os programas de tevê como modificadores de suas concepções sobre a mídia. Acreditam que se a estrutura do “fazer mídia” for desmistificada e apresentada à população, os riscos de pessoas terem a realidade social construída a partir da maneira como a mídia pauta os assuntos será menor. Como seria possível para a população rebater as mensagens veiculadas se essas são transmitidas geralmente favorecendo sempre apenas um dos lados – se perguntam? Este aprendizado na universidade estaria agindo como “fontes de mediação” para a concepção de mídia desses jovens.

Os estudantes de diferentes lugares do país se sentem privilegiados pela oportunidade de entenderem a mídia por trás dos bastidores e se sentem impelidos a convidar à população nesse caminho. As Semanas pela Democratização da Comunicação que são organizadas pela ENECOS em todo o país têm esse fim. Para eles, sem a democratização da comunicação (Thomaz Jr:2002) – quebra do monopólio, formação sobre a linha estrutural e ideológica por trás da produção, o incentivo do fazer mídia por todos e comunicação comunitária – há menos possibilidade de se pensar criticamente sobre as mensagens e estereótipos veiculados, além de uma crescente desmobilização popular para questões políticas, que estariam sendo substituídas pelo consumo.

A universidade estaria cumprindo o papel de mediadora sociocultural, por introduzir novos usos sociais dos meios. O contato com os estudantes de diferentes lugares do país, me ofereceu, assim, certa maneira, indícios básicos sobre as principais fontes de mediação: os pais, professores de História ou Geografia ou o próprio movimento estudantil existente nas “escolas”, principalmente nas universidades públicas, eram tidos como os responsáveis pelas “viradas” em suas vidas. A ENECOS, entretanto, aparece como principal articuladora para o envolvimento dos estudantes pela democratização da comunicação.

12

Considerações Finais

“Para mim, a ENECOS é uma outra faculdade”. Essa frase, dita pela então coordenadora da Regional Rio em 2005, evidencia algumas das minhas impressões após os nove meses de trabalho de campo vivenciados na pesquisa aqui apresentada. Ao que tudo indica, a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social oferece uma experiência única a seus participantes. Ao entrar em contato com as propostas e atuação da ENECOS os estudantes modificam suas visões de mundo e seus modos de se relacionar com a universidade, com a mídia e com a sociedade. Ou seja, fazer parte da ENECOS parece fazer a diferença na formação política desses estudantes. Desta forma, encontro a relevância desse trabalho de pesquisa no campo da educação. Cada vez mais se torna necessário aos educadores debruçarem-se sobre as formas como os jovens têm construído conhecimentos e campos de sentido para as suas percepções e atuações no mundo. Sendo assim, a ENECOS configura-se como *lócus* de formação, criando estruturas e vigas, ânimos e encontros, textos e trocas.

No entanto, vale ressaltar que após essa pesquisa, pude perceber a presença de problemas de comunicação e planejamento que a entidade enfrenta, principalmente no que diz respeito à divulgação de sua existência e de suas intenções de luta para os próprios estudantes de Comunicação Social. Não encontrei nos murais das universidades observadas no Rio de Janeiro nenhum cartaz fazendo referência a ENECOS, como forma de apresentação aos alunos que não conhecem o trabalho da Executiva e divulgação da sua página na Internet. Os estudantes deixaram prevalecer o corpo-a-corpo, o boca-a-boca, sem maiores atenções com o registro histórico de suas atividades e fundamentações escritas de suas lutas. Mesmo a página na Internet esteve desatualizada e com erros de configuração durante todo o tempo da investigação, quando na verdade, por serem estudantes de Comunicação Social, a preocupação em conseguir comunicar seus ideais talvez pudesse ser alcançada com maior eficácia.

As listas de discussões virtuais apareceram como um meio ativo e profícuo de trocas textuais entre os estudantes, de formação contínua e contato com redes relacionais cada vez mais intensas, inclusive com ex-alunos, professores e representantes de movimentos sociais. Entretanto, quando a lista era

utilizada para lançar avisos e datas de reuniões ou eventos de diferentes tipos, a falta de antecedência engolia o potencial difusor desse instrumento, porque os interessados muitas vezes não conseguiam se organizar para reservar horários à participação.

Os atrasos para iniciar as reuniões também foram uma marca negativa, porque muitas vezes conversei com estudantes novos que ficaram sabendo da reunião, mas que não podiam “esperar mais para começar”. Foram os mesmos atrasos e demoras para a organização do ERECOM-Rio que acabaram por resultar no esvaziamento de um encontro que tinha tudo para ser um abre-alas interessante aos estudantes que ainda não conhecem a ENECOS. Para os que conseguiram comparecer, entretanto, os laços ficaram fortalecidos após os três dias de convivência e contato com palestrantes, quando passaram a se envolver com muita animosidade nas reuniões pelo lançamento da Telesul e organização da III Semana pela Democratização da Comunicação.

O conteúdo das reuniões realizadas pela Regional Rio não era registrado em atas pelos estudantes, o que impossibilitava a divulgação dos caminhos, escolhas, pendências e planejamento do grupo para que um público mais abrangente pudesse acompanhá-los. Se as atas fossem disponibilizadas como documentos na própria lista virtual ou se fossem divulgadas em algum *blog* específico da Regional, acredito que novos contatos pudessem ser facilitados. O próprio acréscimo de estudantes às listas era demorado e falho. Se havia a preocupação em passar uma folha de papel a cada reunião com alunos que ainda não conheciam a ENECOS para que colocassem seus nomes e endereço eletrônico, o acesso às listas se perdia por falta de organização dos moderadores, que não encontravam a “senha” para realizar tal procedimento.

O Grupo de Estudo e Trabalho sobre a Democratização da Comunicação, por sua vez, embora tenha demonstrado uma considerável viabilidade para a exposição de fontes alternativas de informação e leituras sobre o tema, assim como o anúncio de eventos, não produziu textualmente – ao menos no período observado - nenhum posicionamento oficial da ENECOS, instaurando um paradoxo. Mas e o “trabalho” do GET, qual teria sido? Claro que se oferecer como um espaço mediador e de troca já possui um valor em si, mas poderia ter sido melhor explorado.

Na minha opinião, entretanto, o mais grave foi não a falta de relatorias das reuniões da Regional Rio, mas a não sistematização e divulgação das mesmas a partir do que foi deliberado no COBRECOS. Se esse é o encontro que decide através de votações quais serão os posicionamentos que a ENECOS adotará por todo um ano, seria extremamente necessário que as justificativas fossem apresentadas ao público que não pode estar presente participando das discussões. Se na página da ENECOS ficam disponíveis apenas as resoluções votadas, como os estudantes que não estão inteirados do processo poderão entender, aceitar ou refutar tais escolhas? Que base teórica os alunos possuirão para fundamentar as alamedas priorizadas pela ENECOS?

Por outro lado, o grupo não pode ser responsabilizado a largas porções pelo esvaziamento do movimento estudantil do curso de Comunicação Social como um todo, pois há questões conjunturais desenhando o entorno para que essa realidade venha à tona. Para que a Executiva possa atuar, os centros acadêmicos precisam estar ativos, com estudantes partícipes e motivados. Sem a organização dos universitários em cada “escola”, o acesso da ENECOS até os estudantes fica comprometido, pois quando há o resguardo dos centros acadêmicos consegue-se dinamizar as discussões e levar adiante projetos de intervenção pública com mais consistência. As listas de discussão virtuais têm permitido agregar esforços a partir de envolvimento individuais, mas são mais bem aproveitadas quando contam com o apoio de organizações locais.

Os projetos pedagógicos das universidades, entretanto, não parecem valorizar o espaço dos centros acadêmicos como legítimos ou enriquecedores. A participação dos estudantes em atividades para além da sala de aula não é comumente incitada pelas instituições ou por uma parcela significativa de professores, salvo o cada vez mais cedo contato com o mercado de trabalho, através de estágios não regulamentados.

Até mesmo em universidades públicas – nas quais está matriculada a maior parte dos estudantes ligados a ENECOS – os centros acadêmicos não tinham estado em funcionamento de forma permanente. Todas os treze estudantes observados na Regional Rio indicaram essa marca em seu histórico: ou tiveram que abrir pela primeira vez um centro acadêmico (caso da UNESA-Bispo, UNICARIOCA e Pinheiro Guimarães), ou fizeram parte do grupo que ajudou a reabri-lo após períodos de fechamento ou letargia (UFF e UERJ). Apenas na

PUC-Rio que o centro acadêmico perdeu o seu caráter político *stricto sensu*, assumindo uma “autogestão” voltada para a promoção de atividades culturais internas.

Em todos esses casos, a razão que levou a abertura ou reativação dos centros acadêmicos foi disparada a partir da ENECOS, o que demonstra a importância da Executiva para a organização dos estudantes. Seja através dos encontros promovidos ou das oficinas oferecidas, seja pelo contato com amigos que já conheciam a ENECOS ou de professores que divulgaram cartazes no *campus*, o que importa dizer é que feito o primeiro contato, a rede começa a crescer, ganhando novas contas e texturas. Um universo de questões começa a ser apresentado, passando pelos eixos “sociedade”, “comunicação” e “educação”, pois como foi dito, a ENECOS acompanha principalmente as políticas da área da Comunicação Social, mas sem nunca se limitar às mesmas. A idéia de pensar os rumos do país como um todo é muito forte e para isso os estudantes vão aprendendo a ficar atentos às escolhas políticas feitas pelos diferentes governos, relacionando-as às propostas educacionais.

Pensar e criticar as políticas para os cursos de Comunicação Social – o que diria respeito ao eixo “educação” – não está dissociado da preocupação dos mesmos com o eixo “comunicação”. A linha de pensamento do grupo segue um caminho que enxerga uma inexorável interligação entre esses assuntos. Como será possível democratizar a comunicação, se os estudantes não estão sendo formados nas universidades para ao menos pensar que o modelo de comunicação brasileiro possa ter alguma coisa de errado? Os dois eixos citados desembocariam num outro rio, “sociedade”. Nesse item, os jovens articulam as escolhas políticas dos dois primeiros eixos como frutos das intenções do governo, cada vez mais pendente às reformas neoliberais.

A capacidade de formação oferecida pela Executiva se torna, assim, extremamente abrangente. Nos encontros promovidos pela ENECOS, foram convidados professores e representantes de movimentos sociais organizados como forma de despertar a necessidade de transformação da sociedade a partir do envolvimento de cada um, da luta coletiva e do não conformismo. Não seria o desenvolvimento dessas posturas algo caro à Educação, ou seja, a formação de alunos para intervir na realidade social, pensar alternativas através da organização de grupos, ler e se debruçar sobre as políticas da área? E por que essas questões

não se tornam o tônio, centro e coração dos objetivos pedagógicos não apenas para o ensino superior, mas desde a educação básica?

Posso dizer que os questionamentos que surgem do grupo, as intenções de intervir na sociedade para além dos muros da universidade e o compromisso em tentar transformar a realidade social podem soar como inspiração, que ultrapassam todos os percalços observados na atuação do grupo. O mais importante a pensar me parece o seguinte: qual seria o principal papel da escola e da universidade? Formar profissionais para o mercado de trabalho? Ou aliar aos conhecimentos gerais e específicos espaços reflexivos para se pensar o mundo político em que se vive, de forma a incitar atuações participativas e cidadãs?

As águas do movimento estudantil movem moinhos, ocupam as ruas – tanto de asfalto como as virtuais - e entregam cartas, manifestos. São águas que pintam cartazes e fazem do tempo individual um convite a círculos maiores, dos quais da união pretende-se gerar a força. Há esperança e persistência, vontade de ação e entrega, uma preocupação com o outro, com aquele ainda não conhece as bandeiras de luta, mas que pode vir a conhecer – e assim, poderá a passar a compor com seus fios uma rede ainda mais consistente, longa e capaz de transformações.

Sobre como foram sendo forjadas as concepções de mídia dos estudantes, encontrei caminhos e atalhos, costurando relações muito interessantes. Não basta o aluno estar matriculado num curso de Comunicação Social para passar a pensar as mídias de uma maneira diferente, para tentar transformá-la. Não é o currículo do curso de Comunicação Social que trabalha a democratização da comunicação como possibilidade e meta. Os estudantes reclamam, ao inclusive, da falta de parceria com o corpo docente para levarem adiante suas lutas.

Aulas nas quais estudantes reproduzem peças publicitárias explorando as mulheres como símbolos sexuais sem que isso seja mote para uma discussão sobre questões de gênero pelos professores, ou ainda, a reprodução de programas de rádio com fofocas ou revistas valorizando celebridades foram citadas como desperdício do espaço e tempo universitário para se pensar alternativas à comunicação, que segundo eles, precisa ser transformada. Se os docentes se aproximassem do movimento estudantil, entendendo esse espaço para além da sala de aula como práticas culturais a ser valorizadas, a aprendizagem cooperativa enriqueceria a possibilidade de atuação dos mesmos. Os estudantes querem

caminhar para além da técnica, para além dos manuais de redação pomposamente apresentados por grande parte dos professores. Querem questionar e transformar a comunicação, querem acompanhar as políticas que embasam as atuais leis sobre a Comunicação no país e se posicionam de maneira reflexiva, lutando por mudanças quando for preciso. Os universitários querem negociar direitos, mostrando que são capazes de participar dos processos de definição e luta pelos mesmos.

Sendo assim, não foi o curso de Comunicação Social o principal mediador para que fossem forjadas as concepções de mídia do grupo estudado. O movimento estudantil relacionado a movimentos sociais gerais foi o peso que mais moveu a balança para a entrada no movimento pela democratização da comunicação, trazendo braços e opções de atuação ao que antes poderia ser apenas uma intenção vinda de casa e/ou motivada por professores de História e Geografia no Ensino Médio.

Observei que o contato com a ENECOS possibilita aos interessados a abertura de uma miríade de opções, que convergem para uma maior consistência teórico-prático em relação à democratização da comunicação. Apresentados à ENECOS e ao movimento pela democratização da comunicação, os jovens percebem que os anseios nos quais passam a se ancorar também recebem atenção e são motivos de reivindicação por diferentes setores da sociedade civil. Publicações alternativas, como a Revista Caros Amigos, Carta Capital e jornal Brasil de Fato são citados pelos estudantes em todo país como suportes fundamentais, assim como a página virtual do Observatório da Imprensa, Agência Carta Maior, FNDC, Intervezes e CMI – os quais eles dizem não saber da existência antes da presença da ENECOS em suas vidas. O programa de televisão mais assistido é o “Roda Viva”, da TV Cultura. Há também uma série de autores que são tidos como referências acadêmicas¹. Esse conjunto de contatos contribui não apenas para a formação dos universitários, mas para o alargamento de suas redes de esperança de mudança.

Não seria possível dissociar as considerações que ora escrevo da estrada que escolhi para ser solo da investigação. A chave parece estar na migração, também no campo da Educação, dos meios às mediações, nos estudos de caso que possam revelar – e revelam - réplicas em relação à mídia. Esse trabalho reforça que a forma como as pessoas dão sentido ao que é veiculado pela mídia dependerá muito das fontes de mediação disponíveis e presentes a cada contexto vivido. A

comunicação assim, não aparece como um processo onipotente, mas que bate e volta refletido a partir das relações interpessoais de cada um.

Em janeiro de 2006 recebi pela lista virtual da Regional Rio um documento, escrito pela chapa eleita para a gestão desse mesmo ano da ENECOS, chamado “Para mudar o rumo dos ventos”, com 38 folhas. A cada página que descia os olhos, encontrava a sistematização para todas as perguntas que tinha feito ao longo do tempo em que os acompanhei. Os estudantes demonstraram estarem cientes das falhas internas ao planejamento, divulgação e registro histórico do movimento, propondo mudanças. Não sei se a constância do meu olhar contribuiu de alguma maneira para que elaborassem esse documento e talvez isso não importe, pois foge aos limites desse trabalho. Posso dizer apenas que os fitando agora ao longe, percebo um movimento de construção interna que pode vir a levar a uma construção “das pernas” que tanto dizem sentir falta para levarem seus projetos cada vez mais adiante. Em última análise, posso dizer que se muitos alunos seguem o *curso* de Comunicação Social, enquanto outros acabam por construir *percursos* de formação para além da universidade - interagindo com movimentos sociais e ocupando o espaço público, a ENECOS se afirma, nesse contexto, como facilitadora para a construção de novos sentidos e usos sociais das mídias.

Bibliografia

ABRAMO, Helena **Participação e organizações juvenis**. Edição: Projeto Redes e Juventude/W.K Kellog Foundation, 2004. Disponível no site Observatório Jovem: www.uff.br/obsjovem.

_____. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. IN: Revista Brasileira de Educação, 1997, nº5-7.

ANATEL. **Anatel interrompe rádios clandestinas que interferiam em navegação aérea**. 15/07/2005. Disponível em: http://www.anatel.gov.br/biblioteca/releases/2005/release_15_07_2005.pdf

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. SP: Ed. Hucitec, 1993.

BOBBIO, Norbert. **A era dos direitos**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. RJ:Campus, 1992.

BONIN, Jiani Adriana. **Delineamentos teórico-metodológicos para estudar a mediação do cotidiano familiar na recepção**. Revista Ciberlegenda, n.15, 2005. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/jianni3.htm>

BRANDÃO, Zaia. **Conversas com pós-graduandos**. RJ: Ed. PUC-Rio, 2002.

BRANT, João. **Sociedade civil na luta pela democratização da comunicação**. Observatório da Imprensa, 28/12/2004. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=309CID002>

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia. De Gutemberg à Internet**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia**. In: Novos Estudos do CEBRAP, São Paulo, n.21, 1988.

CALDERÓN, Carlos Arcila. **¿Qué es Telesur?** IN: Chasqui, Revista Latinoamericana di Educación, n.92, 2006. Disponível em: <http://chasqui.comunica.org/content/view/424/1/>

CARRANO, Paulo **Juventudes e cidades educadoras**. RJ: Vozes, 2000.

_____. **Identidades que se alteram**. IN: **Juventude, cultura e cidadania**. RJ: ISER, 2002. Disponível no site do Observatório Jovem: www.uff.br/obsjovem.

CASSOL, Daniel Barbosa. **A democratização da comunicação no Brasil. Anotações teóricas e história do movimento**. Monografia de Graduação em Comunicação Social/Jornalismo, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

CONGRESSO NACIONAL. **Concentração da mídia. Debates no Conselho de Comunicação Social**. Brasília, 2004.

COSTA, Sergio. **Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais.** *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. Fev. 1997, vol.12, no.35 [citado 11 novembro2005] Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269091997000300008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-6909.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** RJ: Vozes, 1981.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** RBE, n.24, 2003, p.40-52.

DAUSTER, Tania. **Um outro olhar: entre a Antropologia e a Educação.** *Cad. CEDES*, Dec. 1997, vol.18, no.43, p.38-45. ISSN 0101-3262.

DORNELLES, Jonatas. **Planeta Terra, Cidade Porto Alegre: uma etnografia entre internautas.** Dissertação de Mestrado, PPGAS: Porto Alegre, UFRGS, 2003.

Dossiê Juventude e Educação. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 291-296, jul./dez. 2004. <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>

DUARTE, Rosália. **O recurso a entrevistas em pesquisas qualitativas.** Mimeo, maio 2004.

ENECOS. **Colaborações da chapa “Mudar o Rumo dos Ventos” para o XIII COBRECOS, de 21 a 28 de janeiro de 2006, Recife, PE.** Documento enviado pela lista de discussão virtual da Regional Rio da ENECOS.

FONSECA, Francisco C. P. **Mídia e democracia: falasas confluências.** *Rev. Sociol. Polit.* [online]. Junho 2004, no.22 [citado em 11 Fevereiro 2006], p.13-24. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782004000100003&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-4478.

FOOTE-WHYTE. **Treinando a observação participante.** IN: **Desvendando máscaras sociais.** RJ: Francisco Alves, 1975.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas. O antropólogo como autor.** RJ: UFRJ, 2002.

_____. **A interpretação das culturas.** RJ: LTC, 1989.

GOHN, Maria da G.M. **Movimentos sociais e educação.** SP: Cortez, 1992. (Questões de nossa época, v.5)

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** RJ: Record, 1998, 2ªed.

GOYARD-FABRE, Simone. **O que é democracia? A genealogia filosófica de uma grande aventura humana.** Tradução: Claudia Berlinder. SP: Martins Fontes, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho A; BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania. Tudo o que você deve saber sobre mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUERIN, Yhevelin Serrano. **Trajetória dos receptores: História de vida e resgate das mediações.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação, UFRGS, 2000.

HAMBURGER, Esther. **"Direito de Resposta" defende direito à diferença.** Folha de São Paulo, Seção TV-Análise, 14/12/2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1412200509.htm>.

JACKOBINSKI, Mario Augusto. Telesul: um sonho latino-americano que se torna realidade. IN: **América que não está na mídia.** RJ: Adia, 2005.

LACHOWSKI, Gibran. **Entidades de Mato Grosso iniciam movimento contra TV Globo por preconceito contra povos indígenas.** Disponível em: <http://www.consciencia.net/2005/mes/09/tvglobo-preconceito.html>

JUNIOR, Rogério Thomaz. **Democratizar a sociedade** (2003) Disponível no site Observatório da Imprensa <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da030620037.htm>. Acessado em 11/11/2004.

LAKATOS, E.M e MARCONI, M.A . **Técnicas de pesquisa.** SP: Atlas, 1986.
LIMA, Luiz Costa. **Teoria da comunicação de massa.** SP: Paz e Terra, 2002, 6º ed.

LIMA, Venício. **Legislação das Comunicações - Regulação e o jogo pesado do poder.** IN: Observatório da Imprensa, 8/06/2005. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=332IPB001>.

_____. **Mídia: teoria e política.** SP: Ed. Perseu Abramo, 2004, 2ªed.
LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação.** SP: Ed. Loyola, 2001, 6ed.

LOUREIRO, Ana Maria Bastos. **Cultura, identidade e mediação: o cotidiano de uma professora.** RJ: PUC, Depto. de Educação, 2003.

LUZ, Dioclécio. **As rádios comunitárias devem morrer.** Observatório da Imprensa, 7/12/2004. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=306IPB002>

_____. **Interferência de rádios em aeronaves.** Brasília, 7/08/2001. Disponível no CMI Brasil: <http://216.17.145.88/pt/blue/2003/03/249605.shtml>

MAMEDE-NEVES, M.A. C **Campos de problematização moral do jovem e a influência da mídia,** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002 Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq

_____. **A construção do juízo moral em grupos de jovens pertencentes a "sociedades emergentes"- um estudo na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro. PUC-Rio, 2001. (relatório final do Projeto Integrado CNPq)

MAMEDE-NEVES, M.A. C, VIDAL, Fernando e Wilmer, Celso. **Problemas e valores apontados por jovens universitários pertencentes a "sociedades emergentes": um estudo sobre a Barra da Tijuca, Rio de Janeiro**. IN: Revista ALCEU, RJ: Editora PUC-Rio, v.4 n.7 - jul./dez. 2003. p.164-195.

MAMEDE-NEVES, Aparecida C, SANTIAGO, Ilana Eleá e BERTON, Jamir. **O jornal na ótica de jovens universitários**. Vertentes. S. João Del Rei: FUNREI, n.24, p.96-113, jul/dez 2004.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. BRITTO, Sulamita de (org). **Sociologia da Juventude, I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, pp. 69-74.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo (2000). **La juventud es más que una palabra**. MARGULIS, Mario. La juventud es más que una palabra. Buenos Aires, Editorial Biblos, pp. 13-30.

MELUCCI, Alberto (1997) **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago, nº 5; Set/Out/Nov/Dez, nº 6. Número Especial Juventude e Contemporaneidade, pp. 05-14.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. IN: ARIOVICH, Laura. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p.13-30.

_____. La construcción social de la condición de juventud. IN: **"Viviendo a toda"**. **Jovenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Santafé, Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Dep. De Investigaciones Universidad Central, 1998, p. 3-31.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. SP: Ed. Loyola, 2004.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. IN: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. SP: Brasiliense, 1995.

_____. **Dos meios às mediações**. RJ: Ed. UFRJ, 2003, 2ª edição.

_____. **Cultural Studies Questionnaire**. IN: Journal of Latin American Cultural Studies, Vol. 10, No. 2, 2001,p. 223-230.

_____. **Saberes hoy: diseminaciones, competencias Y transversalidades**. In: Revista Ibero-Americana de Educação. N.º 32, 2003, p.17-34

MARTÍN-BARBERO, Jesus. e REY, German. **Os exercícios do ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. SP: Ed. SENAC SP, 2001.

MATTELART, Michele & ARMAND. **Pensar as mídias**. SP: Loyola, 2004.

_____. **História das teorias da comunicação**. SP: Loyola, 1999.

MCCHESENEY, Robert W. Mídia global, neoliberalismo e imperialismo. IN: MORAES, Denis (org). **Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder**. RJ: Ed. Record, 2003, p.217-243.

MEKSENAS, Paulo. **Cidadania, poder e comunicação**. SP: Cortez, 2002, 2ªed.

MELO, José Marques de; SATHLER, Luciano (orgs). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

MELO, José Marques de; DIAS, Paulo da Rocha. **O percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero**. São Bernardo do Campo:UMESP: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

NOVAES, Regina e VANNUCCHI, Paulo. **Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação**. SP: Editora Perseu Abramo, 2004.

OROZCO, Guillermo. **Televisión y audiencias. Un enfoque cualitativo**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1996.

PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (org). **Comunicação, representação e práticas sociais**. RJ: Ed.PUC-Rio; Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

QUAPPER, Klaudio Duarte. (2001). **?Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente**. In. BURAK, Solum Donas (Compilador). (2001). *Adolescencia e Juventud em America Latina*. Cartago, Costa Rica, LUR-Livro Universitário Regional , pp. 57-74.

PAULA, Lucília Augusto Lino de. **O movimento estudantil da UFRural: memórias e exemplaridade**. Tese de doutorado, Departamento de Pós Graduação em Educação, PUC-Rio, 2004.

PIGNOLI, Dario. **"Telesur será independente, neutra jamais!"** IN: Agência Carta Maior, 08/07/2005. Disponível em: <http://www.agenciacartamaior.uol.com.br>. Tradução: Marco Aurélio Weissheimer.

RAMOS, Murilo César. Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. IN: MELO, José Marques de; SATHLER, Luciano (orgs). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005, p.245-253.

REGUILLO, Rossana. **Emergência de culturas juveniles: estratégias del desencanto**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Media Education: modelli, esperienze, profilo disciplinare**. Milano: Carocci, 2001.

_____. **Teoria della comunicazione**. Brescia: Ed. La Scuola, 1998.

ROBOY, Marc. Mídia e democratização na sociedade da informação. IN: MELO, José Marques de; SATHLER, Luciano (orgs). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005, p.181-201.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**. SP: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza (org). **Democratizar a democracia. Os caminhos da democracia participativa**. RJ: Civilização Brasileira, 2002

SANTOS, Milton. **A democratização da comunicação nos discursos da sociedade civil brasileira, 1974-1994**. IN: Ordem / Desordem. PUC-Minas: Belo Horizonte, n. 12, p. 9-16, ago. 1995.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. In: **Novos Olhares - Revista de Estudos Sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos**. São Paulo: ECA/USP, Ano I, n 2, 1998, p.37-49

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** SP: Ed. Loyola, 2002.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Org. Evaristo de Moraes Filho, SP, Ática, 1983.

SOUZA, Marcio Vieira de. **As vozes do silêncio: o movimento pela democratização da comunicação no Brasil**. Florianópolis/ Paris: DIALOGO,FPH, 1996.

SOUZA, Mauro Wilton de (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. SP: Brasiliense, 1995.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. Tempo Social, São Paulo, v. 5, n.1-2, 1994. USP.

_____. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. SP: Ação Educativa, 2003. Disponível no site: www.acaoeducativa.org.br

VARELA, Mirta. **De las culturas populares a las comunidades interpretativas. Fagmentación y consenso em el campo de comunicación y cultura**. IN: Revista Diálogos de la comunicacion, n.56, Lima, Peru.

WERNECK, Ilana Eleá S. **O Movimento pela Democratização da Comunicação por jovens universitários**. Trabalho apresentado no III Seminário Internacional de Pesquisa da Comunicação. ALAIC/USP, maio de 2005.

_____. **Quando os jovens viram notícia de jornal? Uma análise das representações sociais na mídia**. Revista Ibero-Americana de Educação. Versão digital. Número:36/12, 10 de novembro de 2005. ISSN: 1681-5653. Disponível em: <http://www.campus-oei.org/revista/1061.htm>.

WHITE, Robert A. **Tendências dos estudos de recepção**. IN: Comunicação e Educação. SP: Moderna. Ano V, Nº13, set/dez 1998

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Itinerários de pesquisa. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANEXOS

I. Cópia do questionário enviado por *e-mail***QUESTIONÁRIO**

Ilana Eleá S. Werneck

ilana@mvirtual.com.br

(21) 92774002

Olá. Sou mestranda em Educação pela PUC-Rio e estou fazendo uma pesquisa sobre o movimento estudantil de Comunicação Social. Conto com a sua colaboração! Obrigada.

Sexo: () Masculino () Feminino Idade: _____ Estado civil: _____

Tem filhos (as)? _____ Quantos (as)? _____ Universidade: _____

Curso: _____ Semestre/Período: _____ Turno: _____ Cidade/Estado: _____

1. Você já participou de grêmios escolares?

() sim () não () a escola não tinha grêmio

2. Sua universidade é:

() pública () privada

3. Você mora:

() com os pais () sozinho(a) () em república () com namorado(a)/marido(esposa) () no alojamento

4. Como classificaria seu conhecimento nas línguas abaixo?

	Nenhum	Básico	Intermediário	Avançado
<i>Espanhol</i>	()	()	()	()
Francês	()	()	()	()
Inglês	()	()	()	()
Alemão	()	()	()	()
Outra: _____	()	()	()	()

5. De onde acessa a internet: () não acesso () universidade () casa () trabalho () estágio

6. Se você tem o costume de acessar a internet, o que usa:

() Email () Chats/irc () Listas de discussão () Orkut/Gazzag () Icq/Messenger
() Rádio online () Jogos virtuais () Compras () Jornais () Revistas () Fotolog ()
Blog () _____

7. Na sua casa tem:

() TV () Rádio () Vídeo () DVD () Gravador de CD () Computador
() Vídeo game () CD ROOM () Acesso à internet () Banda larga
() Impressora () Fax () Automóvel () Motocicleta () Bicicleta () Câmera de vídeo ()
Câmera fotográfica () Gravador () Coleta seletiva de lixo

8. Você:

Pratica algum esporte? () sim () não

() musculação () vôlei () natação () dança () luta marcial () futebol () outro. _____

9. Toca algum instrumento? () sim () não

() de cordas () de sopro () de percussão () de teclas Qual (quais)? _____

10. Quantas horas por dia, em média, você:

Assiste TV? () quase não assisto () até 1 hora () até 2 horas () até 3 horas () mais de 3 horas

Ouve Rádio? () quase não ouço () até 1 hora () até 2 horas () até 3 horas () mais de 3 horas

Fica na internet? () quase não fico () até 1 hora () até 2 horas () até 3 horas () mais de 3 horas

11. Qual canal de TV mais gosta de assistir? () nenhum () TVE () Globo () Band () Sbt () CNT () Canal a cabo. Qual? _____

12. Qual (quais) seu (s) programa (s) preferidos na TV? _____

13. Qual (quais) seu(s) programa(s) de rádio preferido(s)?

14. Faz estágio? () sim () não

15. Trabalha? () sim () não

16. O emprego é na área de comunicação? () sim () não

17. Com o que e onde pretende trabalhar depois de formado(a)? _____

18. Auxilia na renda familiar? () sim () não

19. Nível de escolaridade da sua mãe: () ensino fundamental () ensino médio () ensino superior () pós-graduação

20. Nível de escolaridade do seu pai: () ensino fundamental () ensino médio () ensino superior () pós-graduação

21. Profissão do seu pai: _____ **Profissão da sua mãe:** _____

22. Você faz parte de alguma religião? () sim () não () não tenho religião, mas acredito em Deus.

Se sim, qual?

() Católica () Evangélica () Candomblé () Kardecismo () Budismo () outra. _____

23. Há quanto tempo você participa do Centro Acadêmico?

() não participo () acabei de entrar () há quase 1 ano () há quase 2 anos () há mais de 2 anos

24. Se você não participa do centro acadêmico, indique algum dos motivos abaixo:

() não sei como participar, mas tenho vontade

() a minha faculdade não tem centro acadêmico

() não tenho tempo, mas gostaria

() não me interessa

() outro. _____

25. Você atua junto a algum rádio, Tv, revista ou jornal comunitários/alternativos? () não () sim. Qual (quais?) _____

26. Como você ficou sabendo da ENECOS?

() nunca ouvi falar () “Semana dos Calouros” () pelas reuniões do Centro Acadêmico () por amigos () por professores () outro. _____

Se você nunca ouviu falar na ENECOS, pode pular para a questão nº34. Obrigada!

27. Já participou de algum:

() Pré-COBRECOS () COBRECOS () Erecom () ENECOM () Conecom

28. Esteve presente esse ano no XII COBRECOS, na FAESA, ES? () sim () não**29. Se você não esteve presente, indique o motivo:**

() não fiquei sabendo () não tinha dinheiro
 () priorizei o Fórum Social Mundial () não tive vontade () estou trabalhando
 () outro. _____

30. Você se sente realmente comprometido com algum GET (Grupo de Estudo e Trabalho)?

() sim () não. Se sim, qual? _____

Se não, por quê? _____

31. Já participou de alguma Semana pela Democratização da Comunicação?* () sim () não

32. Se já participou ou se tem vontade de participar, diga por que “democratizar a comunicação”. Se não participou porque não concorda, conte por quê.

33. Deixe sugestões de livros/ autores/sites que você considera como referência(s) para a discussão da democratização da comunicação:

34. Indique 3 valores e 3 problemas que você considera como os principais da juventude atual.

Valores: _____

Problemas: _____

35. Espaço livre para comentários sobre a mídia, sobre o movimento estudantil de comunicação ou o que desejar. Se tiver participado do XII COBRECOS, sugestões, críticas e avaliações serão muito bem-vindas.

OBRIGADA!

II. Transcrição de uma das entrevistas realizadas

(Paula, UERJ, 7º período)

Quais lembranças você tem da relação da sua família com a mídia, desde a infância?

O principal na minha casa sempre foi a TV. Costumo brincar que a minha família é aquela família dos estudos do Muniz Sodré. O lugar de comunhão da família, lugar de conversa da casa, onde fica todo mundo junto é muito mais em torno da televisão do que numa sala de jantar, apesar de nos domingos a família estar sempre reunida. Tem essa coisa de ser o momento que o pai já chegou do trabalho, a mãe já chegou do trabalho, a gente já chegou da universidade e senta para ver novela e Jornal Nacional E aí ultimamente eu tenho sido a chata na frente da TV, meu pai diz que não agüenta mais ver tv ao meu lado, que é muito mais dessa coisa da mudança na maneira de ver televisão. A questão do Jornal Nacional eu costumava ver quando ainda estava sonhando em ser jornalista, eu costumava assistir o JN com mais regularidade e com mais crença.

Depois quando você começa a estudar os mecanismos da mídia – tanto a questão teórica mesmo - a gente já começa a ver de forma mais crítica como o jornalismo é produzido. Você vê como na verdade o cara não tem tempo para apurar, começa a ver que ali é a visão do jornalista sobre um determinado fato. E depois a parte mais ideológica, que uma notícia sempre serve a alguém, que a Globo e o Jornal Nacional tem uma política editorial bem de direita, fundamentada a serviço das elites e você começa a enxergar de uma forma mais crítica.

Como assim, mais crítica?

Tv como um todo, por exemplo. Eu vendo novela eu também sou uma chata. “Que estereótipo, olha que preconceito!”. Acho que ainda assisto muita tv. Quantas horas eu perdi hoje na frente da TV? Acho que é uma coisa de costume. Eu assisto muita tv, agora não estou acompanhando nenhuma novela. Acompanhei Senhora do Destino, meu pai gosta muito de novela, então tem isso também, aquela da década de 20. Assisto e critico, é até uma coisa engraçada.

Mas eu às vezes assisto para dizer que absurdo, e tal. Essa agora do Miguel Falabella tem essa história de uma índia e tem os grupos lançando um manifesto¹. Assisto criticando mas eu acho que é muito pela organização da minha família. A Tv maior é a da sala, é a única que tem Tv à cabo, mas o que a gente está vendo é a Globo, novela.

O que seus pais acham dessa sua mudança na maneira de ver TV, de você estar no movimento estudantil?

Minha mãe acha legal. Meu pai é mais tradicional, é mais “direitoso”. Um tempo atrás eu estava tendo até problema com ele. Mas minha mãe vem de uma tradição mais de esquerda e militante. Meus avós foram militantes em 64, participaram do MR8, meu avô foi preso, minha mãe chegou a militar um pouco em movimento de educação, no SEPE e hoje está mais parada, então ela já aceita de uma forma mais tranqüila. Meu pai quando entra na discussão mais profunda ele já fica com o pé mais atrás.

O divisor de águas é quando eu preciso de dinheiro para ir a um encontro (estudantil) e eu não tenho. Por que aí que vai a discussão: na maioria das vezes é o econômico é que pauta. Ele não chega proibir, mas quando o poder de decisão está com ele, vem discutir: “Mas e aí? O que isso contribui para a sua formação? Você vai ser uma jornalista melhor? Mas e o estágio?” Quando a gente sai da comunicação e começa a discutir modelo de sociedade, ele sempre fecha assim: “Então você está falando de um modelo de sociedade que nunca existiu, que já existiu parecido mas que não deu certo mas que na verdade só existe nos livros? É por isso que você está lutando?”

Ele não é um cara que se interessou e se interessa por isso, em pensar novos modelos. A gente já teve questões sérias porque eu digo que ele sonha em ser burguês. Eu digo que ele sonha com isso porque ele foi dono de fábrica e dono de hospital e hoje como a maioria dos brasileiros esta passando por dificuldades financeiras e não consegue entender ele não ser o dono do meio de produção. Mas também consegue levar. A questão da comunicação ele até brinca, diz que “olhem como ela é chata, vê televisão só para criticar!”

Você acha que a formação no curso de Comunicação desperta para a visão mais crítica?

Tem papel de divisor de águas. Primeiro vem da carga que você traz de casa, é essencial, não necessariamente de casa ou da família, mas algum momento antes da faculdade deve ter alguma coisa que te despertou.

No seu caso, o que te despertou?

Eu coloco o Pedro II muito como isso, porque é um colégio tradicional do Rio de Janeiro, você lê em livro de história sobre o movimento estudantil, essas coisas. Você sempre vê o Pedro II, você é chamado a isso. Eu estou aqui nessa escola tradicional, esse prédio antigo, com esse uniforme que eu vi nos Anos Rebeldes, né? O que eu tenho para fazer agora? A minha militância começou muito disso.

Você participava dos grêmios da escola?

No grêmio eu nunca consegui participar, porque eu peguei momentos no Engenho Novo e na Tijuca de desmobilização muito grande. Engenho Novo não tinha grêmio e eu nem cheguei a pensar em organizar um e na Tijuca o grêmio que ganhou estava mais preocupado em organizar festas, fazer jornal de recadinhos. Costumava ir às assembleias, peguei várias greves no Pedro II. Em escola particular é tudo mais fácil, você pagou e tem tudo ali. Agora quando tem um segmento inteiro, os professores param de trabalhar, você tem que saber por que. Assembleia, passeata na rua, acho que despertou um pouco isso. Quando chegou na universidade – acho que a universidade é o lugar que você tem mais oportunidade de entrar em contato com tudo e uma dessas coisas é movimento social, é discussão política, a coisa aflorou.

Então você considera a universidade como um ambiente que tenha despertado para pensar a democratização da comunicação?

Eu acho que todo estudante de Jornalismo ele passa a ter uma visão mais crítica, independente da visão ideológica, ele passa a ler jornal e a ler revista mais criticamente, aprende a entender a forma como aquilo se dá, como muitas das vezes você dá o encaminhamento, a impressão que você teve da pessoa que você entrevistou, se você conseguiu entrevistar bem ou não, a questão da pressa. Você vê que é o senhor daquela informação. Quando você parte para a discussão geral, de monopólio da mídia, de modelo de sociedade, aí vai ainda mais. Para o estudante daqui que não está dentro discussão, por exemplo, o estudante daqui, que não conhece a Enecos, que nunca ouviu falar ou que não se interessou eu acho que ele já vê o jornalismo de uma outra forma, eu imagino e espero. Mas já o estudante que tem algum contato não só com o curso, mas com a ENECOS ou com outras formas de discussão política, ele passa a ver ainda uma forma diferente o modelo de comunicação.

Como você começou a participar do centro acadêmico da universidade?

Quando entrei aqui na UERJ o CA estava fechado. Já tinha um grupo organizado e grande parte era de estudantes da minha turma organizados para reabrir o CA. Fizeram eleição eu nem cheguei a entrar na chapa, mas passei a vir nas reuniões e foi uma coisa mais orgânica. Eu passei a vir às reuniões ativamente, participei da gestão ativamente. A gente fez uma segunda eleição mais ou menos com o mesmo grupo e agora a gente fez com terceira eleição que desse 1 grupo só tem 3 pessoas e a gente está preocupado em deixar continuidade.

Em janeiro de 2003 a gente foi no primeiro encontro da Executiva, que foi em Porto Alegre, o Cobrecos. Já tinha tido a um no Rio mas não me perdôo por não ter ido. Depois teve em Florianópolis, Esse Cobrecos de Porto Alegre, a gente diz que foi um encontro que deu muito certo e a gente voltou com muito gás. As pessoas até hoje viram os olhinhos quando falam desse Cobrecos. A gente

voltou com muito gás e conseguiu colocar o ca para trabalhar melhor. Começou a ficar muito próximo da Executiva.

O que significa, para você, participar do movimento estudantil de comunicação?

Eu não consigo me imaginar em nenhum momento pura e simplesmente engolindo, vendo a banda passar. Agora que eu sou estudante acho que seria natural tentar já que eu identifico vários problemas na comunicação e na educação tentar não seria nem criticar o nome, tentar problematizar isso publicamente. Já que existe uma Executiva aglutinar esses estudantes e fazer com que esse debate se espalhe. Que nas escolas de comunicação os próprios estudantes comecem a pautar comunicação contra-hegemônica, e aí outras coisas que a gente discute que não tem a ver diretamente com comunicação, Mas comecem a discutir modelo de sociedade, capitalismo, imperialismo, FMI, ALCA, o que seja. Estar questionando e já que sou estudante estar nesse espaço, e depois com movimento sindical.

Você pensa em trabalhar com o quê?

É uma dúvida que eu tenho. Não quero deixar de ter experiência de mercado mesmo, de verdade, não elimino essa oportunidade não. Para poder até falar com mais propriedade, a única certeza que eu tenho é que quero seguir na academia. Fazer mestrado, doutorado, dar aula, acho que o professor tem um poder muito grande, um papel muito grande para despertar o estudante em outras possibilidades.

Algum professor aqui apóia a democratização da comunicação, traz essa discussão para dentro das salas?

Infelizmente não. Eu participei por 2 anos de um projeto que era um pouco próximo disso, que era de jornalismo comunitário, que é muito importante, de fazer com que as comunidades tenham voz, que elas fazem por elas mesmas, e não que venha um jornalista falar o que eles pensam. Ali eu achei que era o meu espaço, era um projeto de extensão com chance de virar pesquisa. Concepção da própria professora de comunicação e comodismo dela e meu também começou a virar uma terapia ocupacional. Quando a gente não conseguia liberar o jornal no tempo certo ela dizia que era melhor estar ali uma vez por semana garantindo que elas não estivessem na rua ou se aliando ao tráfico. Óbvio que eu não queria que elas se envolvessem com o tráfico, meninas de 15 anos. Mas o que eu queria era discutir comunicação, discutir como a mídia vê moradores da favela, a importância de não só consumir, mas produzir, o que ia acontecer quando o Morro dos Macacos passasse a ter um jornal, essas coisas.

O que a ENECOS simboliza para você?

Costumo dizer que a Enecos é uma outra faculdade. Discussão sobre democratização da comunicação eu tenho plena certeza que um aluno que tenha como a única forma de informação o curso de Comunicação Social da UERJ e de grande parte das faculdades ele não vai saber discutir democratização da

comunicação, dificilmente ele vai pensar que o modelo de comunicação brasileiro tem alguma coisa de errado. Precisamos de pressão popular e a Enecos acho que é uma das entidades que poderiam organizar isso, eu acho. O ideal que é uma coisa que a gente conversa todo ano é fazer com que cada vez mais estudantes conheçam a façam parte da Executiva. A Enecos é reconhecida como uma das executivas mais organizadas dos movimentos de área. Mas se você for ver a gente é muito pouco. O nosso congresso nacional que tem deliberação para o ano inteiro teve esse ano 200, 300 estudantes.

Já conversou com outros estudantes, por que não participam?

A gente procura sempre no início do semestre fazer recepção dos calouros e convidar para a Executiva. Todo ano o Enecom gera essa discussão. Todo mundo quer ir para o Enecom e a gente fica tentando qualificar a formação. Tem aquela galera que acha que na verdade a gente está falando sempre a mesma coisa. A gente discutia em chegar até a base (estudantes), democratizar a comunicação, ser contra o monopólio, contra as opressões na mídia, fazer uma avaliação de que a UNE é problemática e que se ele voltar 6 anos depois ele vai ouvir a mesma coisa. É um dos problemas. E eu digo que infelizmente nada mudou. Eu não tenho problema com isso. Vou continuar falando que o capitalismo é uma merda enquanto eu vir pessoas morrendo de fome. Agora para não ser chata eu vou dizer que o capitalismo e o monopólio da mídia podem ser interessantes, vou?

Você defende o socialismo?

Eu acho que não li e estudei o bastante para dizer que eu sou socialista. É muito complicado alguém que nunca leu Marx, as outras correntes e diga que seja socialista. Eu tenho plena certeza que esse modelo de sociedade não dá. Eu tenho certeza que eu não vou ver o fim da sociedade capitalista, do monopólio da mídia, só que começa aí, cada sindicato e universidade com um jornal mas alguém tem que colocar fogo. A gente tem algumas respostas boas. A lei de Tvs a cabo. A Tv universitária, a lei que garantiu esse tipo de coisa foi uma vitória de movimento social, Tv Comunitária, Tv Universidade. Foi uma vitória da Enecos, dos movimentos sociais, do FNDC. A presença de um estudante mais crítico numa sala de aula também qualifica os estudantes em volta. Os resultados são pontuais, mas existentes.

O que você consome de mídia?

Eu acho que basicamente são 3 jornais: Carta Capital, Caros Amigos, - consumir mídia é muito caro e o jornal Brasil de Fato que a gente assinava aqui (no centro acadêmico) e não assina mais.

Você já conhecia essas publicações antes de entrar na universidade?

Não, nunca tinha ouvido falar. Foi através da ENECOS que passei a conhecer e nunca mais parei de ler. Conheci também alguns *sites* bons, o blog do

Ricardo Noblat, tem o do CMI (Centro de Mídia Independente), mas para ter notícias mesmo eu acabo lendo jornal de grande circulação

Algum professor aqui apóia a democratização da comunicação, traz essa discussão para dentro das salas?

Infelizmente não. Eu participei por 2 anos de um projeto que era um pouco próximo disso, que era de jornalismo comunitário, que é muito importante, de fazer com que as comunidades tenham voz, que elas fazem por elas mesmas, e não que venha um jornalista falar o que eles pensam. Ali eu achei que era o meu espaço, era um projeto de extensão com chance de virar pesquisa. Concepção da própria professora de comunicação e comodismo dela e meu também começou a virar uma terapia ocupacional. Quando a gente não conseguia liberar o jornal no tempo certo ela dizia que era melhor estar ali uma vez por semana garantindo que elas não estivessem na rua ou se aliando ao tráfico. Óbvio que eu não queria que elas se envolvessem com o tráfico, meninas de 15 anos. Mas o que eu queria era discutir comunicação, discutir como a mídia vê moradores da favela, a importância de não só consumir, mas produzir, o que ia acontecer quando o Morro dos Macacos passasse a ter um jornal, essas coisas.

O que a ENECOS simboliza para você?

Costumo dizer que a Enecos é uma outra faculdade. Discussão sobre democratização da comunicação eu tenho plena certeza que um aluno que tenha como a única forma de informação o curso de Comunicação Social da UERJ e de grande parte das faculdades ele não vai saber discutir democratização da comunicação, dificilmente ele vai pensar que o modelo de comunicação brasileiro tem alguma coisa de errado. Precisamos de pressão popular e a Enecos acho que é uma das entidades que poderiam organizar isso, eu acho. O ideal que é uma coisa que a gente conversa todo ano é fazer com que cada vez mais estudantes conheçam a façam parte da Executiva. A Enecos é reconhecida como uma das executivas mais organizadas dos movimentos de área. Mas se você for ver a gente é muito pouco. O nosso congresso nacional que tem deliberação para o ano inteiro teve esse ano 200, 300 estudantes.

Já conversou com outros estudantes, por que não participam?

A gente procura sempre no início do semestre fazer recepção dos calouros e convidar para a Executiva. Todo ano o Enecom gera essa discussão. Todo mundo quer ir para o Enecom e a gente fica tentando qualificar a formação. Tem aquela galera que acha que na verdade a gente está falando sempre a mesma coisa. A gente discutia em chegar até a base (estudantes), democratizar a comunicação, ser contra o monopólio, contra as opressões na mídia, fazer uma avaliação de que a UNE é problemática e que se ele voltar 6 anos depois ele vai ouvir a mesma coisa. É um dos problemas. E eu digo que infelizmente nada mudou. Eu não tenho problema com isso. Vou continuar falando que o capitalismo

é uma merda enquanto eu vir pessoas morrendo de fome. Agora para não ser chata eu vou dizer que o capitalismo e o monopólio da mídia podem ser interessantes, vou?

Você defende o socialismo?

Eu acho que não li e estudei o bastante para dizer que eu sou socialista. É muito complicado alguém que nunca leu Marx, as outras correntes e diga que seja socialista. Eu tenho plena certeza que esse modelo de sociedade não dá. Eu tenho certeza que eu não vou ver o fim da sociedade capitalista, do monopólio da mídia, só que começa aí, cada sindicato e universidade com um jornal mas alguém tem que colocar fogo. A gente tem algumas respostas boas. A lei de Tvs a cabo. A Tv universitária, a lei que garantiu esse tipo de coisa foi uma vitória de movimento social, Tv Comunitária, Tv Universidade. Foi uma vitória da Enecos, dos movimentos sociais, do FNDC. A presença de um estudante mais crítico numa sala de aula também qualifica os estudantes em volta. Os resultados são pontuais, mas existentes.

O que você consome de mídia?

Eu acho que basicamente são 3 jornais: Carta Capital, Caros Amigos, - consumir mídia é muito caro e o jornal Brasil de Fato que a gente assinava aqui (no centro acadêmico) e não assina mais.

Você já conhecia essas publicações antes de entrar na universidade?

Não, nunca tinha ouvido falar. Foi através da ENECOS que passei a conhecer e nunca mais parei de ler. Conheci também alguns *sites* bons, o blog do Ricardo Noblat, tem o do CMI (Centro de Mídia Independente), mas para ter notícias mesmo eu acabo lendo jornal de grande circulação

III. Caderno de Resoluções da ENECOS 2005



Caderno de Resoluções 2005 da ENECOS

EIXO SOCIEDADE:

1. Oposição ao neoliberalismo. Pela superação do capitalismo e pela construção de alternativas a esse sistema.
2. Pela construção de uma sociedade justa e igualitária, libertadora e emancipadora do indivíduo. Contra toda forma de opressão e autoritarismo.
 - 2.1 Associar o debate sobre transformação social às demais bandeiras da ENECOS nas escolas.
 - 2.2 Que a ENECOS garanta o debate e a explanação sobre outras formas de organizações sociais em seus espaços, como encontros nacionais e regionais.
 - 2.2.1 Publicizar as discussões sobre a sociedade que queremos, feitas nos encontros da ENECOS através da publicação de resoluções no site.
3. Aproximação dos movimentos sociais que lutem com a perspectiva de transformações sociais.
 - 3.1 Intensificar a relação e a atuação da Executiva junto aos movimentos sociais como forma de atrelar as bandeiras específicas da ENECOS com a luta pela transformação social.
 - 3.2 Manter a autonomia do Mecom com relação aos movimentos sociais respeitando as limitações da relação entre movimentos sociais diferentes.

- 3.3 Apoiar núcleos/estágios de vivência junto aos movimentos sociais.
 - 3.4 Mobilizar para a construção do Eneterra.
4. Autonomia do movimento estudantil em relação aos partidos políticos.
 5. Combate às opressões para a construção da consciência de classe.
 6. ***A ENECOS é contra a perpetuação e a reprodução de todas as formas de opressão na sociedade.***
 - 6.1 A ENECOS atuará no sentido de dar espaço e visibilidade à questão do combate às opressões, partindo dos encontros da Executiva até a ampliação para espaços maiores na sociedade.
 - 6.1.1 Referenciar ambos os sexos em todos os documentos da Executiva.
 - 6.1.2 Apresentar um planejamento dos espaços culturais que acontecem nos encontros da ENECOS, a fim de evitar a contradição entre o lúdico e a discussão. Fortalecimento da base para que a luta contra a opressão tenha solidez para se ampliar aos demais espaços sociais.
 - 6.2 Fomentar e instrumentalizar entidades de base para o combate diário às opressões de gênero, raça, sexo e etnia.
 7. ***Reconhecimento da arte como instrumento mobilizador e de transformação social.***
 - 7.1 Pela preservação das diferenças culturais como forma de fortalecer a diversidade da nossa identidade nacional.
 - 7.1.1 Que a Executiva integre a discussão de cultura nos seus espaços e atividades.

Conjuntura Internacional:

8. Contra intervenções militares em países estrangeiros que ferem a soberania e a autodeterminação dos povos.
 - 8.1 Contra a permanência das tropas brasileiras no Haiti.
 - 8.2 Contra as sanções econômicas que sacrificam o povo cubano.
 - 8.3 Contra as intervenções imperialistas e terroristas.
9. Apoio às reformas sociais na Venezuela. Contra as intervenções golpistas dos EUA e sanções econômicas impostas aquele país.
10. Contra a Alca (Área de Livre Comércio das Américas) e o acordo Mercosul-União Européia.
 - 10.1 Articulação com outras entidades para uma campanha contra a Alca.

Conjuntura Nacional:

11. Oposição ao governo neoliberal de Lula.
 - 11.1 Por uma posição mais combativa da ENECOS em relação ao neoliberalismo do Governo Lula.
 - 11.2 Contra o pacto social do Governo Lula.
 - 11.3 Contra o Programa Fome Zero.
 - 11.4 Contra o Pacto pelo Desenvolvimento e pelo Emprego.
 - 11.5 Contra o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social.
12. **Pelo não pagamento da dívida externa. Auditoria da dívida como está previsto na Constituição Federal.**
13. Contra a autonomia do Banco Central.
14. Contra as práticas e políticas assistencialistas do Governo Lula.
15. Contra as reformas neoliberais Sindical, Trabalhista e Universitária do Governo Lula.
 - 15.1 Inserção da executiva em fóruns de discussão e atuação que se proponham a combater as reformas neoliberais do Governo Lula.
 - 15.1.1 Que a ENECOS incentive CAs e DAs a realizar seminários/debates junto aos movimentos sociais sobre as reformas neoliberais do Governo Lula.
 - 15.1.2 Promover atos públicos que visem barrar reformas neoliberais.
 - 15.2 Por uma estrutura sindical baseada na discussão e decisão na base. Contra a centralização de poder nas instâncias nacionais dos sindicatos.
 - 15.2.1 Plenária final no congresso aprove uma moção de apoio ao Andes-SN e contrário à intervenção do governo sobre os sindicatos.
16. Repúdio a aprovação das parcerias-público-privadas (PPP's).
17. Apoio à luta pela Reforma Agrária.
 - 17.1 Pela expropriação das terras improdutivas e de fazendas que mantêm trabalhadores na condição de escravos.
18. Reconhecer a Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) como um importante espaço de articulação, mas dentro dela se opor às direções de UNE e CUT.
19. Contra o desemprego e a precarização das relações trabalhistas.

- 19.1 Pela diminuição da jornada de trabalho para seis horas, sem redução de salário, nem isenção de impostos.
- 19.2 Contra o salário mínimo irrisório do Governo Lula. Pelo aumento substancial do salário mínimo.
- 19.3 Que a ENECOS se posicione em favor da classe trabalhadora e dos estudantes - futuros trabalhadores - e contrária a ataques aos direitos trabalhistas e de auto-organização da classe.

EIXO EDUCAÇÃO:

- 20. Lutar por um sistema educacional público, gratuito, de qualidade e transformador.
- 21. Contra o ensino de caráter mercantil nas instituições públicas e privadas.
- 22. Contra o financiamento do BNDES à Universidade privada.
- 23. Contra o vestibular.
- 24. Contra as Empresas Juniores e seu caráter mercadológico e privatizado nas instituições públicas e privadas de ensino superior.
 - 24.1 Fomentar o debate sobre a existência das Empresas Juniores.

Universidade:

- 25. Pela defesa de uma universidade pública, gratuita, laica, com qualidade socialmente referenciada, autônoma, com gestão democrática para todas e todos.
 - 25.1 *Pela derrubada dos vetos ao PNE (Plano Nacional de Educação) impostos pelo governo FHC e que impedem avanços importantes no campo do fortalecimento da Educação Pública.*
 - 25.2 *Por 10% do PIB para educação.*
 - 25.3 *Participação nos espaços de formulação em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade.*
 - 25.4 *Participação mais efetiva da ENECOS junto ao FONDEP (Fórum em Defesa da Escola Pública).*
 - 25.5 *Que a ENECOS reivindique ao MEC a destinação de verbas específicas para assistência estudantil nas universidades públicas.*
- 26. *Por uma política de assistência estudantil que possibilite que qualquer estudante possa se manter na universidade pública e que nas IES privadas ela se mantenha com recursos da própria instituição.*
- 27. Pela defesa da política de cotas para negros, estudantes de escolas públicas, segmentos excluídos, acompanhada, obrigatoriamente, de assistência estudantil que garanta plena vivência universitária e melhoria do ensino público fundamental e médio.

28. A favor de ações afirmativas educacionais acompanhadas de uma política de expansão de vagas com qualidade no ensino superior público, e também de uma política adequada de assistência e permanência estudantil.
- 28.1 Que a ENECOS promova e fomente espaços de discussões e debates sobre ações afirmativas.
29. Pela liberdade política dos estudantes em universidades públicas e privadas.
30. Por eleições diretas e paritárias para reitor, diretor de unidade, chefe de departamento, coordenadores de curso e conselhos paritários em escolas públicas e privadas.
31. Pela regulamentação das instituições de ensino superior privadas, especialmente na questão do cumprimento do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão.
- 31.1 Que o Mecom fortaleça o debate sobre instituições de ensino superior privadas e pautar o tema com mais força nos espaços da Executiva.
- 31.2 Pela divulgação das planilhas de custos das IES privadas e pela redução de suas mesalidades.
- 31.3 Fomentar o debate e lutar pela inclusão do orçamento participativo dentro do sistema de gestão financeira das universidades.
- 31.4 Por bolsas, políticas de Ensino, Pesquisa e Extensão nas IES particulares com a taxa dos donos e mantedoras de escolas particulares, sem isenção de impostos.
- 31.5 Que a expansão do ensino superior público e privado seja feita nas áreas de maior demanda social e não pela procura/demanda de mercado ou qualquer outro critério.
32. Valorização do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão como eixos fundamentais da formação superior.
- 32.1 Defesa da autonomia das pesquisas desenvolvidas na universidade.
- 32.2 Pelo aumento das bolsas de pesquisa e de monitorias para o estudante.
- 32.3 Que a ENECOS lute por maior financiamento das pesquisas nas universidades públicas.
- 32.4 Pela reestruturação dos veículos laboratoriais, quadro docente e técnico-administrativo e políticas de pesquisa e extensão na universidade pública.

Qualidade de Formação do Comunicador:

33. Por uma formação crítica e libertária nos cursos de Comunicação Social; contra o ensino tecnicista. Pela qualidade de formação.

- 33.1 Que a ENECOS incentive debates sobre os projetos pedagógicos do curso, tendo a qualificação de formação como objetivo.
 - 33.2 Contra o estágio obrigatório como parte fundamental da formação em comunicação.
 - 33.3 Pela regulamentação dos estágios em Comunicação Social como complemento de ensino.
 - 33.3.1 Que o GET de Qualidade de Formação produza uma proposta de regulamentação dos estágios em Comunicação Social sobre qual modelo de estágio queremos ter.
 - 33.3.2 Produção de documentos com a discussão sobre a regulamentação do estágio para serem distribuídos entre CA's, DA's e estudantes.
 - 33.4 Incentivar o envolvimento dos estudantes nos projetos de reforma curricular, para que haja discussão a respeito do melhor currículo a ser implantado, tendo em vista o projeto político-pedagógico do curso.
 - 33.5 Pela integração das habilitações na formação do comunicador social.
 - 33.6 Que a ENECOS rearticule a luta pela qualidade de formação do comunicador, relacionando-a com a luta pela democratização da comunicação.
 - 33.7 Que a ENECOS defenda uma formação do comunicador que tenha como pressuposto a sua responsabilidade na transformação da sociedade, e que nela seja prioritária a análise crítica da sociedade em que vivemos, e da atual conformação dos meios de comunicação. Que o comunicador seja formado para ser articulador social de fato.
34. Fomentar e incentivar veículos laboratoriais/experimentais, não alinhados com os modelos de produção de mercado, como forma de instrumentalização/formação prática do comunicador alternativa ao estágio.

Reforma Universitária:

- 35. Contra a Reforma Universitária do Governo Lula.
- 36. Fortalecimento do combate à Reforma Universitária do Governo Lula.
 - 36.1 Dar continuidade à campanha “Vamos barrar essa reforma”. Realizar algumas propostas como spots, alimentação do site e atualização da cartilha.
 - 36.2 Fortalecer a participação e intervenção da ENECOS no GT nacional “para Barrar essa reforma”.
 - 36.3 Tentar articular em conjunto com outras instituições representativas, uma paralisação geral de estudantes universitários nos dias de votação da lei orgânica.

37. Pela ampliação de vagas com qualidade em universidades públicas. Contra o investimento público no setor do ensino superior privado.
38. Em defesa do aumento de vagas nas escolas públicas para garantir a inclusão de todos os estudantes no ensino superior.
39. Contra a preconização do ensino superior público e a conversão das IFES em centros universitários, e a conseqüente redução do investimento público.
40. Contra as fundações de direito privado na universidade pública, repudiando a legitimação destas fundações no projeto de Lei Orgânica da Reforma Universitária do Governo Lula.
41. Contra o Projeto de Lei de Inovações Tecnológicas.
42. Contra Sinaes/Enade.
- 42.1 Que a ENECOS produza um documento explicitando sua avaliação e posição sobre o Sinaes/Enade.
- 42.2 Organizar o boicote ao ENADE nacionalmente e junto com outras entidades do movimento estudantil.
43. Por uma avaliação Institucional democrática, negociada internamente, com a participação de todos os segmentos da comunidade acadêmica e global, não ranqueatória nem punitiva.
- 43.1 Que a Avaliação Institucional contemple as discussões de orçamento, plano de carreira e salários dos servidores, qualidade das aulas, estrutura física e organização política da instituição.
- 43.2 Atualização e retomada do Projeto Avaliação pra Valer como contribuição do MECOM para uma alternativa ao Enade.
- 43.2.1 Que a ENECOS retorne as discussões sobre o “Avaliação Pra Valer” nos seus fóruns e listas de discussão, também promovendo seminários, palestras e debates na esfera local.
- 43.2.2 Que o GET de Qualidade de Formação estimule e subsidie a discussão de “Avaliação pra Valer” e Enade no ENECOM.
- 43.3 Que a ENECOS articule os CAs e DAs para organizar conselhos periódicos em suas escolas onde professores e alunos avaliem permanentemente a qualidade do ensino nos cursos de Comunicação Social.
- 43.4 Que a ENECOS paute a discussão do Enade no Fórum de Executivas.

EIXO COMUNICAÇÃO:

44. Pelo direito à comunicação como um direito social, fundamental e inalienável para a formação crítica do ser humano.

45. Luta pela democratização da comunicação como um dos caminhos para a transformação da sociedade para que a comunicação seja um meio de transformação radical da sociedade.
- 45.1 As lutas pela democratização devem ser encampadas em três eixos: institucional, ação direta e ação nas escolas. E em momento algum, as lutas institucionais devem sobrepor aos outros eixos de luta.
- 45.2 Diálogo com fóruns não-governamentais inseridos na lógica da democratização da mídia.
- 45.3 Continuar articulando uma nova frente de luta pela democratização, buscando sensibilizar outros movimentos sociais da importância dessa pauta.
- 45.3.1 Realização da 3ª Semana pela Democratização da Comunicação, buscando integrar outros movimentos no processo de organização.
- 45.3.2 Que a Semana Democratização da Comunicação relacione questões de conjuntura com questões da indústria cultural.
- 45.3.3 Que o GET de Democratização da Comunicação reformule a cartilha sobre Democratização da Comunicação e que ela seja utilizada como embasamento teórico nas universidades para que os estudantes possam compreender e mobilizarem-se para a discussão da bandeira.
- 45.3.4 Realizar debates sobre concessões públicas durante a Semana de Democratização da Comunicação.
- 45.3.5 Que durante a Semana pela Democratização da Comunicação os estudantes sejam mobilizados para ação direta contra a sua renovação de concessões.
46. Que a luta pela democratização se dê de forma a atender as necessidades específicas de cada região, mas sem perder de vista o panorama nacional do sistema comunicacional.
- 46.1 As regionais da ENECOS devem organizar debates periódicos promovido de acordo com as possibilidades de cada uma para ampliar o conhecimento sobre democratização com os estudantes universitários.
47. *Pela quebra do monopólio da mídia.*
- 47.1 Que sejam pautados nas mobilizações do movimento estudantil e dos movimentos sociais debates que relacionam suas demandas específicas com a abordagem feita pela grande mídia e a quebra do monopólio da mídia.
48. *Pelo fim da mercantilização cultural midiática.*

- 48.1** Fomentar e apoiar projetos de comunicação que divergem do modelo de comunicação de massa e indústria cultural
- 49.** *Contra a reprodução das opressões por todas as formas de mídia.*
- 49.1** *Fomentar a discussão sobre opressões na mídia*
- 49.1.1** *Pela realização do “dia nacional contra as opressões na mídia” dentro das atividades da Semana Nacional pela Democratização da Comunicação.*
- 50.** *Pelo controle social da mídia.*
- 51.** Defesa do Software Livre.
- 52.** Pelo Aprofundamento das discussões sobre propriedade intelectual.
- 53.** Pela democratização da programação das rádios e tvs universitárias. Que a programação seja construída pela comunidade acadêmica.
- 54.** Acompanhar o processo de fomentação da campanha Cris Brasil e estabelecer parcerias pontuais, quando a forma de mobilização proposta de adequar aos objetivos da executiva.
- 55.** Contra o aparelhamento e a manipulação dos meios de comunicação comunitários.
- 56.** *Apoio à comunicação comunitária e alternativa.*
- 56.1** Incentivo a criação de rádios comunitárias e livres dentro das IES.
- 56.1.1** *Disponibilizar material informativo de como montar uma rádio.*
- 56.1.2** *Incentivar a instalação de rádios livres nos encontros da ENECOS.*
- 56.2** Incentivar CAs e DAs a fomentar a criação de núcleos de vivência em meios alternativos de comunicação.
- 57.** *Contra a repressão de caráter criminoso àqueles que lutam pelo direito a comunicação e contra o fechamento de rádios livres e comunitárias pela Anatel e Polícia Federal.*
- 57.1** *Buscar a aproximação com os movimentos de rádios comunitárias e livres. Promover a troca entre esse movimentos e a universidade.*
- 57.1.1** *Divulgar as repressões às rádios livres e comunitárias e ao Centro de Mídia Independente.*
- 57.2** *Redigir documentos sobre o debate de direito a comunicação e a repressão realizada pelo governo federal as rádios comunitárias.*

Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC):

58. *Que a ENECOS se retire da comissão Executiva do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, mas que acompanhe os seus debates institucionais.*

Políticas Públicas em Comunicação:

59. Pelo fortalecimento da TV pública e não-submissa ao Estado em detrimento da TV comercial.
60. Pela discussão do modelo de radiodifusão digital brasileiro e repúdio aos modelos estrangeiros que não contemplam a realidade brasileira.
- 60.1 Aprofundamento das discussões sobre a digitalização das comunicações
- 60.1.1 Promover fóruns e debates nas escolas de comunicação e na sociedade sobre a digitalização.
61. Que a ENECOS lute para que a digitalização da radiodifusão brasileira amplie o número de canais e que todos os canais sejam distribuídos para a sociedade civil organizada.
- 61.1 Que a ENECOS articule uma carta que exija do governo que as universidades e demais entidades sociais participem diretamente do processo de escolha do sistema digital de radiodifusão.
62. Oposição a atual legislação e órgãos que regulamentam a comunicação comunitária.
63. Contra a renovação automática das concessões públicas de rádio e TV
- 63.1 *Que o GET de Democratização discuta e formule documentos sobre a proposta do Governo da Lei de Comunicação de Massa.*
64. Contra o financiamento da Globo e outras empresas de comunicação pelo BNDS.
- 64.1 Repúdio a indicação de Eunício de Oliveira, como Ministro das Comunicações.
- 64.1.1 Nota de repúdio a política de comunicação do Governo Lula e da utilização do Ministério da Comunicação como barganha política.
- 64.1.2 Divulgação da carta de repúdio a Eunício de Oliveira.
65. *Posicionar-se sobre o Ancinav somente depois de acúmulo de discussão sobre o assunto.*
66. *Contra o Conselho Federal de Jornalismo.*
67. *Pela discussão do Mecom sobre a possibilidade de regulamentação do profissional de comunicação social.*

- 67.1 Que o Mecom realize debates nas escolas sobre a regulamentação da profissão e conselhos profissionais.
68. Pela inserção de técnica de comunicação e conteúdo de leitura crítica dos meios de comunicação nas escolas de ensinos fundamental e médio.
- 68.1 *Por uma aproximação com projetos educacionais que trabalhem com mídia em escolas (ensinos médio e fundamental) e fomentem a visão crítica do uso da mídia.*
69. Nota de repúdio ao Conselho de Comunicação Social.

EIXO MOVIMENTO ESTUDANTIL:

70. Pela participação da ENECOS em espaços de mobilização contra a Reforma Universitária do Governo Lula.
- 70.1 Que a ENECOS participe do II Encontro Nacional Contra a Reforma Universitária de Lula organizado pela CONLUTE.
71. **Pelo não reconhecimento da UNE como entidade representativa dos estudantes.**
- 71.1 Construir, em conjunto com as demais executivas, a luta do movimento estudantil nacional.
72. Que a ENECOS lute pela construção de uma entidade representativa dos estudantes. Contra a fragmentação e sectarismo do movimento estudantil.
- 72.1 Que a ENECOS busque aliados no movimento estudantil para a construção de uma entidade verdadeiramente democrática de representação.
- 72.2 Contra o aparelhamento (partidário, religioso etc.) nas entidades representativas do movimento estudantil. Contrária à construção de novas entidades por forças político-partidárias.
- 72.2.1 Não entrar na Conlute, assim como não reconhecê-la como entidade representativa dos estudantes.
73. Participar do Fórum de Executivas
74. Reconhecer o Fórum de Executivas como importante espaço de aglutinação do movimento estudantil.
75. **A ENECOS entende que o combate às opressões de etnia, gênero, orientação sexual e classe social deve ser feito em todas as esferas, inclusive dentro do Mecom.**

- 75.1 Manter esforço constante em garantir igual representatividade de mulheres e homens em todos os momentos, como, por exemplo, painéis e mesas de plenária.
- 75.2 Que a ENECOS participe dos espaços do ME que realizem os debates de combate às opressões de sexualidade, gênero e etnia.
- 75.3 Que a ENECOS apóie a construção do III Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual.
- 75.4 Que a ENECOS participe e intervenha criticamente do Encontro de Mulheres Estudantes.
- 75.5 Trabalhar o tema opressões como parte orgânica do Mecom, trazendo o debate à tona em todos os seus encontros e trabalhos.
 - 75.5.1 Que o GET de Combate às Opressões elabore um texto de introdução à questão do combate às para distribuição nas faculdades, durante as Calouradas.
 - 75.5.2 Que o GET de Combate às Opressões organize uma intervenção no ENECOM 2005, visando à conscientização e mobilização dos participantes no combate às opressões.
 - 75.5.3 Referenciar ambos os sexos em todos os documentos da executiva.

76. Pela construção de políticas junto com a base.

- 76.1 Aproximar as discussões do movimento estudantil da realidade do estudante, estabelecendo vínculos do cotidiano deste com as bandeiras de luta Mecom.
- 76.2 Que a Executiva proponha espaços na programação da Intercom a fim de se aproximar dos estudantes presentes no encontro.
- 76.3 Se aproximar das instituições de ensino superior pagas com o intuito de fortalecer as instâncias com participação estudantil.
- 76.4 **Que a ENECOS formule novas formas de linguagem ao buscar a participação de novas escolas no Movimento Estudantil de Comunicação.**
 - 76.4.1 Que a ENECOS incentive DAs e CAs a promover atividades nas universidades com o intuito de divulgar e atrair mais estudantes para o Mecom.

Organização do Mecom:

- 77. Por uma política de planejamento do Mecom.
 - 77.1 Que a ENECOS busque referências em outras entidades e movimentos para construir um método próprio de planejamento.
 - 77.1.1 Formular para o próximo COBRECOS uma metodologia que permita o Mecom sair do Congresso com um plano de ação e não só com um caderno de resoluções.

78. Que a ENECOS busque construir um processo eleitoral politizado, transparente e democrático, indiferente ao modelo do processo eleitoral.
- 78.1 Que a coordenação disponibilize no seu site informações sobre o processo eleitoral e as chapas concorrentes.
79. Que a ENECOS integre sua política de encontros com as formulações desenvolvidas pelos GETs.
- 79.0.1 Que os GETs subsidiem as atividades auto-gestionadas e oficinas da ENECOS.
80. Pela representação de todas as habilitações do curso de Comunicação Social nos encontros.

Política de Comunicação:

81. Pela articulação do Mecom no Brasil por meio do plano de comunicação previsto pelo GET.
- 81.1 *Elaborar meios de comunicação que sirvam para potencializar as discussões travadas nos fóruns da ENECOS e do Mecom, incentivar e promover a troca de informações entre a ENECOS, entidades e estudantes de comunicação, Divulgar e potencializar as bandeiras da*
- 81.1.1 *Fazer trabalho de assessoria com liberação de notas dos eventos da ENECOS para meios de comunicação alternativos.*
- 81.1.2 *Reconfiguração do portal virtual que também auxilie os GETs, a informação e integração da Executiva, apresentação do movimento, relatorias dos encontros e demais utilidades da ENECOS.*
- 81.1.3 *Confecção do Ecos (jornal), com periodicidade trimestral, voltado para os estudantes de comunicação.*
- 81.1.4 *Confecção do Informe ENECOS voltado para as entidades de base, visando a divulgação do andamento das ações e posicionamentos da entidade nos fóruns que participa.*
- 81.1.5 *Filmagem e edição dos Congressos e produção de vídeos para as escolas.*

Política de Finanças:

82. Por uma política de finanças da ENECOS, que tenha perspectivas de longo prazo.
- 82.1 Discutir, por meio do GET de Finanças, formas de financiamento da ENECOS e CAs/DAs filiados.

- 82.1.1** *Produção de uma cartilha de captação de recursos e finanças para CAs/DAs pelo GET de Finanças*
- 82.1.2** Um link direto sobre finanças no site da ENECOS
- 82.1.3** *Após a posse, a diretoria eleita deverá se organizar para divulgar um projeto contendo propostas de arrecadação financeira para o período de sua respectiva gestão.*

Grupos de Estudo e Trabalho – GETs:

- 83.** Permanência do GET de Democratização da Comunicação.
- 84.** Permanência do GET de Qualidade de Formação do Comunicador.
 - 84.1** Que o GET de Qualidade de Formação assuma os temas referentes a políticas universitárias.
- 85.** Permanência do GET de Combate às Opressões.